

VOLUME 29 | NÚMERO 72 | DEZEMBRO 2018

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Sesc

ARTIGO

Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

ENTREVISTA

Ana Mae Barbosa

PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Trajatórias – Uma breve
reflexão sobre nossas matrizes
culturais



Sesc São Paulo

Av. Álvaro Ramos, 991

03331-000 São Paulo - SP

Tel.: +55 11 2607-8000

sescsp.org.br

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

VOLUME
29

NÚMERO
72

DEZEMBRO
2018

ISSN
2358-6362

Produção técnica editada pelo
Sesc – Serviço Social do Comércio

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDENTES

Técnico-Social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini

Administração Luiz Deoclécio

Massaro Galina Assessoria Técnica e de

Planejamento Sérgio José Battistelli

GERENTES

Estudos e Programas Sociais Cristina Riscalla

Madi Adjunta Cristiane Ferrari *Artes Gráficas*

Hélcio Magalhães *Adjunta* Karina Musumeci

COMISSÃO EDITORIAL

Neide Alessandra Périgo Nascimento (coordenação), Adriana Reis Paulics, André Venancio da Silva, Cristina Fongaro Peres, Danilo Cymrot, Fernanda Andrade Fava, Fernando Marineli, Flavia Rejane Prando, Gabriel Alarcon Madureira, Gustavo Nogueira de Paula, Jair de Souza Moreira Júnior, Julio Cesar Pereira Júnior, Kelly Cecília Teixeira, Maria José Leandro Tavares, Mariana Barbosa Meirelles Ruocco, Octávio Weber Neto, Rosângela Barbalacco, Susana Coutinho de Souza Cerveira, Thais Helena Franco da Silva Leite

Editoração Thais Helena Franco

Produção Digital Ana Paula Fraay

Fotografias Capa:, pág. 8 e 9, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121: Mariana Waechter; pág. 26 e 27: Lucas Tannuri; pág. 48, 49, 68 e 69: Karla Proscila V. da Silva; pág. 86, 87, 88, 95 e 97: Maurício Azzolini; pág. 99, 104, 107 e 109: Matheus José Maria; pág. 122 e 123: Thiago Altafini.

Revisão Maria Clara Machado e Samantha Arana

Projeto Gráfico Marcio Freitas e Renato Essenfelder

Artigos para publicação podem ser enviados para avaliação da comissão editorial, no seguinte endereço:

revistamais60@sescsp.org.br

Mais 60: estudos sobre envelhecimento / Edição do Serviço Social do Comércio. – São Paulo: Sesc São Paulo, v. 29, n. 72, Dezembro. 2018 –. Quadrimestral.

ISSN 2358-6362

Continuação de A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento, Ano 1, n. 1, set. 1988-2014. ISSN 1676-0336.

1. Gerontologia. 2. Terceira idade. 3. Idosos. 4. Envelhecimento. 4. Periódico. I. Título. II. Subtítulo. III. Serviço Social do Comércio. CDD 362.604



CAPA

Mariana Waechter

Mariana Waechter é ilustradora, artista plástica e quadrinista.

mari.waechter@gmail.com

SUMÁRIO

- 1 PÁGINAS DE 8 A 25
Destaque da edição
Idosos cuidadores: uma realidade não desvelada
por Naira de Fátima Dutra Lemos
- 2 PÁGINAS DE 26 A 47
O cuidador formal domiciliar de idosos: aspectos psicológicos e vivências emocionais
por Rilza Xavier Marigliano e Claudia Aranha Gil
- 3 PÁGINAS DE 48 A 67
As experiências sociais da velhice no cárcere
por Nadia Regina Wacheleski e Beatriz Gershenson
- 4 PÁGINAS DE 68 A 85
Narrativas de velhos: histórias de vida e trabalho
por Eloisa Borges e Marasônia Corrêa da Silva
- 5 PÁGINAS DE 86 A 97
Um olhar sobre o envelhecer numa aldeia indígena
por Marina Marcela Herrero
- e PÁGINAS DE 98 A 111
ENTREVISTA: Ana Mae Barbosa
- f PÁGINAS DE 112 A 121
ILUSTRAÇÕES: Mariana Waechter
- p PÁGINAS DE 122 A 125
PAINEL DE EXPERIÊNCIA: Trajetórias - Uma breve reflexão sobre nossas matrizes culturais
por Adriano Antonio da Costa
- r PÁGINAS DE 126 A 129
RESENHA: Cuidar - Um documentário sobre a medicina humanizada no Brasil
por Jair de Souza Moreira Júnior



Quais são os desafios de cuidar?

Danilo Santos de Miranda

Diretor do Sesc São Paulo



Com as mudanças demográficas em curso no Brasil e no mundo, algumas questões ligadas ao cuidado com o envelhecimento, antes latentes, tornaram-se manifestas, interferindo diretamente nas políticas públicas, como é o caso da profissão de cuidador de idosos e todo o universo que ela permeia.

Naturalmente, a velhice apresenta-se heterogênea, e cada indivíduo vivencia o processo de envelhecimento de maneira singular. Assim, é possível notar que, se por um lado, algumas pessoas envelhecem com a saúde física e mental preservada, por outro, muitos indivíduos caminham para a velhice dentro de um quadro de fragilidade.

Para tanto, é essencial que o idoso seja tratado com conhecimento de sua condição, portanto, por profissionais especializados. No entanto, com a mudança no panorama familiar, a falta de regulamentação da profissão, a falta de preparo específico, entre outros fatores, é comum que a busca por um cuidador ocorra de maneira inadequada.

O perfil de cuidadores com idades semelhantes aos idosos dos quais cuidam é cada vez mais usual. Com frequência, é a mulher na condição de esposa, filha, neta, sobrinha que passa a assumir esse papel. Ao longo do tempo, com a somatória de dificuldades, essas pessoas podem sofrer eventos estressores significativos, resultado da sobrecarga e do isolamento social.

Neste sentido, a importância de cuidar dos cuidadores – formais e informais – é essencial diante dos fatores descritos. Ainda há a necessidade de capacitar profissionalmente esses ou outros indivíduos, com o objetivo de cuidarem com eficiência dos idosos e também de si mesmos.

Atuar com os profissionais interessados na temática, por meio de práticas de educação permanente, com reflexões que propiciem debates sobre o significado do cuidado para si, para os idosos, e a relação com as outras faixas etárias, é elemento constituinte do Programa Trabalho Social com Idosos do Sesc São Paulo, pois a construção de conhecimentos sobre questões contemporâneas e urgentes relacionadas apresenta-se como um dos objetivos do programa.

Como instigação, a partir da visão ontológica de Leonardo Boff¹, é possível e necessário refletirmos que aquilo que aparece a nós como fragilidade pode ser a força da sociabilidade: “Nós não temos apenas cuidado. Nós somos cuidado. Isto significa que cuidado entra na constituição do ser humano... sem cuidado, deixamos de ser humanos”. ☺

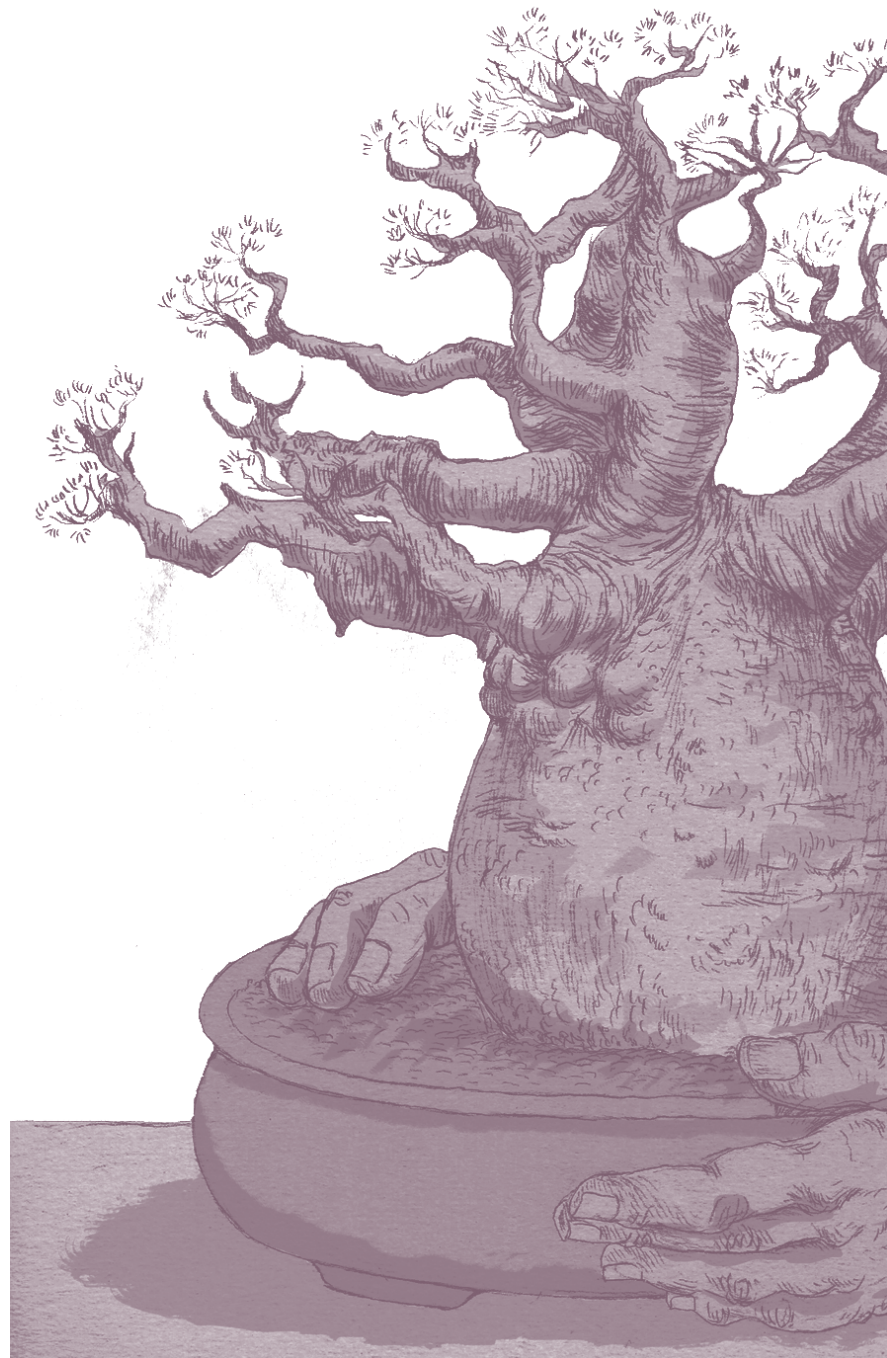
¹ BOFF L. (2005). O cuidado essencial: princípio de um novo *ethos*. In: *Inclusão Social*, v. 1, n. 1. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503/1689>. Acesso em: 1º fev. de 2019.



*Artigo
da capa*

Idosos cuidadores: uma realidade não desvelada

[Artigo 1, páginas de 8 a 25]





Naira de Fátima Dutra Lemos

Assistente social, especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), mestra e doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), professora afiliada da disciplina de Geriatria e Gerontologia da mesma universidade, coordenadora do Padi – Programa de Assistência Domiciliar ao Idoso e do Ambulatório para Cuidadores/Unifesp.
nairadutra@uol.com.br



RESUMO

Casos em que idosos assumem o cuidado de outros idosos têm sido frequentes nos serviços de atenção à saúde desse nicho, porém a literatura gerontológica, embora já conte com um significativo número de estudos acerca de cuidadores, ainda não trata com maior profundidade a questão de cuidadores idosos, suas dificuldades e suas perspectivas. Nossa prática profissional tem nos proporcionado conviver mais proximamente com essa nova e significativa questão que se coloca no cotidiano daqueles que atuam no campo da gerontologia. Este artigo pretende apresentar dados da literatura e retratar a nossa prática profissional visando discutir essa questão que hoje se desvela aos nossos olhos: idosos que cuidam de idosos. Com o objetivo de incentivar a implantação de serviços que possam atender a esses cuidadores em serviço específico, reconhecendo-os como sujeitos de direitos, por vezes tão ou mais vulneráveis quanto aqueles a quem cuidam, apresentamos a experiência do Ambulatório para Cuidadores de um serviço de geriatria e gerontologia de uma universidade federal. Esse ambulatório atende à necessidade de inclusão do tema cuidadores idosos na agenda das políticas públicas brasileiras como a garantia de oferecimento de suporte formal a esses cuidadores.

Palavras-chave: idosos, cuidado, cuidadores.

ABSTRACT

Elderly people who take care of other elderly people has been a frequent situation in the health services of the elderly, but the gerontological literature, although it already has a significant number of studies about caregivers, has not yet dealt with in greater depth the issue of elderly caregivers, their difficulties and their perspectives. Our professional practice has provided us to live closer to this new and significant issue that is placed in the daily lives of those who work in the field of gerontology. This article intends to present data from the literature, as well as to portray our professional practice, aiming at discussing an issue that today is revealed to our eyes: elderly people who care for the elderly. With the aim of encouraging the implementation of services that can serve these caregivers in a specific service, recognizing them as rights subjects, sometimes as vulnerable as those who care for them, we present the experience of the Ambulatory for Caregivers of a care service. Geriatrics and Gerontology of a Federal University. This clinic attends to the need to include the topic, elderly caregivers, in the agenda of Brazilian public policies, as the guarantee of offering formal support to these caregivers.

Keywords: elderly people, care, caregivers.

O poder que tem sobre nós as pessoas que amamos é quase sempre maior que o que temos sobre nós mesmos.

La Rochefoucauld

INTRODUÇÃO

Embora a velhice não esteja associada a doenças, sabemos que uma decorrência do processo de envelhecimento populacional é o aumento significativo de doenças crônico-degenerativas (LEMOS, GAZZOLA, RAMOS, 2006). Essas doenças crônicas são, na maioria das vezes, associadas a limitações físicas, perdas cognitivas e sensoriais, sintomas depressivos e isolamento social, podendo levar o idoso à fragilidade (RAMOS, 2003). Essas condições clínico-funcionais e sociais vão ser determinantes na necessidade de auxílio para a realização das atividades cotidianas dos idosos. Nesse contexto surge a figura do cuidador (LEMOS, 2012).

Cuidar de idosos em domicílio não é uma atividade nova, vem sendo cumprida há muito tempo e os arranjos para que isso ocorra vêm se alterando ao longo dos anos de acordo com as características específicas de cada época, quer sejam econômicas, culturais e/ou sociais.

Dois grandes movimentos modificaram o rumo do cuidar em domicílio. Um deles é a demanda de mão de obra para as indústrias durante a Revolução Industrial, que movimentou a saída das mulheres para ao mercado de trabalho, dificultando, assim, a prestação de cuidados no âmbito da família. Já o segundo trata do surgimento e desenvolvimento de instituições com o perfil descrito de “abrigos”, porém, na verdade, com o objetivo de afastamento daqueles considerados impossibilitados de convívio social.



Cuidar de idosos em domicílio não é uma atividade nova, vem sendo cumprida há muito tempo e os arranjos para que isso ocorra vêm se alterando ao longo dos anos de acordo com as características específicas de cada época, quer sejam econômicas, culturais e/ou sociais.

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

Esta tendência à institucionalização ganhou espaço a partir da conquista e implementação dos direitos civis e políticos da época, que incentivaram essas instituições, especialmente os chamados “asilos para idosos” e os manicômios, a buscar sua profissionalização. Aliado a esse fator, as conquistas nas ciências, principalmente nas áreas da medicina, psicologia e pedagogia favoreceram a ampliação de instituições como centro de recuperação e reabilitação.

Porém, um movimento contrário se estabeleceu na década de 1960 movido pelos altos custos econômicos e sociais e pela verificação da pouca efetividade desses serviços, levando à necessidade da valorização e efetivação do âmbito familiar como espaço de cuidado. Paralelamente a esse fenômeno, o crescimento do número de idosos com doenças crônicas em função do significativo aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, sua permanência no âmbito da família por um período mais longo, contribuíram efetivamente para a demanda pela figura do cuidador.

Neri (2006) afirma que geralmente, em todo o mundo, cuidar de idosos é uma responsabilidade que pertence à esfera familiar, que cumpre uma norma social. Mais do que uma norma social, podemos considerar uma norma legal se nos reportamos à Constituição Federal (1998) que traz em seu artigo 229: “Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência e enfermidade”.

A literatura gerontológica tem caracterizado cuidadores de várias formas, buscando classificá-los de acordo com o vínculo entre cuidador e paciente, tipo e frequência dos cuidados prestados. Embora sejam diferenciados didaticamente através de denominações diversas tais como formal, informal, familiar, primário e secundário, é importante ressaltar que na prática muitas vezes essas categorias não são excludentes e em alguns casos se complementam (LEMOS, GAZZOLA, RAMOS, 2006).

A realidade encontrada nos serviços que atendem à população idosa, bem como os diversos estudos nessa área nos possibilitam dizer que em sua grande maioria os cuidadores domiciliares de idosos são membros da família. Compreendemos cuidador no âmbito familiar como aquela pessoa que assume a responsabilidade pelo cuidado, assiste às necessidades do idoso e tem como objetivo a manutenção ou a melhoria da sua qualidade de vida.



A realidade encontrada nos serviços que atendem à população idosa, bem como os diversos estudos nessa área nos possibilitam dizer que em sua grande maioria os cuidadores domiciliares de idosos são membros da família.

No contexto das famílias, a função de um cuidador não é, na maioria das vezes, resultado de uma escolha individual, ocorre diante das circunstâncias de enfermidade dos idosos e termina por se tornar uma tarefa daquela pessoa que está mais próxima fisicamente ou é considerada pelos outros membros da família como a mais indicada. Há exceções, evidentemente, nas quais especialmente as mulheres assumem esse papel por motivos outros que não as circunstâncias momentâneas.

Se considerarmos as mudanças nas estruturas sociais ocorridas ao longo do tempo e especialmente no âmbito das famílias, as identificaremos como determinantes fundamentais para compreender os diversos vínculos familiares que se estabelecem ou definem os papéis de cuidadores e idosos cuidados.

Já há algum tempo e, especialmente hoje, o grupo familiar não é definido somente por laços consanguíneos e os arranjos familiares vão se estabelecendo de acordo com os padrões culturais de cada família, suas peculiaridades e a forma como os vínculos são constituídos e efetivados ao longo dos anos. Mello (2002) amplia o conceito tradicional de família, afirmando que família e parentesco são determinados por três tipos de laços: a família nuclear própria, a composta de várias famílias nucleares que vivem juntas e a que inclui parentes e compadres sem laços consanguíneos.

Karsch (2003) apresenta em seu artigo “Idosos dependentes: famílias e cuidadores” os resultados de um trabalho realizado com 102 famílias na década de 1990, publicado em 1998. O referido trabalho já apresentava resultados significativos sobre a presença de cuidadores familiares no contexto de cuidados no domicílio. Em 98% dos casos os cuidadores eram familiares predominantemente do sexo feminino (92,9%), em sua maioria esposas (44,1%) e filhas (31,3%), sendo que 67,9% desses cuidadores entrevistados realizavam a tarefa de cuidar sem nenhuma ajuda.

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

Cuidar de idosos, no contexto familiar, é uma tarefa bastante complexa e esse cuidar é constituído e contextualizado pela história das relações estabelecidas entre aquele que cuida e quem é cuidado, pela natureza das necessidades que o idoso apresenta e principalmente pelos recursos pessoais do cuidador, ou seja, suas próprias condições físicas, psicológicas e materiais.

A maioria dos estudos realizados sobre cuidadores demonstra que a responsabilidade de cuidar de pacientes idosos recai na maioria das vezes sobre a mulher, quer seja esposa, filha ou irmã, definindo uma forte tendência: a de que a tarefa de cuidar de idosos é predominantemente feminina, aqui ou em qualquer outro lugar.

Esse exercício do cuidar realizado predominantemente pelas mulheres está relacionado à questão de gênero e reflete a determinação cultural dos papéis sociais (BRAZ, CIOAZK, 2009). As mesmas autoras afirmam que “(...) atribuem à mulher o lugar de subordinação e aos homens o da autoridade e dominação” (p. 376). Se considerarmos que estamos tratando principalmente de idosas cuidando de seus maridos, podemos dizer que elas cumprem o papel social que ao longo dos anos foi construído para a mulher no âmbito da família.

Em um trabalho realizado no Brasil já há dez anos, que teve como objetivo analisar a produção científica sobre cuidadores de idosos por meio de revisão bibliográfica, Nascimento et al. (2008) relatam que a maioria dos estudos encontrados na base de dados Lilacs no período de 2000 a 2007 trazem as esposas como principais cuidadoras. Uma revisão bibliográfica publicada na Revista Brasileira de Enfermagem, em 2012, mostrou também que, em estudos brasileiros, além do domínio de mulheres, existe um grande número de mulheres idosas exercendo essa função. Elas têm baixo índice de escolaridade, cuidam por períodos prolongados do idoso e não há revezamento para esses cuidados (OLIVEIRA, D’ELBOUX, 2012).



A maioria dos estudos realizados sobre cuidadores demonstra que a responsabilidade de cuidar de pacientes idosos recai na maioria das vezes sobre a mulher, quer seja esposa, filha ou irmã.

Isto nos remete ao fato de que, definitivamente, esse perfil de cuidadores já é uma realidade na nossa sociedade na medida em que homens e mulheres cuidadores com idades semelhantes aos idosos dos quais cuidam vêm sendo mais frequentemente encontrados em relatos na literatura, mas principalmente nos serviços que se voltam a essa população. Neno (2004) afirma que pelo menos um terço da população idosa pode vir a ser cuidador de outro idoso em algum momento de sua vida.

O CUIDADO

O que permite a revolução da ternura ao priorizar o social sobre o individual e ao orientar o desenvolvimento para a melhoria da qualidade de vida dos humanos. (BOFF, 1999).

Esta é a definição do teólogo Leonardo Boff sobre o cuidado (BOFF, 1999). Segundo Boff, o cuidado “(...) faz surgir o ser humano complexo, sensível, solidário, cordial e conectado com tudo e com todos no universo”.

Pessini (2000) se reporta a Heidegger, em sua obra *Ser e tempo*, em que o filósofo usa a palavra “cuidado” como um sinônimo erudito do latim *coera*, que em sua forma mais antiga era utilizada num contexto de amor e amizade. Significava desvelo, preocupação e inquietação pela pessoa ou objeto amado. De alguma forma, o cuidado entre os seres humanos está relacionado às atitudes positivas de um para com o outro.

É inegável que as inúmeras e diversificadas tarefas desenvolvidas pelos cuidadores ao longo do tempo, associadas a outros fatores como sua saúde, sua idade, dificuldades financeiras e no contexto familiar, entre outras, terminam por constituírem eventos estressores significativos para eles. O ato de cuidar de alguém envolve fundamentalmente o comprometimento de um ser humano para com o outro e é nesse momento que se constroem as relações e os significados do cuidar. No caso de idosos cuidadores, os laços consanguíneos entre pais e filhos, os vínculos matrimoniais ou outros graus de parentesco de alguma forma parecem conduzi-los para esse cuidado, o que nos leva a acreditar que além do componente afetivo, o significado do cuidar está também associado aos valores trazidos pela cultura familiar, sendo ressaltados sentimentos como dever e gratidão.

Cattani e Girardon-Perlini (2004) referem que:

(...) os cuidadores entendem a atividade de cuidar como um dever moral decorrente das relações pessoais e familiares inscritas na esfera doméstica, visto que muitos cuidadores não se viam como tais e a partir do momento que necessitam desempenhar tal papel, o assumem como exigência decorrente do viver em família.

Ao longo dos anos a doença do idoso progride e o cuidador pode adquirir maior habilidade para realizar o cuidado e tornar-se mais resiliente, mas pode também tornar-se frágil e vulnerável, considerando sua idade e suas condições de saúde. No caso de idosos que assumem o papel de cuidadores, é muito mais provável que a segunda opção prevaleça, uma vez que ambos, idosos e cuidadores, envelhecem juntos.

Desta forma, podemos entender que as relações entre cuidadores e pacientes são dependentes de circunstâncias diversas e assim contextualizadas. Esse conjunto de fatores vai se compondo e influenciando o exercício do papel de cuidador. A maioria das pesquisas realizadas tanto no âmbito internacional quanto no Brasil vem demonstrar que são diversos os efeitos negativos sobre a saúde física e mental dos cuidadores, levando-os a um quadro de estresse, sobrecarga e isolamento social.

SOBRECARGA E ISOLAMENTO SOCIAL

Considerando que os idosos que necessitam de cuidados são na maioria das vezes dependentes, com dificuldades de deambulação e que precisam de auxílio para a realização das Atividades Básicas de Vida Diária (ABVD), a atenção a ser dispensada e o cuidado constante, sem dúvida, vêm acarretar uma sobrecarga física nos cuidadores, especialmente os mais idosos e/ou com problemas de saúde.

Algo ainda extremamente importante e que influencia diretamente a vida e a condição de idoso cuidador é o isolamento social, consequência direta do exercício do papel de cuidador. Ele ocorre pelas dificuldades enfrentadas no cotidiano ao gerenciar o tempo, uma vez que em sua grande maioria os cuidadores contam apenas esporadicamente, ou não podem contar, com nenhum auxílio no âmbito da família para dividir as tarefas. Assim, esses cuidados constantes e ininterruptos os levam a abdicar de atividades antes realizadas e isso vai interferir diretamente na sua qualidade de vida.

A sobrecarga de atividades também se configura como um fator limitante à vida social dos cuidadores ou à realização de quaisquer atividades que não sejam relacionadas à tarefa de cuidar, limitando assim o tempo que poderia, em alguma fase do dia, ser aquele momento que denominamos de tempo livre. O sentir-se isolado, sempre referido nas falas de cuidadores, pode ser identificado como consequência de vários fatores, porém a perda de liberdade para decidir sobre sua possível participação em atividades é quase sempre a mais apontada. Afastar-se dos amigos e do trabalho, algo muito comum ao assumir o cuidado de um familiar, e afastar-se de alguma forma do “mundo exterior” se mostra um marcador importante e negativo na vida de idosos cuidadores.

Além da sobrecarga física e do isolamento social, o cuidar de idosos dependentes acarreta significativas mudanças e situações estressantes na vida dos cuidadores, especialmente os idosos, o que denominamos de impacto do cuidar. Alguns autores apresentam o conceito de impacto (*burden*) sobre os cuidadores, definindo-o como “(...) consequências do cuidar para os cuidadores, advindos de práticas variadas e demandas emocionais do cuidado” (Garrido, 2001).

Esse impacto pode ser dividido entre objetivo e subjetivo. O impacto objetivo diz respeito aos problemas de ordem prática, ocorridos no cotidiano, como problemas de finanças, falta de privacidade e mudanças estruturais no ambiente doméstico; e o impacto subjetivo se refere aos sentimentos de sobrecarga, desamparo, perda de controle, ou seja, à reação emocional dos cuidadores.

As maneiras que idosos cuidadores encontram e os caminhos que seguem para enfrentar essas situações são diversos e vão ser determinados a partir de alguns fatores, tais como sua história de vida, recursos pessoais, valores e crenças. Nesse sentido, os cuidadores utilizam-se de estratégias de coping na busca de gerenciar ou amenizar



A sobrecarga de atividades também se configura como um fator limitante à vida social dos cuidadores ou à realização de quaisquer atividades que não sejam relacionadas à tarefa de cuidar, limitando assim o tempo que poderia, em alguma fase do dia, ser aquele momento que denominamos de tempo livre.

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

as situações estressoras. Coping é um conceito classicamente definido como um “conjunto de estratégias que é utilizado pelas pessoas para se adaptarem a situações adversas” (ANTONIAZZI et al., 1998).

Se considerarmos que o exercício de cuidar de um idoso dependente por um familiar também idoso já está estabelecido por diversas circunstâncias e, na maioria das vezes, em situações com poucas ou nenhuma possibilidade de alteração, compreendemos que as estratégias de coping a serem adotadas pelos cuidadores situam-se principalmente no campo daquelas focadas na emoção, quando os indivíduos vão buscar medidas para aliviar os estressores e não necessariamente solucioná-los.

Como uma das estratégias mais utilizadas de coping, a religiosidade pode ser entendida como um significativo cenário de referência a esses cuidadores se considerarmos que ela é uma importante dimensão na vida da grande maioria dos idosos. Não somente associada aos idosos, mas às pessoas de maneira geral, a religiosidade ligada à saúde tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores ao redor do mundo:

A parede entre medicina e espiritualidade está ruindo: médicos e demais profissionais da saúde têm descoberto a importância da prece, da espiritualidade e da participação religiosa na melhora da saúde física e mental bem como para responder às situações estressantes da vida (EPPERLY, 2000).

Ao chegar a esta fase da vida humana, os idosos inevitavelmente buscam respostas para questões relacionadas ao sentido da vida. Alves (2007) refere que como em toda crise existencial, essa, considerada da última etapa, só pode ser superada por meio da renovação da interioridade. Em relação a idosos, a literatura, especialmente a internacional, já traz diversos trabalhos referindo a religiosidade como uma importante estratégia de coping para esse grupo da população, inclusive contando com periódico especializado, o *Journal of Religious Gerontological Society of América*.

Nas últimas décadas, vários estudos realizados acerca da espiritualidade e religiosidade apontam a religião como um fator positivo para o enfrentamento de situações de estresse: “Há hoje crescente evidência científica de que a atividade religiosa geralmente associa-se a vários critérios de saúde mental e bem-estar subjetivo” (TEIXEIRA, MULLER, SILVA, 2004). Os autores citam um trabalho realizado nos Estados Unidos em 2002 pelo *National Opinion Research Center* com 34 mil

peças, relacionando o estado de felicidade e a prática religiosa, apresentando resultados que correlacionavam nitidamente essas duas variáveis.

Entendemos que os cuidadores idosos buscam na religiosidade um possível caminho para o conforto emocional que não conseguem encontrar em seu cotidiano.

IDOSOS CUIDADORES

Minha prática profissional como assistente social, atuando como coordenadora de um Programa de Atendimento Domiciliar a Idosos, tem me proporcionado conviver mais proximamente com essa nova e significativa questão que se coloca no cotidiano daqueles que atuam no campo da Gerontologia: idosos cuidando de idosos. Muitas vezes os papéis e as necessidades se confundem, aqueles que cuidam surgem aos nossos olhos tão ou mais necessitados de atenção e cuidado quanto os pacientes.

Cuidar do outro implica muitas vezes no estabelecimento de relações conflituosas de amor, afeto, confiança, respeito aos valores individuais e significa a real necessidade de se estruturar para enfrentar as situações advindas desse processo. O cuidador se envolve a tal ponto em suas funções que o isolamento social ocorre sem que ele mesmo se conscientize disso e só percebe quando está com sintomas de estresse e depressão. É comum a esses cuidadores priorizar a atenção aos idosos por eles cuidados em detrimento de suas necessidades e interesses.

Ainda que por vezes neguem explicitamente ter dificuldades em realizar algumas atividades, o conteúdo implícito em suas falas, durante nossos encontros, torna evidente a sobrecarga acarretada pelo exercício cotidiano do cuidar. O fato de tornar-se cuidador ou cuidadora de um familiar é quase sempre decorrente de uma circunstância e não de um processo de escolha, o que pode levá-los a assumir um encargo sem a possibilidade de questionamento.

A escassez de suporte social a cuidadores no Brasil contribui definitivamente para o agravamento desse quadro. Algumas iniciativas isoladas e pontuais vêm surgindo nos últimos anos e, embora alcancem alguma efetividade, não possibilitam resultados significativos na melhoria das condições de vida daqueles que cuidam e dos que necessitam ser cuidados, especialmente os idosos. A literatura nacional ainda é escassa no que diz respeito a estudos acerca desses cuidadores com idade semelhante a dos idosos dos quais cuidam, uma vez que somente nas últimas duas décadas os estudiosos das questões do

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

envelhecimento têm seus olhos voltados para as questões do cuidar. Em relação à literatura internacional já é possível encontrarmos alguns estudos que abordam as questões dos cuidadores idosos, porém é indiscutível que as condições que os cercam são bastante distintas daquelas vivenciadas no Brasil, o que justifica a realização de trabalhos científicos que busquem desvendar as questões que estão implícitas neste processo em nossa realidade.

A condição de cuidador ou cuidadora assumida na velhice vai implicar diretamente no cuidado que essas pessoas dedicam a si mesmas e essa realidade, podemos dizer, é uma via de mão dupla. Para que seja possível cuidar de outro é fundamental que o cuidado para consigo mesmo seja entendido como uma necessidade, algo que quase nunca acontece. Estamos falando do “cuidado de si” (LEMOS, 2012).

Segundo Gros (2006), para Foucault o cuidado de si está fundamentalmente atrelado ao conhecer-se para, a partir daí, colocar-se no mundo. O autor afirma:

Foucault não deixa de insistir sobre esse ponto: o cuidado de si não é uma atividade solitária, que cortaria do mundo aquele que se dedicasse a ele, mas constitui ao contrário uma modulação intensificada da relação social (GROS, 2006).

O cuidar de si não implica no descuidar do outro, mas, sim, buscar um espaço, um tempo para olhar para si mesmo, dar-se ao “direito” de se conhecer e sentir suas necessidades e, talvez, permitir realizar seus desejos.

Na maioria das vezes, as pessoas que assumem o cuidar do outro não se conscientizam ou negligenciam o seu direito de viver, suas necessidades, seus problemas de saúde, até que, embora aparentemente saudáveis, algo de diferente possa lhes chamar a atenção, despertando em algum momento a percepção da importância do exercício de cuidar de si. Esse cuidar de si, na maioria das vezes, no caso de idosos cuidadores, é quase que desconsiderado como possibilidade ou necessidade.



O cuidar de si não implica no descuidar do outro, mas, sim, buscar um espaço, um tempo para olhar para si mesmo, dar-se ao “direito” de se conhecer e sentir suas necessidades e, talvez, permitir realizar seus desejos.

UMA EXPERIÊNCIA EXITOSA: O AMBULATÓRIO PARA CUIDADORES

Reconhecendo as necessidades desses idosos que assumem a árdua tarefa de cuidar de outro idoso, a Disciplina de Geriatria e Gerontologia da Unifesp (DIGG) implantou em 2007 um ambulatório para atender cuidadores de pacientes atendidos no serviço em suas necessidades clínicas, psicológicas e sociais.

Os critérios de inclusão no ambulatório são: ser cuidador familiar primário de idoso vinculado a um dos ambulatórios ou ao Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso da DIGG/Unifesp, com idade maior ou igual a 55 anos. O critério inicial era ter idade superior a 60 anos, porém a partir da demanda percebida de necessidade de atendimento para cuidadores um pouco mais jovens, até mesmo pensando em prevenção de agravos à saúde, o ambulatório passou a atender cuidadores com idade superior a 55 anos.

Em 12 anos de funcionamento, o ambulatório atendeu 342 pacientes e, hoje, 82 estão em atendimento. Algo importante a se ressaltar é que o apoio e o atendimento a esses idosos cuidadores não se encerra quando o idoso deixa de ser cuidado por ele, por qualquer que seja o motivo, óbito ou institucionalização, por exemplo. O cuidador continuará a ser atendido por um prazo mínimo de seis meses até que possa se reorganizar, se “desligar” emocionalmente da tarefa de ser cuidador e aí então ele será encaminhado a outro serviço e até mesmo poderá ser absorvido por um dos ambulatórios da DIGG/Unifesp.

Na dissertação de mestrado de Fiuza (2017), na qual a autora desenvolveu um instrumento para avaliação do ambulatório pelos cuidadores, o perfil dos cuidadores se apresentou desta maneira: 85,72% são mulheres e 14,9% homens; 52,7% dos cuidadores são filhos dos pacientes e 36,5% cônjuges; a idade varia entre 56 e 92 anos, com média de 71 anos; e as principais doenças dos cuidadores, por ordem de prevalência são: doenças osteoarticulares e cardiovasculares, depressão e distúrbios do sono.

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada

O mesmo trabalho aponta os diagnósticos principais dos familiares cuidados: 58% com doença de Alzheimer, 23% com Acidente Vascular Cerebral (AVC), 10% com doença de Parkinson e os restantes 9% divididos igualmente em demência de Levy, doenças osteoarticulares e depressão.

Diante da complexidade dessas doenças, 85% dedicam-se exclusivamente ao cuidado, 24 horas por dia, e 12% dedicam pelo menos 12h por dia. Essa dedicação exclusiva reforça o quanto os cuidadores tendem a não priorizar a sua saúde, o que pode dificultar o acesso aos serviços públicos de saúde (FIUZA, 2017).

Este ambulatório é o primeiro serviço no Brasil a atender de maneira multidimensional os idosos cuidadores de idosos, utilizando instrumentos específicos e servindo-se de expertise de profissionais que estudam e se preocupam com essa importante questão, a saúde de cuidadores idosos. Esse trabalho tem refletido direta e positivamente no cotidiano desses idosos, tanto os que cuidam quanto os que são cuidados.

Embora internacionalmente reconhecida como uma emergência e discutida na II Conferência Mundial sobre o Envelhecimento, realizada em 2002, em Madri, a necessidade de implementação de serviços de atenção à saúde dos cuidadores familiares, especialmente os idosos, não se configura num dado real no Brasil. Não podemos negar que já houve uma tentativa em nível governamental para inserir o tema cuidador informal numa política pública, a Política de Saúde do Idoso:

Essas pessoas deverão, também, receber atenção médica pessoal, considerando que a tarefa de cuidar de um adulto dependente é desgastante e implica riscos à saúde do cuidador. Por conseguinte, a função de prevenir perdas e agravos à saúde abrangerá, igualmente, a pessoa do cuidador (Brasil, 1999).

Infelizmente, com a revogação dessa política em 2006 e o lançamento de uma nova Política de Saúde do Idoso, esse tema foi excluído (BRASIL, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A invisibilidade do cuidador idoso, suas dificuldades no exercício cotidiano do cuidar, o alto custo que lhe é cobrado por essa função, quer seja físico, quer seja emocional, ainda carece de estudos que possam direcionar políticas públicas para atenção a essa população.

Se estamos falando de idosos que cuidam de idosos, por si só essa situação se define cronologicamente e, seguindo o curso natural da vida, esses homens e mulheres têm uma perspectiva de vida inferior aos cuidadores mais jovens, assim o seu tempo de reconstrução de sua vida, de realizar desejos, de cuidar de si é mais curto. Daí a importância de se compreender mais profundamente os meandros do processo de cuidar realizado por pessoas que vivenciam o seu próprio processo de envelhecimento ou estão em plena velhice. Conhecer diversidades culturais, características pessoais, questões que envolvem gênero, idade e condições socioeconômicas é fundamental na realização de nosso trabalho como profissionais atuando na área do envelhecimento. ☺

Artigo 1Idosos cuidadores:
uma realidade não desvelada**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALVES, V. P. História de vida de idosos: superar as adversidades sem perder o senso de integridade. In: *Diálogos Possíveis*, 2007, v. 6, n. 1, p. 189-209. Disponível em: <http://revistas.faculdadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/issue/view/21/showToc>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- ANTONIAZZI, A. S.; Dell'Aglio, D. D.; Bandeira, D. S. O conceito de coping: uma revisão teórica. In: *Estudos de Psicologia*, v. 3, n. 2, p. 273-94, 1998.
- BOFF, L. *Saber cuidar: ética do humano: compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- BRASIL. Portaria Federal n. 1.395, Institui a Política Nacional de Saúde do Idoso (PNSI), de 13 de dez. de 1999. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- BRASIL. Portaria n. 2.528, de 19 de out. de 2006. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa.
- BRAZ, E.; CIOSAK, S. I. O tornar-se cuidadora na senescência. In: *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 372-377, jun. de 2009.
- CATTANI, R. B.; GIRARDON-PERLINI, N. M. O. Cuidar do idoso doente no domicílio na voz de cuidadores familiares. In: *Revista Eletrônica de Enfermagem*, Goiânia, v. 6, n. 2, ago. de 2004.
- EPPERLY, B. G. Prayer, process, and the future of medicine. In: *Journal of Religion and Health*, Nova York, v. 39, n. 1, p. 23-37, Mar. 2000.
- FIUZA, A. *Ambulatório de idosos cuidadores de idosos: a percepção dos pacientes sobre um serviço especializado*. 2017. 53p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciências da Saúde), Universidade Federal de São Paulo, 2017.
- GARRIDO, R. P. *Impacto em cuidadores informais de idosos com demência atendidos em um serviço psicogeriátrico da cidade de São Paulo*. 2001. Tese (Doutorado em Medicina). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- GROS, F. O cuidado de si em Michel Foucault. In: Rigo, M.; Veiga-Neto, A. *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- KARSCH, U. M. Idosos dependentes: famílias e cuidadores. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 861-866, fev. de 2003.

- LEMOS, N. D. *Idosos cuidando de idosos: situações e contradições do cuidar*. 2012. 283p. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LEMOS, N. D.; GAZZOLA, J. M.; RAMOS, L. R. Cuidando do paciente com Alzheimer: o impacto da doença no cuidador. In: *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 15, p. 170-179, abr. de 2006.
- MELLO, S. L. Família: perspectiva teórica e observação factual. In: CARVALHO, M. C. B. *A família contemporânea em debate*. 2. ed. São Paulo: Educ: Cortez, 1997.
- NASCIMENTO, L. C.; MORAES, E. R.; SILVA, J. C.; VELOSO, L. C.; VALE, A. R. M. da C. Cuidador de idosos: conhecimento disponível na base de dados Lilacs. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 61, n. 4, p. 513-517, jul. de 2008.
- NENO, R. Spouse caregivers and the support they receive: a literature review. In: *Nursing Older People* (through 2013), Londres, v. 16, n. 5, p. 14, Aug. 2004.
- NERI, Anita L. et al. Cuidar de idoso no contexto da família: questões psicológicas e sociais. In: *Cuidar de idoso no contexto da família: questões psicológicas e sociais*. São Paulo: Aliança, 2006.
- OLIVEIRA, D. C.; D'ELBOUX, M. J. Estudos nacionais sobre cuidadores familiares de idosos: revisão integrativa. In: *Revista Brasileira de Enfermagem*, Campinas, v. 65, n. 5, p. 829-38, out. de 2012.
- PESSINI, L. O cuidado em saúde. In: *Mundo Saúde*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 235-6, ago. de 2000.
- RAMOS, L. R. Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano: Projeto Epidoso, São Paulo. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, p. 793-797, jun. de 2003.
- TEIXEIRA, E. F. B.; MÜLLER, M. C.; SILVA, J. D. T. *Espiritualidade e qualidade de vida*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2004.

2

O cuidador formal domiciliar de idosos: aspectos psicológicos e vivências emocionais

[Artigo2, páginas de 26 a 47]



**Rilza Xavier Marigliano**

Psicóloga, mestre em Ciências do Envelhecimento pela Universidade São Judas Tadeu e doutoranda em Psicologia Clínica pelo Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo.

rilzamarigliano@hotmail.com

Claudia Aranha Gil

Psicóloga, profa. dra. no Programa de Pós-Graduação Strictu-Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu-SP.

claudiaagil@uol.com.br/prof.

claugil@usjt.br



Artigo 2

O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

RESUMO

O envelhecimento populacional vem aumentando de forma progressiva e, devido às mudanças no panorama familiar, tem-se recorrido à contratação de profissionais capacitados para cuidar de idosos. Com o objetivo de compreender como os cuidadores formais domiciliares concebem a relação com o idoso sob sua responsabilidade, foi realizado um estudo qualitativo com 15 cuidadores formais, do gênero feminino, com faixa etária entre 25 e 59 anos, sendo utilizados um roteiro de caracterização dos participantes e uma entrevista semidirigida. Os resultados das entrevistas foram analisados segundo o método de análise de conteúdo de Bardin. No relacionamento com o idoso, foram evidenciados aspectos positivos, como companheirismo e amizade, e ressaltada a necessidade de lhe proporcionar conforto e bem-estar. Foram relatados também impactos negativos na saúde mental do cuidador, como estresse, ansiedade e sobrecarga emocional. Por outro lado, foram também observadas pelas cuidadoras mudanças positivas, expressando diferenças benéficas que perceberam em sua vida após começarem a exercer a função de cuidadoras, trazendo-lhes uma visão mais humanizada do idoso. Observa-se a necessidade de que mais pesquisas sobre o tema sejam realizadas, visando traçar estratégias que deem suporte ao cuidador a fim de que mantenha uma boa qualidade de vida.

Palavras-chave: cuidador formal, velhice, fragilidade, saúde mental.

ABSTRACT

The population aging has increased progressively and due to changes in the family landscape, it has been recruited to hire qualified professionals to care for the elderly. With the objective of understanding how the formal home caregivers conceive the relationship with the elderly under their responsibility, a qualitative study was carried out with 15 formal caregivers, of the female gender, with ages ranging from 25 to 59 years old, being used a characterization script of the participants and a semi-structured interview. The results of the interviews were analyzed according to the Bardin content analysis method. In the relationship with the elderly, were evidences positive aspects such as companionship and friendship were highlighted and the need to provide comfort and well-being was emphasized. Negative impacts on the mental health of the caregiver have also been reported as stress, anxiety and emotional overload. On the other hand, positive changes were observed by the caregivers, expressing beneficial differences that they perceived in their life after starting to exercise the role of caregivers, bringing them a more humanized view of the elderly. There is a need for more research on the theme to be carried out, with a view to designing strategies that give support to the caregiver to maintain a good quality of life.

Keywords: formal caregiver, elderly, fragility, mental health.

INTRODUÇÃO

Muitos são os fatores que têm contribuído para o aumento da longevidade, entre eles diminuição da taxa de natalidade e mortalidade, aspectos de ordem social, cultural e econômica, avanços da medicina, campanhas preventivas e implementação de políticas públicas visando melhor qualidade de vida para o idoso (FATTORI et al., 2013; LOTTMANN; LOWESTEIN; KATZ, 2013).

No entanto, cada indivíduo vivencia o processo de envelhecimento de forma diferente. Há aqueles que demonstram ter um potencial de saúde tanto física quanto mental mais preservado. Por outro lado, existem os indivíduos que pelas mais variadas razões não dispõem de uma boa qualidade de vida, sendo observado nestes casos sintomas como dores crônicas, inatividade, depressão, entre outros, que podem levar a um quadro de síndrome da fragilidade (NERI, 2013; COSTA; CASTRO; ACIOLI, 2015).

Derivada do latim *cogitare*,

a palavra cuidado significa cogitar a respeito de alguém, dar assistência, ter cuidado consigo mesmo ou com o outro, refletir, imaginar e pensar, referindo-se ao zelo e à cautela com que se cuida de outra pessoa, demonstrando responsabilidade e preocupação com o bem-estar daquele que é cuidado (Houaiss, 2015, p. 276).

Esta relação envolve sentimentos e atitudes de solidariedade, trazendo sobre a função de cuidador a conotação de um sujeito diligente, que assume a incumbência de auxiliar e executar as funções em prol de uma pessoa que, por inúmeras razões, teve diminuída ou perdida sua autonomia. Embora a fragilidade ou a incapacidade funcional possa acometer qualquer pessoa em qualquer fase de sua vida, é no período do envelhecimento que essas situações podem ter maior incidência (QUEROZ, 2013).

Entre os vários tipos de cuidados prestados à pessoa idosa pode-se destacar a relevância do “cuidar em saúde”. Este conceito é muito abrangente, pois envolve dimensões subjetivas e objetivas, não podendo ser interpretado apenas à luz de um saber técnico, quando, por exemplo, um profissional de saúde ministra uma determinada medicação. É importante considerar essa relação também do ponto de vista da

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

É importante considerar essa relação também do ponto de vista da intersubjetividade, pois o ser humano tem capacidade de se inter-relacionar com seu próximo e, diante dessa reciprocidade de ideias, as necessidades do outro são levadas em consideração.

intersubjetividade, pois o ser humano tem capacidade de se inter-relacionar com seu próximo e, diante dessa reciprocidade de ideias, as necessidades do outro são levadas em consideração. Com isso se abre um espaço para a negociação dos saberes, conciliando técnicas biomédicas e técnicas não científicas, observando o “ser humano” a quem estão sendo dedicados os cuidados e não apenas uma relação “sujeito-objeto”, na qual o cuidador veria o idoso apenas como objeto de trabalho, não levando em consideração sua história de vida e subjetividade (CRUZ, 2009; QUEROZ, 2013; JACOBS; GROENOU; DEEG, 2014).

A procura cada vez maior pela contratação do profissional cuidador de idosos se dá por inúmeros fatores, entre eles a mudança no panorama familiar com a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Desse modo, não havendo a possibilidade de um parente que cuide do idoso, recorre-se a um profissional contratado e remunerado para exercer o cuidado da pessoa idosa que pode ser da área da saúde, alguém com curso específico ou não.

A ocupação de cuidador de idosos foi criada em 1982. Para que fosse possível o registro em carteira do profissional, a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), em 2002, designou a função ocupacional de cuidadores de idosos como o indivíduo que deve prestar assistência exclusiva ao idoso a seus cuidados, ajudando-o em suas rotinas nutricionais, ambientais e pessoais, não cabendo a esse profissional as tarefas comuns de limpeza e serviços domésticos. O profissional cuidador também deve atuar no auxílio da mobilidade do idoso, na administração de medicamentos, acompanhamento em consultas, atividades de recreação, cultura, lazer e educação (BRASIL: Agência Senado, 2012).

A dedicação e os cuidados voltados ao idoso fragilizado o favorecem, fazendo com que tenha mais independência, autonomia e continue permanecendo em sua residência. Assim, a contratação de cuidadores formais tem como consequência a diminuição da sobrecarga dos cuidados oferecidos pela família, contribuindo, em muitos casos, para a melhor qualidade de vida do idoso (BATISTA; ALMEIDA; LACMAN, 2014; GIL et al., 2018).

Executar o papel de cuidar de um idoso fragilizado pode mobilizar diversas emoções por parte daquele que exerce tal função e, imprescindivelmente, para o idoso dependente também. Esse cuidado exige que recursos pessoais sejam acionados por parte de todos os envolvidos na problemática, colocando o indivíduo em contato com toda sua capacidade de lidar com situações adversas, lançando mão de estratégias de enfrentamento que funcionarão como mediadoras cognitivas que determinarão as decisões e o curso a ser tomado para resolver cada situação (NERI, 2013).

Diante do exposto, foi realizado um estudo¹ qualitativo com o objetivo de analisar, sob o ponto de vista do cuidador formal domiciliar, como ele vivencia e percebe a relação com o idoso sob sua responsabilidade.

METODOLOGIA

Participaram da pesquisa 15 cuidadoras formais domiciliares de idosos, com idades entre 25 e 59 anos, que estavam trabalhando com o mesmo idoso há pelo menos seis meses, com carga horária de no mínimo seis horas por dia e cinco dias por semana. Inicialmente foi aplicado o roteiro de caracterização dos participantes e realizada uma entrevista semidirigida.

Para a análise dos dados, foi feita uma análise de conteúdo de Bardin (2011), técnica que procura condensar o volume amplo de todas as informações que estão compreendidas, ressaltando categorias conceituais. Na análise realizada, com base na entrevista, buscou-se organizar as falas e agrupar as palavras em categorias temáticas e unidades de significado, sendo que os dados coletados foram avaliados e submetidos a uma análise de concordância de categorias, com a participação de três juízes. Para a organização e a codificação do material, foram seguidos critérios semânticos e observadas a relevância e a frequência com

1 Este artigo esta embasado em uma pesquisa mais ampla que resultou na Dissertação de Mestrado de Rilza Xavier Marigliano sob a orientação da profa. dra. Cláudia Aranha Gil, intitulada “A relação cuidador/idoso segundo a ótica do cuidador formal domiciliar de idosos”, apresentada à Universidade São Judas Tadeu (SP) para obtenção do título de mestra em Ciências do Envelhecimento (Marigliano, R. X., 2016).

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

que as expressões apareciam nas falas dos participantes. Após os dados serem submetidos à correlação de Spearman e ao teste de Kendall pôde-se observar que houve concordância significativa entre os juízes 1, 2 e 3 quanto às categorias temáticas e suas unidades de significado.

CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES

Para que fosse mantido sigilo sobre a identidade das participantes, optou-se pelo uso de pseudônimos utilizando-se nomes de flores. De acordo com os dados sociodemográficos, todas as participantes são do gênero feminino. Embora estivesse prevista a participação de cuidadores de ambos os sexos, apenas cuidadoras foram encontradas para fazer parte deste estudo. Uma característica marcante encontrada nas pesquisas voltadas a cuidadores de idosos é a predominância do gênero feminino na execução dessa função, revelando que mesmo diante das mudanças no contexto sociocultural ainda há uma forte influência no imaginário social de que o cuidado deve ficar sob a responsabilidade das mulheres, seja de crianças, enfermos da família ou idosos dependentes (NOVELLI; NITRINI; CARAMELLI, 2010; KÜCHEMANN, 2012; ARAÚJO et al., 2013),

Quanto à idade, 11 das 15 participantes tinham entre 41 e 59 anos. Embora o trabalho exija preparo físico e implique num desgaste físico muito grande, mulheres de meia-idade são contratadas para a função e aparentam dar conta da demanda. Em estudo realizado por Silva, Machado, Ferreira e Rodrigues (2015) com cuidadores em Instituições de Longa Permanência para Idosos (Ilpis), a faixa etária predominante foi de 40 a 49 anos. Segundo os autores, essa média seria considerada adequada para a contratação de cuidadores. Idades acima não seriam indicadas devido, principalmente, ao esforço físico que demanda o cuidado de um idoso com dependência, sobretudo na realização das atividades da vida diária. Exceto por uma delas, todas as participantes relataram ter uma segunda jornada de trabalho em suas casas. Esse fator pode acarretar um nível maior de estresse, pois em um momento encontram-se expostas às demandas do cuidado do idoso fragilizado e num segundo momento devem dar conta das tarefas domésticas de maneira geral (GUIMARÃES; HIRATA; FUGITA, 2011).

A análise do nível de escolaridade das participantes do estudo indicou que a maioria delas possui nível fundamental e médio completos. Observou-se que apenas uma participante possui nível superior em Enfermagem. No que se refere à preparação para o cuidado de idosos, observou-se que 60% das participantes têm algum tipo de preparo para exercer a função, tendo realizado cursos de enfermagem ou curso de cuidadores, porém 40% delas não têm nenhum tipo de formação. Devido ao profissional especializado dispender um custo muito alto, ainda se opta por profissionais não capacitados, mas dispostos a assumir as responsabilidades do cuidado, porém se torna imprescindível que haja uma especialização desses profissionais visando uma melhor prestação desses serviços (SOUZA; VITORINO; NINOMYA, 2015).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscou-se compreender a motivação que levou cada uma das participantes a exercer esta profissão. Entre os muitos fatores que cooperaram para isso, pode-se observar que aspectos relacionados à “vivência com idosos que necessitam de cuidado” e “nutrir afeto pelo idoso” tiveram grande relevância na escolha. Um número significativo de participantes relatou vivenciar situações em que tiveram contato com idosos que precisavam de cuidados especiais e muitas vezes não tinham quem lhes prestasse alguma assistência. Algumas cuidadoras tiveram contato com idosos de sua própria família que se encontravam doentes e dependiam de alguém que lhes cuidasse, como é o caso de Acácia, Glicínia e Margarida, outras participantes conviveram com idosos que careciam de atenção especial, porém não tinham com eles nenhum vínculo anterior, como exemplificado na fala de Dália: “(...) eu passei a ver a situação das pessoas que estavam internadas, (...) alguns pacientes não conseguiam comer sozinhos, então (...) eu dava a comida na boca deles”.

Em estudos realizados por Ferreira et al. (2015), foi observado que em muitos casos os cuidadores tinham experiências anteriores no cuidado com familiares, assim como as participantes desta pesquisa. Após a experiência de cuidar de um familiar, muitos desses participantes fizeram curso de auxiliar de enfermagem em busca de conhecimentos técnicos para aperfeiçoar o cuidado e, posteriormente, tornaram-se profissionais cuidadores de idosos.

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

Duas participantes tornaram-se cuidadoras de idosos dando continuidade ao trabalho doméstico, esse foi o caso de Camélia e Violeta, que já trabalhavam há muitos anos como empregadas domésticas e depois passaram a tomar conta de suas empregadoras, enquanto Alfazema e Rosa foram contratadas como cuidadoras e realizavam todas as tarefas da casa, além da responsabilidade de cuidar do idoso. Desse modo, devido ao envelhecimento de algum membro da família, passaram a exercer a função de cuidadoras de idosos, agregando mais essa função a seu cargo. Esse fato também foi encontrado no Estudo de Manna (2013), mostrando certa frequência de empregados domésticos tornando-se cuidadores de idosos da família na qual já trabalhavam.

A segunda categoria temática analisada foi a “preparação para se tornar cuidador de idosos”. Das 15 participantes, seis fizeram algum curso na área de enfermagem: Acácia e Dália fizeram curso de auxiliar de Enfermagem; Begônia, Glicínia e Rosa de técnico em Enfermagem; e Giesta fez graduação em Enfermagem. As participantes relataram que os conhecimentos adquiridos nesses cursos lhes deram capacitação e conhecimentos técnicos para exercer o cuidado ao idoso.

Na análise das unidades de significado verificou-se que quase a metade das participantes não teve nenhum tipo de preparo para exercer a profissão. Essa característica também se confirma no estudo de Siewert et al. (2014), no qual apenas 32% dos cuidadores haviam feito algum curso preparatório. Observa-se, assim, um despreparo muito grande por parte das pessoas que, por alguma razão, acham-se aptas a trabalhar no cuidado com idosos e o quanto é necessário que haja uma melhor formação desses profissionais, com cursos que os capacitem efetivamente para a função.

Quatro participantes fizeram curso de cuidadora de idosos. Amarílis e Gardênia, por exemplo, manifestaram o desejo de fazer um curso específico para cuidador de idosos, pois estão percebendo que o mercado de trabalho está se tornando mais exigente e mostrando uma tendência na realização de cursos para aprimoramento do cuidado. No entanto, se por um lado observa-se uma oferta maior de cursos nessa área, por outro ainda é necessário que um padrão seja estabelecido, pois muitas vezes a instituição que oferece um curso de cuidadores de idosos é responsável por sua duração, conteúdo didático, carga horária e se será presencial ou a distância, evidenciando-se uma dificuldade muito grande na padronização dos mesmos (RIBEIRO, 2015).



Para grande parte das participantes, o significado de cuidar de idosos está ligado a ter afeto, ou seja, o sentimento que nutrem pelo idoso é muito importante e manifesta-se no ato de proporcionar-lhes bem-estar, o que pode estar ligado a questões concretas de cuidado com o corpo e suprimento das necessidades do idoso, como também às questões ligadas a sua subjetividade.

Para grande parte das participantes, o significado de cuidar de idosos está ligado a ter afeto, ou seja, o sentimento que nutrem pelo idoso é muito importante e manifesta-se no ato de proporcionar-lhes bem-estar, o que pode estar ligado a questões concretas de cuidado com o corpo e suprimento das necessidades do idoso, como também às questões ligadas a sua subjetividade. Dez cuidadoras afirmaram sentir afeto pelo idoso. Essa característica pode fazer com que, imbuídas de um sentimento de carinho, elas formem um vínculo que vai além de um contrato de trabalho ou uma fonte de renda, e possam vivenciar, no ato do cuidado, um momento de troca afetiva. Medeiros (2015) realizou uma pesquisa visando investigar os fatores ambientais associados à Síndrome de Burnout em cuidadores de idosos que sofriam da doença de Alzheimer. Nesse estudo também foi observado que a afetividade cooperou para que vínculos positivos fossem estabelecidos entre cuidador e idosos, gerando satisfação e bem-estar aos cuidadores. Assim, na ausência de um significado para o cuidado, a sobrecarga observada era maior, podendo, inclusive, acarretar em um adoecimento psíquico do cuidador.

Para metade das participantes, entre outros fatores, cuidar de idosos significa “proporcionar bem-estar”, auxiliando nas atividades que eles não conseguem fazer sozinhos, propiciar uma sensação de conforto e suprir as necessidades do idoso cuidado. Esse bem-estar está ligado ao cuidado concreto com o corpo, como cuidar da higiene e da alimentação, e ter certeza de que o idoso está confortavelmente instalado. Segundo a visão de vários pesquisadores da área, de maneira geral, os cuidadores associam essa unidade de significado como sendo a maior prioridade de sua função (SOUZA, 2014; SILVA, 2014; EVANGELISTA; SOUZA, 2015). Outro aspecto verificado

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

nas falas das participantes foi uma preocupação quanto ao bem-estar subjetivo, relatado como forma de animar o idoso, como mencionado por Dália: “Eu procuro proporcionar o melhor que eu posso. Eu canto, conto histórias, faço a pessoa rir”.

Outra característica encontrada na fala de sete participantes foi a “infantilização da velhice”, na qual elas relacionam o significado de cuidar de um idoso à maneira de se cuidar de um bebê ou uma criança, trazendo a ideia de um idoso que se comporta como uma criança. Para Magalhães (2015) e Gil e Marigliano (2015), no intuito de negar a própria impotência frente à perspectiva da finitude, lança-se mão do recurso de infantilizar o idoso, trazendo aspectos de alguém que ainda tem a vida inteira pela frente ao invés de pensar que se está diante de uma pessoa que, devido à idade avançada, já vivencia uma proximidade com a morte.

Algumas participantes que cuidam de pacientes em estado de dependência total vivenciam o sofrimento pelo qual o idoso cuidado está passando e utilizam o recurso da infantilização para lidar com esse contexto tão delicado, como exemplificado nas falas de Begônia: “Cuidar de um idoso é cuidar de uma criança (...)”; e de Rosa; “(...) eu tratava ela como se fosse uma criança”. Algumas participantes também tiveram a experiência de cuidar de um parente muito próximo que passou por doenças graves, culminando em sua morte. Diante dessas situações e dos aspectos da própria história, o infantilizar a velhice acaba sendo uma maneira de negar sua própria angústia e projetar no idoso a figura de um bebê, que embora use fraldas e dê um trabalho específico, está no início da vida e ainda terá muito a aprender e produzir.

A quarta categoria analisada teve como tema as “características da função de cuidador de idosos”. Pode-se destacar a unidade de significado “atividade constante”, expressão utilizada para indicar que devido à grande demanda por cuidadores no mercado de trabalho atual, assim que deixam de cuidar de um determinado idoso pelas mais variadas razões, logo em seguida já são contratadas para o cuidado de um novo idoso. Essa característica é confirmada na fala de Acácia: “Trabalhei até o dia que ela faleceu, depois disso, não parei mais”.

Nesta pesquisa foi observado que nove participantes estão trabalhando com o idoso no período de seis a oito meses, não chegando a concluir um ano de trabalho. Uma queixa trazida por algumas contratantes de cuidadores para seus familiares idosos, principalmente os que sofriam de doença de Alzheimer, foi que as cuidadoras não permaneciam muito tempo no trabalho, por melhores que fossem as condições oferecidas, seja pelas dificuldades de relacionamento com o idoso ou com os familiares, devido a questões ligadas a sua própria saúde ou porque encontraram uma melhor oportunidade de trabalho.

Essas características também foram verificadas em estudos que associam a alta rotatividade ao fato de os cuidadores participantes sofrerem com dores crônicas, como distúrbios osteomusculares que provocam dores lombares, cervicais e nos joelhos, dificultando a realização do trabalho e, com isso, gerando a necessidade de mudança do mesmo. Além das limitações causadas por problemas de saúde, questões relacionadas a aspectos psicológicos também são possíveis causadores de rotatividade. Assim, a sensação de impotência diante da finitude e o avanço progressivo das enfermidades foram ressaltados como fatores agravantes do declínio do vínculo entre cuidador e idoso e, conseqüentemente, do abandono da função (BOCCHI et al. 2010; ALENCAR; SCHULTZE; SOUZA, 2010).

Pode-se observar que com relação à função que exercem, quase metade das participantes traz como uma característica da profissão o fato de terem tido “experiências marcantes no cuidado com o idoso”, relatando vivências que foram importantes. Quando o vínculo está estabelecido, observa-se que o cuidador se sente identificado com a situação do idoso e projeta nele suas próprias ansiedades quanto ao envelhecimento, sentindo o desejo de amenizar seu sofrimento. Essa característica é exemplificada nas falas da participante Margarida, que afirma: “(...) ela era uma mulher maravilhosa. Ela marcou a minha vida!”; e de Glicínia que também faz essa afirmação: “(...) cada um tem uma história que marca mesmo a vida da gente!”.

Uma característica encontrada no relato de duas participantes foi a “defesa do idoso frente a maus tratos”. Já há alguns anos tem-se observado o aumento da incidência de casos de violência contra a pessoa idosa e ao mesmo tempo uma subnotificação dos casos, uma vez que o

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

idoso muitas vezes protege o agressor e acaba por não o denunciar. Segundo Santos et al. (2013), essa violência ocorre mais frequentemente no contexto interpessoal e doméstico e tem sido reconhecida como um dos principais problemas de saúde pública na atualidade.

Algumas participantes relataram ter “ansiedade quanto à morte dos idosos”, referindo-se ao sentimento de apreensão diante da eminência da morte do idoso cuidado, seja em decorrência da idade avançada ou da delicada situação de seu estado de saúde. Margarida comentou sobre sua dificuldade em lidar com a morte: “Eu odeio a morte, eu não gosto (...) então fico pensando, porque ele já tem 94 anos, quanto tempo ele vai durar, dez anos? Eu sei que pelo menos mais um ano ele vai durar, é aí eu me apego mais ainda”. Em caso de falecimento, esses vínculos afetivos podem tornar ainda mais sofrido o desligamento, pois a morte do idoso cuidado traz uma conotação pessoal na medida que a cuidadora tinha um vínculo afetivo forte com ele. De acordo com Suzuki (2013), ao ver o idoso cuidado perder suas capacidades progressivamente, ocorre o luto antecipatório do cuidador, trazendo-lhe um sofrimento muito grande. O autor ressalta que esse aspecto deve ser trabalhado, fazendo com que o cuidador possa elaborar psiquicamente a questão.

Segundo a ótica da maioria das participantes, o relacionamento com o idoso cuidado é bom, mostrando a relação de empatia que ocorre entre elas e o idoso sob sua responsabilidade. Para Witter e Camilo (2011), é muito importante para uma relação de respeito e amizade que haja empatia entre o cuidador e o idoso, como também um domínio do cuidador sobre diversos aspectos do envelhecimento. Com isso, o cuidador terá sensibilidade para dar suporte ao idoso nas mais variadas circunstâncias e fortalecer essa relação de amizade.

A participante Acácia, de 38 anos, relatou que no início foi muito difícil ser aceita por Dona E., mas após um período de insistência, conseguiu transformar essa relação e hoje busca manter a boa convivência, principalmente evitando fazer coisas que a desagradam “(...) então, eu tive que insistir até que deu certo, aí ela começou a aceitar. Eu tenho medo de destruir tudo o que eu consegui (...) e assim, colocar tudo por água abaixo”. Na visão de Carneiro e França (2011) e Rocha e Pacheco (2013), uma das causas que dificultam o relacionamento entre cuidador e idoso é o criticismo que muitas vezes o idoso tem, requerendo que o cuidador lance mão de seus recursos inter-

nos e externos para lidar com o estresse, criando a necessidade de um acompanhamento psicológico para que o cuidador aprenda a lidar com essas demandas.

Foi identificada, no que diz respeito ao relacionamento com o idoso, uma “necessidade de controle” por parte das cuidadoras. As participantes Acácia, Alfazema e Amarílis se encaixam nessa afirmação, pois dizem ter um bom relacionamento e ter necessidade de controle, já a participante Rosa ressaltava essa necessidade alegando que a idosa de quem cuida sofre de Alzheimer, o que exige muita atenção, portanto é preciso estar no controle da situação para que tudo corra bem. Esse dado foi destacado pelas expressões utilizadas pelas cuidadoras, que revelam a necessidade de estar à frente da situação no trato com os idosos. É importante observar que esse tipo de atitude, quando exacerbada, pode criar mais perda de autonomia por parte do idoso, pois com o passar do tempo pode ocorrer uma dependência comportamental. Com isso, eles não fazem mais as suas atividades sozinhos e esperam pelo momento em que o cuidador venha ajudá-los. Nesse sentido, foi ressaltado que é muito importante que o idoso mantenha sua autonomia e possa ele mesmo executar suas tarefas, mesmo que pequenas, o que faz com que ele continue ativo e se sinta no controle de suas ações (NASCIMENTO; PAULIN, 2014).

Algumas participantes relataram que ao cuidar do idoso estavam tendo a oportunidade de “reviver aspectos da vida pessoal”, denotando a possibilidade de entrarem em contato com sua própria história. A participante Margarida disse que ao cuidar do sr. M. sente que está tendo uma oportunidade de cuidar de seu avô, que morreu há muitos anos: “Eu gostaria de ter cuidado do meu avô, parece que eu passo esse sentimento para ele”. Camélia projeta na idosa que cuida sentimentos maternos, como mostra nessa afirmação: “(...) então, é como uma mãe para mim”. A participante Rosa também relata sentimentos, projetando na idosa esse carinho maternal, como indica a seguinte fala: “(...) ela me cuidava como se fosse uma filha”.

Buscou-se também conhecer quais seriam os impactos que poderiam ocorrer na saúde física e mental das cuidadoras e pôde-se observar que sete participantes relataram ter sentido impactos negativos na saúde mental, referindo-se à presença de fatores psicológicos prejudiciais diante da atividade de cuidar de um idoso. As participantes se queixaram de estresse e ansiedade, alegando que devido a isso, se

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

sentiam tensas e, ainda, tiveram outros agravantes, como por exemplo, falta de memória. A carga de estresse psicológico do cuidador pode ocorrer por diversas razões, entre elas está o estado de saúde do idoso e a falta de colaboração por parte dos familiares, aumentando, assim, a sobrecarga sobre o cuidador. Embora as participantes, de modo geral, tenham relatado ter um bom relacionamento com os idosos e tenham lançado mão de seus recursos internos para lidar com os fatores estressantes, algumas cuidadoras apresentaram algum sintoma de estresse. Assim, ficar muitas horas confinado no quarto, não poder dar vazão a seus próprios projetos em detrimento do cuidado do idoso pode fazer com que o cuidador sinta com mais intensidade uma sobrecarga emocional. Entre os sintomas que podem acometê-lo decorrentes dessa sobrecarga estão estresse, fadiga, insônia, aumento ou perda de peso, entre outros. O estresse e a agitação estão exemplificados nas falas de Violeta: “Ah, eu fico bem estressada”; e de Amarílis: “Você está sempre agitada, sempre alerta” (SOUZA, 2014).

Por outro lado, foram encontradas no relato de seis participantes “mudanças positivas”, expressando diferenças benéficas percebidas em sua vida após começarem a exercer a função de cuidadoras, trazendo-lhes uma visão mais humanizada da figura do idoso, como exemplificado na fala de Begônia: “Eu tenho que olhar para ela não só como paciente, mas como alguém que já viveu também, que teve a história dela e que merece todo o meu respeito”. O vínculo de cuidado com o outro, nesse caso, representou uma fonte de mudanças positivas que trouxe amadurecimento para as cuidadoras. Em estudo realizado por Kim et al. (2009), os autores ressaltam que embora o ato de cuidar muitas vezes traga fortes impactos à saúde física e mental do cuidador, quando ele se prevalece de boas condições de saúde e um acompanhamento psicológico o cuidado torna-se mais prazeroso e ocorrem mudanças positivas. Para exemplificar essa afirmativa, foi destacada a fala de Acácia: “Depois que eu mudei para essa área, estou mudando o meu comportamento, entendeu, está me deixando mais serena, mais observadora, procuro não levar as coisas tão ao pé da letra”; e de Giesta “(...) você começa a ver as coisas de outra forma, (...) a valorizar mais a vida, com certeza”.

Sete participantes trouxeram em seus relatos terem sentido “impactos negativos na saúde física”, referindo-se a prejuízos que tiveram em sua saúde, entre eles sintomas como dormência nos pés, aumento da pressão arterial e mal-estar. A participante Amarílis disse que após começar a executar essa função teve um aumento de peso significativo, pois devido à pressão de ter de estar atenta às atitudes da idosa, ficou muito ansiosa e acabou exagerando na alimentação. Glicínia relata também o impacto físico que sente quando afirma que: “Eu acho que fiquei, assim, mais debilitada”.

Entre as muitas doenças que podem ser apresentadas pelos cuidadores de idosos pode-se destacar as psicossomáticas e as crônicas, além de hérnia de disco, dores na coluna vertebral, osteoporose e hipertensão arterial. Esses problemas podem ser adquiridos no cotidiano de trabalho e, quando já são preexistentes, podem se agravar como resultado das muitas horas dedicadas ao cuidado. Esse é o caso da participante Dália, que relatou ter bronquite e por essa razão sentir um cansaço muito grande durante as atividades de cuidado, nas quais precisa fazer toda a higienização do idoso, massagens e locomoção, entre outras, que exigem um grande preparo físico (ANJOS et al., 2015; COSTA; CASTRO; ACIOLI, 2015).

Com relação às estratégias para lidar com os possíveis impactos que podem ser causados pelo ato de cuidar, uma das utilizadas por nove participantes está representada na unidade de significado “evitar contrariar o idoso”, pois procurando não se opor ao a ele as cuidadoras tentam impedir a ocorrência de conflitos. Um exemplo a destacar é o de Dália, que procura usar de resiliência para enfrentar os desafios da profissão e não contrariar o idoso. Ela relata que “(...) quando o paciente está agitado ou confuso você tenta inverter a situação. O segredo é não contrariar a pessoa, você concorda com tudo que ela diz e fica tudo bem”. A resiliência também está presente nas estratégias das outras participantes, fazendo com que elas passem pelas adversidades do dia a dia de trabalho buscando o mínimo de comprometimento de sua saúde. É muito importante que a resiliência faça parte das muitas estratégias de enfrentamento usadas pelo cuidador, ou seja, que após ser submetido a uma situação de muito estresse ele possa se refazer e ter capacidade de se adaptar para lidar com novas demandas que possivelmente vão ocorrer em seu ambiente de trabalho (GAIOLI; FUREGATO; SANTOS, 2012).

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

Para lidar com eventos estressantes, seis participantes mencionaram lançar mão do “exercício da espiritualidade”, referindo-se à experiência de estabelecer uma relação com o sagrado, visando conforto e apoio nas situações difíceis. Essa afirmação pode ser confirmada pela fala de Glicínia: “(...) ponho meu joelho no chão e oro, ‘Senhor me fortalece’, aí eu volto outra pessoa”. A pesquisa realizada por Chaves (2014) mostra que o exercício da espiritualidade não está voltado apenas à prática religiosa, mas também como forma de se sentir amparado e protegido por alguém ou algo, denotando um vínculo afetivo entre os cuidadores que se utilizam dessa expressão e o sagrado. Exercer a espiritualidade vai além de possuir uma religião ou se afiliar a algum grupo religioso, é ter uma comunhão especial com o sagrado e a transcendência, buscando fortalecimento em todos os momentos, principalmente nos de angústia. As cuidadoras que conseguem amadurecer essa relação podem contar com esse suporte para lhes ajudar no enfrentamento das dificuldades e sofrimentos, superando seus limites e beneficiando, inclusive, sua saúde física e mental.

Entre as estratégias apresentadas pelas participantes está o “convencimento do idoso”, referindo-se ao ato de procurar persuadir o idoso a realizar algo diferente da maneira como está acostumado. As cuidadoras relataram que para não criar atrito com o idoso vão aos poucos criando estratégias para que façam suas atividades da maneira que elas consideram mais adequada. Com isso, visam proporcionar bem-estar ao idoso e melhor adequação na sua rotina de trabalho. Essa estratégia é o inverso daquela que busca “evitar contrariar o idoso”, pois elas conseguem introduzir novos costumes sem que haja atritos com o idoso. A participante Estrelitzia procura conversar e ser bem paciente com o idoso no intuito de convencê-lo a mudar a forma como realiza alguma atividade: “(...) eu procuro conversar, (...) a estratégia é convencer a pessoa”. Dália também menciona que o idoso I. tinha o costume de tomar os medicamentos com refrigerante, atrapalhando, em alguns casos, a eficácia do remédio. Depois de muito dialogar fez com que o idoso mudasse esse hábito, como exemplificado nessa fala: “(...) e eu consegui convencê-lo a tomar os remédios com água”. Para Duarte (2009) e Scortegagna e Oliveira (2012), procurar dialogar com o idoso e mostrar novas maneiras de realizar as coisas faz com que o idoso se sinta capaz de usar suas experiências antigas para lidar com situações diferentes, conferindo a eles o sentimento de pertencimento à sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população idosa tem alcançado faixas etárias cada vez maiores, levando ao aumento da quantidade de idosos fragilizados e dependentes de cuidados. Compreender qual a percepção que o cuidador formal domiciliar de idosos tem a respeito de suas vivências e de seu vínculo com os idosos se torna muito importante e deve ser cada vez mais objeto de estudos e pesquisas, embasando um conhecimento que subsidie os profissionais, bem como as políticas públicas voltadas a essa área.

Diante do exposto, observa-se que cada participante, singularmente, tem sua maneira de perceber como se dá a sua relação com o idoso cuidado, mas nota-se, de modo geral, mesmo diante de fatores estressantes, que ela é percebida predominantemente em seus aspectos positivos, havendo um empenho para que ocorra da melhor forma. O cuidado se dá quando a subjetividade do outro é levada em conta, necessitando para isso que a relação sujeito-sujeito seja respeitada, daí a necessidade que se compreenda como se dá essa relação, para que os cuidadores possam aprender a lidar com seu próprio processo de envelhecimento e com os fatores estressantes ligados à sobrecarga do trabalho.

Diante dos aspectos emocionais já descritos que envolvem o ato de cuidar de um idoso, observa-se que há uma necessidade muito grande não só de melhorar a identidade profissional dos cuidadores, como também sua formação. Torna-se necessário proporcionar o cuidado emocional a esses profissionais por meio de acompanhamento por psicólogos e grupos psicoeducativos. Essa atenção especial dedicada ao profissional cuidador, além proporcionar melhor qualidade de vida, poderá favorecer na criação de estratégias para lidar com a sobrecarga de trabalho e também em seu autocuidado.☺



O cuidado se dá quando a subjetividade do outro é levada em conta, necessitando para isso que a relação sujeito-sujeito seja respeitada, daí a necessidade que se compreenda como se dá essa relação, para que os cuidadores possam aprender a lidar com seu próprio processo de envelhecimento e com os fatores estressantes ligados à sobrecarga do trabalho.

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ALENCAR, M.C.B.; SCHULTZE, V. M.; SOUZA, S. D. Distúrbios osteomusculares e o trabalho dos que cuidam de idosos institucionalizados. In: *Revista Fisioterapia em Movimento*, Curitiba, Paraná, v. 23, n. 1, p. 63-72, jan.-mar. de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fm/v23n1/o6.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- ANJOS, K. F. et al. Associação entre apoio social e qualidade de vida de cuidadores familiares de idosos dependentes. In: *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, v. 20, n. 5, p. 1.321-1.330, mai. de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015205.14192014>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- ARAÚJO, J. S. et al. Perfil dos cuidadores e as dificuldades enfrentadas no cuidado ao idoso, em Ananindeua, PA. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 1, p. 149-158, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v16n1/a15v16n1.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Ed. revisada e ampliada. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BATISTA, M. P. P.; ALMEIDA, M. H. M.; LANCMAN, S. Cuidadores formais de idosos: contextualização histórica no cenário brasileiro. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, RJ, v. 17, n. 4. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-9823.2014.13148>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- BOCCHI, S. C. M. et al. Entre o fortalecimento e o declínio do vínculo voluntário-idoso dependente em um centro dia. [Versão eletrônica]. In: *Revista Escola Anna Nery*, v. 14, n. 4, p. 757-764, out.-dez. de 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v14n4/v14n4a15.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- BRAZIL: Agência Senado. *Aprovado projeto que regulamenta profissão de cuidador de pessoa idosa*, set. de 2012. Disponível em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2012/09/12/aprovado-projeto-que-regulamenta-profissao-de-cuidador-de-pessoa-idosa>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- CARNEIRO, V. L.; FRANÇA, L. H. F. P. Conflitos no relacionamento entre cuidadores e idosos: o olhar do cuidador. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 14, n. 4, out.-dez. de 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232011000400005&lang=pt. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- CHAVES, L. J. *Concepções de idosos sobre espiritualidade relacionada ao envelhecimento e qualidade de vida*. (Mestrado em Ciências do Envelhecimento) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2014.
- COSTA, S. R. D.; CASTRO, E. A. B.; ACIOLI, S. Apoio de enfermagem ao autocuidado do cuidador familiar. In: *Revista Enfermagem Uerj*, Rio de Janeiro, RJ, v. 23, n. 2, p. 197-202, mar.-abr. de 2015. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v23n2/v23n2a09.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.

- CRUZ, I. R. *Avaliação geriátrica global dos idosos mais velhos residentes em Ribeirão Preto (SP) e Caxias do Sul (RS): indicadores para envelhecimento longo*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-08012010-133459/pt-br.php>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- DUARTE, Y. A. O. *Manual dos formadores de cuidadores de pessoas idosas*. Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social. São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2009. Disponível em: http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/biblioteca/publicacoes/volume9_Formadores_de_cuidadores_de_idosos.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- EVANGELISTA, L. B.; SOUZA, M. M. T. Enfermagem diante da sobrecarga vivida pelo cuidador do paciente com Alzheimer. In: *Revista Pró-universUS*, v. 6, n. 1, p. 17-21, 2015. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/402/473>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- FATTORI, A. et al. Pressão arterial e fragilidade. In: NERI, A. L. (Org.). *Fragilidade e qualidade de vida na velhice*. Campinas: Alínea, 2013, p. 99-114.
- FERREIRA, M. L. L. et al. Qualidade de vida relacionada à saúde de idosos em tratamento quimioterápico. In: *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 18, n. 1, p. 165-177, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbagg/v18n1/1809-9823-rbagg-18-01-00165.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- GAIOLI, C. C. L. O.; FUREGATO, A. R. F.; SANTOS, J. L. F. Perfil de cuidadores de idosos com a doença de Alzheimer associado à resiliência. In: *Texto e Contexto Enfermagem*, v. 21, n. 1, jan.-mar. de 2012, p. 150-157. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072012000100017. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- GIL et al. Envelhecimento e demanda por cuidado: rede informal e formal de apoio. In: SOCCI, V.; WITTER, C. (Orgs.). *Psicogerontologia: uma análise multidisciplinar*. São Paulo: Alínea, 2018, p. 53-79.
- GIL, C. A.; MARIGLIANO, R. X. Cuidado dirigido à pessoa idosa: perspectivas e desafios da longevidade. In: TARDIVO, L.S.L.P.C. (Org.). *XIII Jornada Apoiar*. Cuidado e prevenção em saúde mental: propostas e pesquisas. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, dez. de 2015.
- GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, H. Cuidado e cuidadoras: o trabalho care no Brasil, França e Japão. (DIETMAN, P. trad.). In: *Revista Sociologia e Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 151-180, jul. de 2011. Disponível em: http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/01/8-ano1v1_artigo_nadya-guimaraes-helena-hirata-kurumi-sugita.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- HOUAISS, A. Cuidado. In: A. HOUAISS, VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (Orgs.). *Pequeno dicionário Houaiss de língua portuguesa/ Instituto Houaiss de Lexicografia*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2015, p. 276.

Artigo 2O cuidador formal domiciliar de idosos:
aspectos psicológicos e vivências emocionais

- JACOBS, M. T.; GROENOU, M. I. B. V.; DEEG, D. J. H. Overleg tussen mantelzorgers en formele hulpverleners van thuiswonende ouderen. In: *Tijdschrift voor Gerontologie en Geriatrie*, v. 45, n. 2, p. 69-81, 2014. Disponível em: <http://link.springer.com/article/10.1007%2Fs12439-014-0064-6>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- KIM, M. D. et al. Caregiver burden among caregivers of Koreans with dementia. In: *Gerontology*, v. 55, p. 106-113, 2009. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/19023194>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- KÜCHEMANN, B. A. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. In: *Revista Sociedade e Estado*, v. 27, n. 1, p. 165-180, jan.-abr. de 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v27n1/09.pdf>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- LOTTMANN, R.; LOWESTEIN, A.; KATZ, R. A. German-Israeli comparison of informal and formal service use among aged 75+. In: *Journal of Cross-Cultural Gerontology*, v. 28, n. 2, p. 121-136, jun. 2013. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23547021>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- MAGALHÃES, K. A. *Envelhecimento e cuidado: uma abordagem antropológica centrada na visão de agentes comunitários de saúde*. Tese (Doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz, São Paulo, SP, 2015.
- MANNA, R. E. *O imaginário coletivo de cuidadores de idosos na saúde pública: um estudo psicanalítico*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 2013.
- MEDEIROS, A. L. F. *Síndrome de Burnout em cuidadores de idosos com doença de Alzheimer: um estudo dos fatores associados*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Santos, Santos, SP, 2015.
- NASCIMENTO, J. S.; PAULIN, G. S. T. Relação entre o contexto ambiental e a capacidade funcional de idosos institucionalizados. In: *REFACS*, v. 2, n. 2, p. 161-169, 2014. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/4979/497950348006_2.pdf. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- NERI, A. L. Fragilidade e qualidade de vida na velhice. In: NERI, A. L. (Org.) *Fragilidade e qualidade de vida na velhice*. Campinas: Alínea, 2013, p. 15-29.
- NOVELLI, M. M. P. C.; NITRINI, R.; CARAMELLI, P. Cuidadores de idosos com demência: perfil sociodemográfico e impacto diário. In: *Revista Terapia Ocupacional Universidade de São Paulo*, v. 21, n. 2, p. 139-147, mai.-ago. de 2010. Disponível em www.revistas.usp.br/rto/article/download/14097/15915. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- QUEROZ, N. C. Aspectos do conhecimento psicogerontológico para a atenção à família, ao cuidador e às instituições de idosos fragilizados. In: FALCÃO, D. V. S. (Org.). *A família e o idoso: desafios da contemporaneidade*. Campinas: Papirus, 2013, p. 99-128.
- RIBEIRO, R. N. *Cuidador idosos: discussão do processo de regulamentação da profissão pela análise discursiva de audiências públicas*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2015.

- ROCHA, B. M. P.; PACHECO, J. E. P. Idoso em situação de dependência: estresse e coping do cuidador informal. In: *Revista Acta Paulista de Enfermagem*, v. 26, n. 1, São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002013000100009&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- SANTOS, A. J. et al. Prevalência da violência contra as pessoas idosas: uma revisão crítica da literatura. In: *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, v. 72, p. 53-77, 2013. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0873-65292013000200003&lng=pt&nrm=i. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. C. S. Idoso: um novo ator social. In: *XI Anped Sul. Seminário de Pesquisa e Educação da Região Sul*, 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1886/73>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- SIEWERT, J. S. et al. Perfil dos cuidadores ocupacionais de idosos. In: *Revista Enfermagem UFPE*, v. 8, n. 5, p. 1.128-35, mai. de 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/download/9790/9945>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- SILVA, G. A. B. (2014). *Capacidade funcional e nível de atividade física entre idosos de comunidade urbana e sua relação com a síndrome da fragilidade*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Estadual da Paraíba, PB, 2014.
- SOUZA, A. A. F.; VITORINO, S. S.; NINOMYA, S. A. C. Atenção ao idoso em uma instituição de longa permanência. [Edição especial]. In: *Revista Diálogos Interdisciplinares*, v. 4, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/110>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- SOUZA, M. B. S. (2014). *Os significados construídos por cuidadores que trabalham em uma Instituição de Longa Permanência a respeito do cuidado ao idoso*. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, 2014.
- SUZUKI, M. Y. Para uma proposta de educação destinada a cuidadores de idosos, focada em cuidados paliativos. In: *Revista Kairós Gerontologia*, v. 16, n. 2, São Paulo, p. 223-234, 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/17642/13139>. Acesso em: 30 de jan. de 2019.
- WITTER, G. P.; CAMILO, A. B. R. Cuidador do idoso. In: WITTER, C.; BURITI, M. A. (Orgs.). *Envelhecimento e contingências da vida*. Campinas: Alínea, 2011, p. 101-126.

3

As experiências sociais da velhice no cárcere

[Artigo 3, páginas de 48 a 67]





Nadia Regina Wacheleski

Assistente social (URI/FW, 2012) e mestra em Serviço Social pela PUC/RS, 2015. Atualmente trabalha na Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul. nadiawacheleski@gmail.com

Beatriz Gershenson

Assistente social (PUC/RS, 1982), graduada em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 1985) e doutora em Serviço Social pela PUC/RS, 2003. É professora titular da Faculdade de Serviço Social da PUC/RS. beatrizg@puhrs.br



RESUMO

Este artigo visa socializar conhecimentos sobre as experiências sociais de idosos no cárcere cuja construção fundamenta-se em uma pesquisa qualitativa calcada no método dialético crítico. Para a objetivação dessa pesquisa foram trianguladas a revisão documental, a observação participante e a técnica de história oral temática. As histórias foram consentidas por dez participantes em entrevistas guiadas no interior do Presídio Central de Porto Alegre/RS, no verão de 2014. Essas narrações foram transcritas para compor a reflexão sobre o fenômeno estudado na perspectiva teórica da gerontologia social, da criminologia crítica e do materialismo histórico dialético. Isso possibilitou o desvendamento das sobrecargas de segregações sofridas por esse grupo na prisão e as necessidades subsumidas dele na massificação da população carcerária e nas dinâmicas prisionais. Por outro lado, são desvelados os modos de sobrevivência e resistência ao contexto prisional em que se confrontam a negação e a demanda por direitos. A finitude da vida e a desvalorização social são exemplos dos significados sociais atribuídos por esses sujeitos à experiência de prisão na velhice. Destacam-se ainda a fragilidade da proteção social da população idosa no Brasil, as estatísticas produzidas pelos órgãos oficiais sobre o encarceramento de idosos e a normatização jurídico-penal dispensada a este segmento.

Palavras-chave: idosos, encarceramento, sobrecarga de segregações.

ABSTRACT

The social experience of individuals with imprisonment, it self, overflows with experiences of violence, erasure of subjectivities and denial of human dignity. This article deals with the social experiences of the elderly with prison, seeking to achieve how they are particularized in terms of the overloads of segregation, the subsumption of human needs to the massification of prisons dynamics, but also valuing the ways of survival and resistance to the prison context by those who experience imprisonment in old age. The approach to the subject emerges from a qualitative research, based on the dialectical-critical method, which triangulated theoretical sources such as social gerontology, critical criminology and dialectical historical materialism, as well as information gathering techniques such as documentary analysis, participant observation and interview in thematic oral history. Ten elderly were interviewed in the interior of the Central Prison of Porto Alegre/RS in the summer of 2014. The study revealed, among the meanings attributed by these subjects to social experience with prison, confrontation with the finitude of life and social disqualification. It was also possible to verify the invisibility of this population segment with regard to social protection, as well as in the statistics produced by the official bodies on the imprisonment of the elderly and in the legal-penal norm provided to this segment.

Keywords: elderly, incarceration, overload of segregation.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o desdobramento da pesquisa que originou a dissertação de mestrado em Serviço Social¹, defendida em 2015 na PUC/RS. O estudo propôs-se a conhecer a situação de encarceramento de idosos no Presídio Central de Porto Alegre/RS visando aportar contribuições para a qualificação das políticas públicas criminais e penitenciárias que consideram as particulares violações de direitos humanos desse segmento face aos processos contemporâneos vinculados às expressões da questão social².

O campo empírico das prisões é permeado por relações de poder e não raro são inúmeros os obstáculos que se colocam à investigação de experiências de grupos segregados por questões de gênero, etnia, religião e idade. E, diante do crescimento demográfico populacional dos idosos, do avanço do Estado penal e do rotineiro paradoxo das políticas públicas, entendeu-se relevante dar visibilidade às experiências de prisão desse grupo.

A pesquisa, de natureza qualitativa, baseada no método dialético crítico, valorizou a narrativa dos idosos sobre a experiência social com o cárcere, utilizando a técnica de entrevista em história oral temática, alcançando a participação de dez idosos encarcerados. Eles narraram suas histórias com ênfase na temática do encarceramento. Para tanto, como instrumento de coleta de história oral foi utilizado um roteiro com tópicos guias.

Neste artigo, o ponto de partida é a contextualização do cárcere de idosos, considerando os aspectos demográficos dos idosos no país e as condições de proteção social dessa população. Os dados prisionais sobre a questão são apresentados e relacionados com o tratamento jurídico-penal reservado ao idoso.

Em seguida, os achados da pesquisa são explorados com ênfase nas sobrecargas punitivas que idosos encarcerados sofrem. A experiência social de idosos com a prisão, em suma, torna visíveis os processos de sujeição, a reprodução social de estereótipos e os conflitos intergeracionais, mas também as estratégias de sobrevivência ao contexto prisional. Reitera a estrutura focalizadora da proteção social e seletiva do controle social levada a efeito pelo Estado. O castigo, a perda, a desqualificação social e a morte predominam na atribuição de significados do encarceramento na narrativa realizada pelos idosos sobre a própria experiência com a prisão.

1 WACHELESKI, N. R. As configurações da situação de encarceramento de idosos em Porto Alegre/RS. Dissertação. 2015. 180 f. (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

2 “A questão social diz respeito ao conjunto das expressões de desigualdades engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Tem sua gênese no caráter coletivo da produção, contraposto à apropriação privada da própria atividade humana – o trabalho – das condições necessárias à sua realização, assim como de seus frutos. (...) expressa, portanto, disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formações regionais, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal. (...) Esse processo é denso de conformismos e resistências, forjados ante as desigualdades, expressando a consciência e a luta pelo reconhecimento dos direitos sociais e políticos de todos os indivíduos sociais” (IAMAMOTO, 2001, p. 17).

A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENCARCERAMENTO DE IDOSOS

Os idosos têm vivido mais e, por uma série de determinações societárias que envolvem a longevidade, representam o grupo populacional que mais cresce no Brasil. A expectativa média de vida do brasileiro aumentou em quase 25 anos nos últimos 50 anos, sem que, concomitantemente, tenham melhorado as condições de vida do idoso que envelhece (CAMARANO, 2004).

A Pesquisa Nacional de Amostras de Domicílios do IBGE/2012 demonstrou que as pessoas com mais de 60 anos representam 12,6% da população brasileira. Essa composição demográfica formou-se em um período muito curto, sobretudo, em razão do declínio da taxa de fecundidade no Brasil e a redução da mortalidade infantojuvenil. Por outro lado, a redução da população jovem está atrelada, em muito, à seletividade penal (BARATTA, 2002), às violências e às discriminações por raça, cor, gênero e território a que os jovens são expostos.

Nesse contexto, o aumento da população idosa está realçando a falta de preparo da esfera pública para responder às suas necessidades específicas em múltiplas áreas. Pode-se afirmar que este segmento é um dos mais impactados pelas trágicas expressões da questão social, caracterizadas pela concentração de renda, pobreza, desregulamentação e precarização das relações de trabalho, levando a uma perversa forma de absorção dessa força de trabalho que se torna descartável com o envelhecimento e é exposta à desproteção social.

Não raramente o benefício previdenciário do idoso brasileiro sustenta o grupo familiar. O que torna o benefício ainda mais incipiente para proporcionar uma vida minimamente digna ao seu destinatário,



O conceito de idoso utilizado nos documentos regulatórios de proteção não é uniforme. Isso pode fragilizar a garantia de direitos, à medida que confunde os profissionais da área e os próprios sujeitos, em seu protagonismo, por fazer valer seus direitos.

sendo que as proteções “da seguridade social – previdência urbana, previdência rural, assistência social e as pensões por morte – cobriam 77,3% da população idosa negra e 78,3% da branca em 2009, ou seja, aproximadamente 16,6% milhões de idosos” (BRASIL, 2012, p. 17), considerando-se beneficiários apenas os com idade igual ou superior a 60 anos.

No caso do benefício de prestação continuada da política de assistência social, a renda mensal da família *per capita* deve ser inferior a $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. Dessa forma, os benefícios computados para a cobertura mencionada correspondem, em sua maioria, a um salário mínimo. Trata-se, assim, de uma cobertura que, apesar de ampla, é precária.

Ademais, o conceito de idoso utilizado nos documentos regulatórios de proteção não é uniforme. Isso pode fragilizar a garantia de direitos, à medida que confunde os profissionais da área e os próprios sujeitos, em seu protagonismo, por fazer valer seus direitos.

Com isso o fenômeno do envelhecimento humano no Brasil precisa ser refletido na perspectiva da baixa qualidade dos sistemas de proteção social, impondo-se também o cotejamento com as marcas identitárias do país, como a pobreza, a violência, a inserção ilícita na sociabilidade capitalista e a cidadania não assegurada. No entrelaçamento dessas condições é que se deve localizar o desvendamento de expressões como o cárcere de pessoas idosas.

A prisão de idosos é mais tardia, em geral, na América Latina se comparado aos Estados Unidos, que possui a maior população de presos do mundo (CNJ, 2014). A incorporação brasileira das políticas de encarceramento em massa autorizou a densa captura seletiva de determinadas pessoas ou grupos. Os idosos ainda não fazem parte da clientela preferencial dessa estrutura seletiva, mas participam dela constantemente, como testemunha um entrevistado:

O velho já praticava e agora cada vez mais está praticando mais delitos. Não é mais coisa só da juventude. O sistema mudou, o regime social mudou, mudou a maneira de ensinar os filhos e as relações estão do avesso. E não importa a idade em que se comete atrocidades vem parar aqui dentro (EHOT3).

Para Cortê e Gomes (2007, p. 8), “quando os idosos cometem algum crime logo são tachados pejorativamente. O que não ocorre quando o idoso é vítima”. Isso porque, no senso comum, o idoso é santificado, reforçando as ideias caricatas de amabilidade e fragilidade que desconhecem que, como qualquer outro ser humano, o idoso pode sofrer ou exercer violências e contravenções penais.

De acordo com Monteiro (2013), que analisou os crimes cometidos por idosos na jurisprudência do Rio Grande do Sul em 2013, foram identificados crimes sexuais, tráfico de drogas e crimes contra a vida. Na jurisprudência do estado de São Paulo, no mesmo ano, foram encontrados casos de roubo, homicídio, sonegação fiscal e violência doméstica.

Em 2012, o total de presos do sistema penal brasileiro com mais de 60 anos era de 5.045 pessoas, sendo 4.771 homens e 274 mulheres, correspondendo a 0,92% das 548.003 pessoas encarceradas no país. A seguir são expostas as unidades federativas do Brasil com maior número de idosos encarcerados em 2012.

Tabela 1. Estados brasileiros com o maior número de idosos encarcerados em 2012

Unidade Federativa	Total de idosos	Homens		Mulheres	
		nº	%	nº	%
São Paulo	1.414	1.368	96,75	46	3,25
Pernambuco	525	490	93,33	35	6,67
Minas Gerais	381	363	95,28	18	4,72
Rio Grande do Sul	380	335	88,16	45	11,84
Rio de Janeiro	324	299	92,28	25	7,72
Paraná	315	288	91,43	27	8,57
Total de SP, PE, MG, RS, RJ e PA	3.339	3.143	94,13	196	5,87

Fonte: Depen, Ministério da Justiça (2012).

Conforme dados de agosto de 2018 compilados pelo Conselho Nacional de Justiça sobre a conjuntura carcerária do Brasil, denota-se que estão privadas de liberdade no país 602.217 pessoas, das quais 95% são homens e 5% mulheres. O recorte por faixa etária apresentado pela instituição demonstra que os idosos compõem as três faixas etárias menos populosas no contexto carcerário atual.

Tabela 2. Faixa etária da população encarcerada em 2018

Faixa Etária	Percentual
18 a 24 anos	30,5%
25 a 29 anos	23,4%
30 a 34 anos	17,4%
35 a 45 anos	20,4%
46 a 60 anos	7%
61 a 70 anos	1%
71 anos	0,2%

Fonte: Cadastro Nacional de Presos, 06/08/2018.

Essas informações evidenciam a relação contemporânea cárcere/idoso. As capturas penais consubstanciam tanto a velhice encarcerada quanto o envelhecimento atrás das grades, pois é necessário considerarem-se as situações em que as pessoas ingressam já idosas na prisão e aquelas que, no decorrer do cumprimento da sua pena, envelhecem na prisão.

Nessa perspectiva, o envelhecimento³ não é visto como um processo patológico, mas natural e que gradualmente reduz a probabilidade de sobrevivência, aumentando as vulnerabilidades e as perdas evolutivas de acordo com as experiências e as condições em que se envelhece. Como etapa mais avançada do ciclo natural humano, a velhice pode ser

3 Supõe-se, também, que esse processo é diferenciado por sexo, grupo social, cor/raça, localização geográfica e que pode ser minimizado por políticas públicas. As suas condições de vida vão depender das capacidades com que nasceram (básicas), das capacidades adquiridas e da inter-relação entre as duas capacidades com as facilidades/dificuldades criadas pelo ambiente e pelas políticas públicas (CAMARANO; PASINATO, 2004, p. 2).

Artigo 3As experiências sociais
da velhice no cárcere

caracterizada pela degeneração do organismo, perdas físicas e mudanças nas diversas esferas do modo de vida dos sujeitos (HERÉDIA; CASARA, 2000). Tais limitações naturalmente impostas por esses processos se agravam no ambiente de segregação, como testemunham idosos encarcerados:

Até gordo eu estava daí cai preso e emagreci uma barbaridade. A gente vê pela roupa, a gente olha no espelho e vê outra aparência. O cabelo e a barba vão branqueando e a gente vai lutando contra a decaída. A prisão é horrível, é um fim de mundo. (...) Eu considero um inferno, sem conhecer o inferno, acho que o movimento, a situação é a mesma (...). O idoso decai muito aqui, enfraquece, a nossa natureza é forçada aqui, forçada mesmo (EHOT₂).

(...) a vida aqui não tem significado ela é nada. Aqui envelheci muito rápido. Sempre tive uma saúde boa. Meus olhos queimam muito, saíu essas manchas nas mãos e tenho que tomar remédio direto. Eu sinto que minha saúde não tá boa. (...) Faz dois anos e sete meses que estou preso, nesse tempo emagreci oito quilos e envelheci demais. Tem um bem velhinho lá, mais do que eu. Ele tem 66 anos, mas, tá mais judiado. Tá muito sofrido, nem caminhar consegue. Se arrasta e tropeça. De vez em quando converso com ele e ele diz que eu estou novo ainda. É assim aqui se tu puxas três anos: dois é de arrasto, fica velho (EHOT₆).

As dinâmicas prisionais obscurecem as necessidades dos encarcerados, ainda mais se esses encarcerados não correspondem à maioria das pessoas presas no estabelecimento prisional. As ações do Estado no âmbito prisional predominam sobre o público mais populoso, ou seja, homens jovens. As experiências particularizadas de prisão como, por exemplo, de mulheres, índios, estrangeiros, LGBT e idosos, que presumem necessidades diferenciadas, acabam apagadas e invisibilizadas no universo da massa carcerária.

Para (GHIGGI, 2012, p. 100), “as instituições prisionais falham no entendimento das necessidades ideológicas, fisiológicas e psicológicas dos homens e mulheres idosos encarcerados, o que ocasiona em uma punição sem limites sobre eles”. A rotina prisional permeada por

disciplinamentos, negação de direitos, conflitos, resistências, relações de poder e disputas de toda ordem repercute em violências contínuas contra grande parte dos encarcerados. Muitas vezes os encarcerados reproduzem e naturalizam as violências a que são submetidos. Essas violências são intensificadas com a expansão das facções criminosas e o afastamento do Estado das políticas de prevenção da violência e do próprio gerenciamento das prisões.

O idoso (60 anos ou mais) preso por crime não hediondo, crime hediondo ou equiparado dificilmente será contemplado com privilégios legais. Para exemplificar, o art. 117 da Lei 7.210/84 (LEP) admite a prisão domiciliar a partir do regime aberto para condenados com mais de 70 anos de idade: “(...) o Judiciário procura beneficiar com a prisão domiciliar tão somente os réus acometidos de doenças graves ou de difícil tratamento, e não simplesmente os réus idosos cuja única justificativa para a obtenção da benesse seja a idade avançada” (MONTEIRO, 2013, p. 74). Abaixo estão identificadas as leis penais e os respectivos tratamentos previstos para o réu idoso.

Quadro 1. Principais marcos regulatórios de penalização de idosos no Brasil

Ano	Lei	Conteúdo
1940	Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940.	Institui o Código Penal. A pena é atenuada caso o agente possua na data da sentença idade superior a 70 (setenta) anos (art. 65). A pena de prisão que não ultrapasse quatro anos pode ser suspensa por quatro a seis anos se o condenado for maior de 70 anos ou apresente condições de saúde que justifiquem a suspensão (art. 77). Os prazos de prescrição da pena são reduzidos pela metade quando na data da sentença a pessoa tenha 70 anos .
1941	Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941.	Institui o Código de Processo Penal. A prisão preventiva só pode ser substituída pela domiciliar quando o agente tiver 80 anos ou saúde debilitada por doença grave (art. 318).
1984	Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984.	Institui a Lei de Execução Penal. Sobre o trabalho interno nas prisões art. 32 §2º, os maiores de 60 anos poderão solicitar ocupação adequada à sua idade. Sobre os estabelecimentos penais art. 82. §1º, a mulher e o maior de 60 anos , separadamente, serão recolhidos a estabelecimento próprio e adequado à sua condição pessoal. Art. 117, somente se admitirá o recolhimento do beneficiário de regime aberto em residência particular quando se tratar de: I – condenado maior de 70 anos .

Fonte: WACHELESKI, 2015.

Há que se considerar, ainda, que o Estatuto do Idoso alterou o Código Penal Brasileiro, pois o delito cometido contra o idoso configura-se como agravante para o aumento da pena do condenado. Em verdade, esse agravante já existia no CP antes do estatuto, a partir da definição de “velho”. O que fazia necessário o aferimento da inferioridade da vítima em relação ao vitimizador. Não existindo comprovação disso, o aumento da pena não se justificava. A mudança é que, sendo idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos, a verificação de inferioridade torna-se dispensável.

Entretanto, conservou-se a lacuna existente na lei penal entre o idoso na condição de vítima e o idoso na condição de agente do delito. Apesar de a Lei nº 10.741/2003 difundir o conceito de idoso, na legislação penal são resguardados recursos de amenização da pena às pessoas autoras de crimes apenas com 70 anos ou mais (CP arts. 65, I, 77, §2º e §115. Lei 7.210/1984 art. 117, I). É notório que o Estatuto do Idoso não atingiu a legislação penal a ponto de redefinir a faixa etária de abrangência dos benefícios conferidos aos idosos que são presos. Se por um lado o Estado, por meio do Estatuto do Idoso, reforça a proteção aos direitos dos idosos, por outro mantém garantido o direito de punir rigorosamente os idosos que praticam delitos.

Dar visibilidade à população idosa no sistema penal faz com que, cada vez mais, surjam questionamentos sobre como lidar com essa situação. Os idosos encarcerados, na qualidade de sujeitos portadores de direitos, particularizam a realidade prisional pela forma única de quem experimenta a prisão na vivência de processos e etapas tão peculiares da vida. No entanto, a construção social do encarceramento de idosos incorpora dimensões universais que não consideram as singularidades dessa população.

IDOSOS ATRÁS DAS GRADES: SOBRECARGAS PUNITIVAS E SIGNIFICADOS SOCIAIS

A neutralização seletiva de determinadas pessoas e grupos cujo modo de vida os torna suscetíveis ao sistema punitivo evidencia a desigualdade na experiência de punição. Vale dizer que não significa que homens, jovens, negros e moradores de periferia cometam mais crimes, mas que o modelo punitivo vigente é direcionado aos delitos praticados por pessoas que se encontram em maior vulnerabilidade penal. O encarceramento de idosos reitera esse caráter seletivo do sistema penal a partir da presença desse padrão estrutural de vulnerabilidade na sua seletividade.

Apesar de o art. 82 §1º da Lei de Execuções Penais indicar que os maiores de 60 anos devam ser recolhidos separadamente em estabelecimento adequado à sua condição pessoal, os idosos são pulverizados nas unidades prisionais comuns. E é no cotidiano das prisões que estão alicerçadas formas concretas e simbólicas de controle sobre a produção objetiva e subjetiva da vida dos encarcerados. Pavarini (2012, p. 35) refere que o sofrimento “penitenciário não é apenas sofrimento de espírito, mas ainda e, sobretudo, da carne, como as abomináveis penas corporais da pré-modernidade”. A experiência de cárcere de idosos demonstra violências tramadas em diversos aspectos, como a estrutura programada para uma população jovem, sem iluminação, sinalização, qualidade acústica, ventilação e acessibilidade, conforme observou o idoso entrevistado: “Tem as escadas (...) com esse calorão minhas pernas incham. Tenho que descer me segurando. Subir é até mais fácil que descer. E aí vem a gozação, e a gente começa se sentir oprimido” (EHOT₁).

As necessidades dos idosos na prisão ficam subsumidas ao serem sobrepostas pelas necessidades operacionais do cárcere. Os horários de conferência dos presos, das refeições, do tempo de banho e de sono, das visitas e revistas não levam em consideração as especificidades das necessidades básicas dos idosos. O mesmo predomina nas “leis ou filosofia” instituídas pelos próprios presos ou facções. Portanto, na rotina da prisão existe a reprodução de práticas e símbolos que geram sobrecargas punitivas aos idosos encarcerados. Nesse sentido, as narrativas denunciam a perda de identidade. O idoso deixa de ser referido pelo nome para ser chamado de velho, velhinho, como sublinham os idosos entrevistados:

Artigo 3As experiências sociais
da velhice no cárcere

Para quem não recebe visita o pior dia é o de visita. É um sufoco, tem que acordar às quatro da manhã e não pode olhar para nenhum lado. Tem que olhar só para o chã o tem que ficar deprimido (EHOT2).

Eu nasci, me criei e ensinei aos meus filhos o respeito. Respeito a todo mundo, preto, branco, amarelo e azul, a todas as pessoas. Só que aqui não importa. É muito difícil me chamarem pelo nome, é sempre: “Véio isso!!!”. Pra mim é uma falta de consideração, é claro eu sou velho mesmo, mas tenho um nome! A prisão é um pedaço, a porta do inferno. Eu não tenho outra coisa pra te dizer. É tudo diferente, muita exigência, muita regra, sou tratado pior que um cachorro aos 67 anos (EHOT4).

(...) eu me sinto discriminado, não sei se é por essas coisas de preto e branco. Se é porque tenho pouco estudo ou minha idade. É em serviço, remédio, é em tudo. Também sou velho e negro. Agora a gente não presta mais, é inútil. É só problema, se a pessoa é muito boa, eles querem se apoderar da pessoa (EHOT5).

Segundo Kunzler (2009), a sociedade moderna centralizada na cultura do consumo e do trabalho endossa padrões de jovialidade e valorização do corpo. A velhice, ao contrário, é relacionada a categorias como decrepitude, segregação e regressão. Evidentemente isso contribui para a reprodução social de estigmas e preconceitos contra o idoso também no ambiente carcerário.

Essa visão, refletida no cárcere, reproduz-se por meio das relações que os idosos travam com as outras gerações⁴ encarceradas. No cárcere, a rotulação construída de idosos, a partir dos estereótipos sociais, assume configurações muito próprias. Nas narrativas de história oral identifica-se que em situações de crise (rebelião, motim, confrontos) os idosos são considerados inúteis aos interesses da carceragem. Dessa forma, eles são subjugados a riscos e violência ainda maiores, como reconhece o idoso entrevistado: “Se você é uma pessoa que é produtiva para o sistema, pra carceragem, lá dentro você é visto com bons olhos. Mas se você não é produtivo e não traz nada de interessante, você é a bucha de canhão pra primeira rebelião” (EHOT3).

4 “Geração corresponde a um fenômeno cuja natureza é essencialmente cultural. A geração reúne pessoas que, nascidas numa mesma época, vivem os mesmos acontecimentos históricos e partilham de uma mesma experiência histórica. Essa experiência comum dá origem a uma consciência que permanece presente ao longo do curso de suas vidas, influenciando a forma como os indivíduos percebem e experimentam novos acontecimentos. (...) Toma-se o conceito de geração não como diluindo os efeitos de classe, de gênero ou de raça na caracterização das posições sociais, e sim se conjugando a eles” (BORGES; MAGALHÃES, 2011, p. 172).

Nessa complexa trama de poder e hierarquia das relações prisionais, o idoso tem pouco a oferecer para ser ouvido e respeitado, como menciona o entrevistado: “Os que estão aqui há mais tempo são os que coordenam, mas falam com a gente como se a gente fosse criança” (EHOT6). Não raramente, as estratégias de sobrevivência e aceitação os submetem a determinados ditames impostos na prisão, em que se percebem como “marionetes” para comércio de remédios e drogas, consoante a narrativa dos idosos:

Não é uma boa situação estar encarcerado. Mas o tratamento é perfeito pelo menos na área onde me encontro, o pessoal tem respeito. Ali existe um lema, não existe velho, não existe novo, é tudo a mesma coisa porque a maioria é nova. Somos todos parte do cárcere. Só que às vezes eu tenho que me encaixar, me enquadrar porque a mentalidade deles é diferente da minha (EHOT3).

As facções criminosas influenciam as dinâmicas prisionais e afetam as relações entre as diferentes gerações. No interior do Presídio Central existem espaços em que o preconceito contra idosos apresenta-se mais suavizado. Contudo, depende da visão do líder local e do nível de sujeição ou estratégia de sobrevivência acionado pelos idosos, o que testemunha um idoso entrevistado: “Eu tenho que entrar no jogo deles e copiar como eles são” (EHOT10).

Para Carette (2002), os preconceitos contra os idosos decorrem da valorização da juventude por oposição ao velho e pela percepção acrítica que nega ao velho a autonomia e o acesso a oportunidades. Porém, o convívio dos idosos com as outras gerações encarceradas, além do preconceito, dá visibilidade ao embate no âmbito de costumes, hábitos e preferências, como refere um idoso entrevistado:

A discriminação sempre tem, porque os jovens se acham e se sentem superiores. Porque você é velho. Essa juventude mais nova o pensamento é outro, a cabeça é outra. (...) Porque a gurizada nova gosta só de funk, de zoeira e gritaria. Isso que eles fazem apressa a gente para morrer mais ligeiro. (...) Uma pessoa velha já tem pouca chance. Assim, se apressa ainda mais a morte dela (EHOT7).

A gente só sofre um pouco, porque o idoso fica junto com a gurizada. Só viciado em maconha e crack. Então eles incomodam a gente que não usa droga. Pra quem não usa droga é muito ruim, é cigarro, é panheiro... De tudo. Isso prejudica muito a gente, prejudica a saúde do idoso (EHOT6).

Os conflitos entre diferentes gerações são naturais, afinal envolvem sujeitos de épocas, modos de vida e culturas distintas, com valores e tradições específicas. Esses são processos potentes, que podem ao mesmo tempo distanciar ou aproximar as gerações. Todavia, o cárcere conforma-se como um ambiente muito complexo, assimétrico e estressante, que termina por revestir esses conflitos de fortes cargas negativas para os idosos.

Ademais, verificou-se o quanto o idoso preso vivencia a experiência de abandono familiar. Para discuti-la é usada como base a compreensão histórico-social da velhice, cujo pressuposto ilumina o quanto o papel do velho na sociedade determina-se a partir dos usos e costumes e, por isso, varia de acordo com a cultura e o período histórico. Desse modo, na conjuntura social contemporânea, altamente tecnológica, superficial e consumista, plena de ideias de descartabilidade, o custo social representado pela proteção social aos idosos é frequentemente colocado em cheque, em uma disputa com concepções cidadãs que os consideram sujeitos de direito. O abandono familiar de idosos encarcerados



Os conflitos entre diferentes gerações são naturais, afinal envolvem sujeitos de épocas, modos de vida e culturas distintas, com valores e tradições específicas. Esses são processos potentes, que podem ao mesmo tempo distanciar ou aproximar as gerações. Todavia, o cárcere conforma-se como um ambiente muito complexo, assimétrico e estressante, que termina por revestir esses conflitos de fortes cargas negativas para os idosos.

não significa apenas a expressão de um projeto disciplinador e moralizador por terem rompido com a lei e as expectativas sociais de amabilidade. Mas, também, a materialização do espaço destinado como desejável para aqueles que não servem em outros contextos, como se percebe no relato de um idoso entrevistado:

Isso aqui é um depósito de gente. Tem gente inserida aqui dentro porque não tem ninguém que lute lá fora. Tem pessoas descartadas aqui. Tem gente que descarta seu parente velho aqui (EHOT₄).

(...) eu olhei para as grades e pensei até em suicídio. Pensei, o que eu quero? Velho, preso, doente e abandonado pela família, não entrava ninguém. Só a morte mesmo. (EHOT₁).

É a partir de condições concretas de isolamento, conflito, opressão, privação material, abandono, identidade e carne ferida que os sujeitos encarcerados produzem de forma objetiva e subjetiva os seus modos de vida na prisão. Os processos sociais vivenciados no cotidiano da prisão cristalizam-se na produção de sentidos para as experiências sociais dos sujeitos, cuja expressão se recolhe no depoimento dos idosos entrevistados:

A prisão na velhice é assim, se for comparar, é como uma árvore crescendo, que está crescendo ir lá e atorar ela. Nem se eu vivesse cem anos não me acostumaria. Não tenho como explicar, a vida é ceifada (EHOT₇).

(...) eu tenho medo que me dê um derrame na galeria ou um infarto, e daí? Mesmo perto dos 70 anos não vou me esquecer desse cárcere. Essa prisão, esses meus três anos aqui dentro vão ficar em mim para o resto da minha vida (EHOT₁).

Artigo 3As experiências sociais
da velhice no cárcere

Assim, os significados sociais atribuídos pelos idosos presos à experiência de cárcere perpassam pela desqualificação social e solidão, pelo castigo e a perda, mas, sobretudo, pela finitude da vida, que clama por proteção social, como refere um idoso entrevistado: “Os velhos, a maioria, a tendência é morrer aí dentro (...) teríamos que ser mais vistos pelo Estado (...)” (EHOT7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O encarceramento de idosos refrata experiências sociais em que se encontram interseccionadas várias vulnerabilidades, ou seja, a vulnerabilidade vivida antes do cárcere; a vulnerabilidade relacionada ao envelhecimento e a vulnerabilidade vivenciada nas dinâmicas prisionais a partir do contexto limitador e punitivo. Seja como for, as histórias de vida dos idosos sobre suas experiências com o cárcere testemunham o quanto as negações e as privações de direitos a que são expostos todos os presos afetam mais profundamente os presos idosos. São exemplos: a questão arquitetônica, contemplando iluminação, ventilação e sinalização inadequadas ou inexistentes, escadarias e espaços propícios a acidentes e insalubres; as atividades de lazer e a prática de exercícios físicos que são inexistentes ou pouco disponíveis; a alimentação inadequada; e as demandas de saúde não atendidas ou estancadas paliativamente.

É desse modo que as especificidades das experiências sociais dos idosos com o cárcere convocam ao reconhecimento do quanto as prisões, no apagamento das necessidades humanas dos idosos em suas especificidades, constituem-se em mecanismos de sobrecarga punitiva para este segmento populacional. Isso porque foi possível obser-

var o quanto as necessidades dos idosos tendem ao apagamento, tornando-se subsumidas nas dinâmicas carcerárias que privilegiam suas necessidades operacionais (de segurança, controle, massificação de regras e condutas) em detrimento da proteção social, ainda que restrita, da dignidade humana dos idosos encarcerados. Essa invisibilidade social é legitimada no campo das políticas públicas criminais e penitenciárias cujas ações tendem à homogeneização da população carcerária.

Mas, não só na vida concreta do idoso encarcerado a prisão se manifesta. As suas expressões afetam, sobretudo, a produção subjetiva da vida. Isso porque as experiências sociais dos idosos encarcerados testemunham o quanto, assim como no contexto social fora da prisão, também no cárcere lhes são negadas as possibilidades de protagonismo, sendo mecanismo de sobrevivência a subordinação à lógica dominante no contexto prisional, que é imposta pela sociabilidade jovem. Pode-se concluir, contudo, que os processos de sujeição dos idosos presos também carregam histórias, consciência e enfrentamentos que testemunham por estratégias de busca de reconhecimento e resgate da identidade perdida.

Por mais que todos os presos passem, em algum grau, pela assimilação da cultura prisional (prisionização), os idosos sofrem mais com imposições e exigências de adaptação a signos, códigos, vocabulário e comportamentos instituídos na prisão, que é “jovem-adultocêntrica”. Esse conjunto de práticas sociais e simbólicas se choca com os modos e as experiências de vida dos idosos aprisionados. Isso repercute no convívio intergeracional dentro do cárcere, acirrando os conflitos e a vivência de um particular estranhamento dos idosos presos ao contexto prisional.☹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARATTA, A. *Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 2002.
- BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. In: *Estudos de Psicologia*, 16(2), mai.-ago. de 2011, p. 171-177. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n2/v16n2ao8.pdf>. Acesso em: 17 de out. de 2018.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 20 de out. de 2018.
- BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. *Informe Brasil para a III Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento na América Latina e Caribe*. São José, Costa Rica. 2012. Disponível em: <http://www.cepal.org/celade/noticias/paginas/9/46849/Brasil.pdf>. Acesso em: 18 de out. de 2018.
- _____. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso*, 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm. Acesso em: 18 de out. de 2018.
- _____. Lei nº 7.210, de 11 de junho de 1984. Lei de Execução Penal. *Diário Oficial da União*: 13 jul. 1984. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm. Acesso em: 20 de out. de 2018.
- _____. Decreto-Lei nº 3.689, de 03 de outubro de 1941. Código de Processo Penal. *Diário Oficial da União*: 13 dez. 1941. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3689.htm. Acesso em: 20 de out. de 2018.
- _____. Decreto-Lei nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. *Diário Oficial da União*: 31 de dez. 1940. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm. Acesso em: 20 de out. de 2018.
- CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. In: CAMARANO, A. A. *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60*. Rio de Janeiro: Ipea, 2004.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Cadastro Nacional de Presos*. Brasília. Agosto de 2018. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/57412abdb54eba909b3e1819fc4c3ef4.pdf>. Acesso em: 14 de out. de 2018.
- _____. Sistema de Monitoramento e Fiscalização do Sistema Carcerário e Sistema de Execução de Medidas Socioeducativas. *Novo diagnóstico de pessoas presas no Brasil*. Disponível em: http://www.cnj.jus.br/images/imprensa/diagnostico_de_pessoas_presas_correcao.pdf. Acesso em: 08 de jul. de 2014.

- _____. Ministério da Justiça. *Relatórios Estatísticos/Analíticos do Sistema Prisional Brasileiro*. Unidades Federativas. Dez. 2012. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/>. Acesso em: 05 de ago. de 2014.
- CORTÊ, B.; GOMES, M. R. Velhice e violência: o outro lado das notícias e cobertura. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2007. Disponível em: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0731-2.pdf. Acesso em: 6 de ago. de 2014.
- DEPEN, Ministério da Justiça. *Relatórios Estatísticos/Analíticos do Sistema Prisional Brasileiro*, dez. de 2000-dez. de 2012. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/>. Acesso em: 13 de ago. de 2014.
- EHOT. *Entrevistas de História Oral Temática*. In: Projeto de pesquisa sobre as configurações da situação de encarceramento de idosos em Porto Alegre/RS. PUC/RS, 2014.
- GHIGGI, M. P. *O idoso encarcerado: considerações criminológicas*. 2012. 17 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências Criminais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- HERÉDIA, V. B. M.; CASARA, M. B. *Tempos vividos: identidade, memória e cultura do idoso*. Caxias do Sul: Educs, 2000.
- IAMAMOTO, M.V. A questão social no capitalismo. *Temporalis*, Brasília, n. 3, 2001.
- KUNZLER, R. B. *A resignificação da vida cotidiana a partir da aposentadoria e do envelhecimento*. 2009. 166 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- MONTEIRO, S. R. *Crimes cometidos por idosos: considerações criminológicas*. 2013. 25 f. Tese (Doutorado em Ciências Criminais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- PAVARINI, M. *Punir os inimigos: criminalidade, exclusão e insegurança*. Curitiba: ICPC, 2012.
- WACHELESKI, N. R. *As configurações da situação de encarceramento de idosos em Porto Alegre/RS*. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

4

Narrativas de velhos: histórias de vida e trabalho

[artigo 4, páginas de 68 a 85]



**Eloisa Borges**

*Psicóloga e mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Docente do curso de Psicologia pela Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - Unidade Divinópolis; leciona Psicologia Social e Psicologia Comunitária, orientadora de estágio em Instituições de Longa Permanência para idosos.
prof.eloisaborges@gmail.com*

Marasônia Corrêa da Silva

*Psicóloga pela Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG - Unidade Divinópolis, pós-graduanda em Gestão e Coaching pela Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Divinópolis/Faced.
marassoniacorrea@gmail.com*



RESUMO

O artigo constitui uma versão modificada do trabalho de conclusão apresentado ao curso de psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) – Unidade Divinópolis e objetiva conhecer narrativas de memórias laborais de homens e mulheres entre 60 e 86 anos, que, através de seus relatos, referenciam fatos marcantes de suas histórias de trabalhos braçais e domésticos. Trata-se, assim, de uma reflexão acerca das lembranças e experiências que, muitas vezes, são perdidas pela desvalorização do passado. A pesquisa debruçou-se nas discussões sobre velhice, o mundo do trabalho e a chegada da aposentadoria na vida dos idosos. Para isso, foi utilizado o método qualitativo, enfatizando-se narrativas e histórias de vida por meio da realização de entrevistas semiestruturadas. Pôde-se perceber que o processo de envelhecimento ainda é algo muito complexo devido às inúmeras mudanças físicas, biológicas, psicológicas e sociais pelas quais passam os indivíduos, bem como pelas dificuldades que enfrentam com a chegada da aposentadoria após longos anos de labutas, muitas vezes difíceis e desgastantes. Portanto, a pesquisa analisa a realidade apresentada na narrativa dos “velhos”, considerando e valorizando as histórias de vida.

Palavras-chave: envelhecimento, memória, trabalho, narrativa.

ABSTRACT

The article constitutes a modified versions of the psychology course completion work at the Federal University of Minas Gerais State (UEMG) – Divinópolis unit, and aims to know narratives of labor memories of men and women between 60 and 86 years old, that through their reports referred striking facts from their stories of manual and domestic work. It is, therefore, a discussion about memories and experiences that are often lost by the devaluation of the past. Research debugerd in discussions about old age, the world of work and the coming of retirement in the lives of the elderly. For this, the qualitative method was used, emphasizing narratives and life histories through semi structured interviews. The aging process is still very complex due to the innumerable physical, biological, psychological and social changes undergone by individuals, as well as the difficulties they face with the arrival of retirement after long years of toil, often difficult and exhausting. Therefore, the research analyzes the reality presented in the narrative of the “elderly” considering and valuing life histories.

Keywords: aging, memory, work, narrative.

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que entrou na rota do envelhecimento populacional, prova disso está no fato de que a população brasileira em 2016, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), contou cerca de 29,6 milhões de pessoas acima de 60 anos. Ressalta-se que, embora a taxa de crescimento da população brasileira continue aumentando, há uma baixa em seu ritmo causada pela queda da fecundidade no país. Percebe-se, assim, que o crescimento da população envelhecida é um fenômeno que vem acontecendo em toda a parte do globo, mas que ocorre de forma não planejada e muito rápida no Brasil (POLTRONIERI, 2014).

Com o impacto abrupto do envelhecimento brasileiro algumas mudanças políticas ocorreram, tais como o Estatuto do Idoso que considera idosa a população acima de 60 anos (BRASIL, 2003). Em 12 de julho de 2017, foi sancionada a Lei nº 13.466 que altera o Estatuto do Idoso, indicando que os idosos de 80 anos ou mais serão privilegiados em relação aos idosos de menor idade. De acordo com essa lei, em todos os atendimentos de saúde os maiores de 80 anos terão preferência especial sobre os demais idosos, exceto em casos de urgência (BRASIL, 2017). Pode-se dizer que há uma institucionalização das fases da vida a partir de critérios baseados na faixa etária da população, contribuindo para a criação de expectativas sociais em relação a cada uma dessas fases.

Em meio às modificações do cenário demográfico brasileiro as condições de empregabilidade para as pessoas de 60 anos ou mais entram em decadência devido ao preconceito diante das pessoas idosas. Com isso, a sociedade brasileira vem passando por grandes transformações: a vida social está cada vez mais agitada, o tempo mais curto, as tecnologias estão mais avançadas e o vínculo empregatício dificultoso, fazendo com que o mercado e o sistema de produção norteiem as relações sociais (MENDES et al., 2005). Dessa forma, é possível pensar em que lugar se situam os velhos¹ nesse contexto, tendo em vista que o mundo do trabalho, concebido como espaço de produção financeira, funciona da seguinte forma: quanto mais produz, mais o sujeito é envolvido nesse sistema. Entretanto, quando a “máquina” começa a apresentar defeitos, ela é retirada de circulação e substituída por outras mais potentes que conseguem produzir ainda mais.

Buscando informações e estudos voltados para o tema da velhice/trabalho surge o interesse de ir ao encontro das narrativas desses sujeitos rechaçados como mercadorias dos sistemas produtivos. Este

1 A opção pelo uso da expressão “os velhos”, neste artigo, assim como de sua forma no singular, “o velho”, se deu pela tentativa de captar a carga semântica que a palavra mantém no imaginário social, ou seja, a de pessoas que perderam a jovialidade e a aparente capacidade de exercer atividades laborais. “A noção de ‘velho’ é, pois, fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho: ser velho é pertencer à categorização emblemática dos indivíduos idosos e pobres” (BARROS, 2003, p. 72).

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

artigo objetiva, portanto, apresentar narrativas de trabalho, destacando momentos marcantes nos quais é possível estabelecer diálogos com diversos autores, propondo, assim, uma valorização das memórias de pessoas que contribuíram socialmente com suas desgastantes labutas, mas que se referem com orgulho às suas vivências (ABOIM, 2014). Nesse sentido, é necessária uma aproximação junto a esses sujeitos, a fim de que sejam investigadas as suas memórias e, assim, a questão do processo da velhice/trabalho. Com isso, o foco na narrativa da palavra como continuidade de uma experiência é o que poderá contribuir para a discussão acerca das contradições e paradoxos do homem e da cultura (BOSI, 1994).

Bosi (1994) afirma que um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nesse tipo de pesquisa, é possível verificar uma história social bem desenvolvida, haja vista que os velhos atravessaram um determinado tipo de sociedade com características bem marcadas e conhecidas, e já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis (BOSI, 1994). Ressalta-se que não se deve deixar de lado o fato de que “uma lembrança, portanto, não está pronta, mas é, em cada momento, reconstruída, dependendo do lugar do narrador na sociedade no momento em que elabora suas recordações” (BARROS, 2004, p. 50).

Partindo de um olhar criterioso diante da velhice e de suas múltiplas formas de relação com o contexto do trabalho e da aposentadoria é que se pretende analisar as narrativas de homens e mulheres aposentados, objetivando perceber, junto a esses sujeitos, seus laços com o trabalho, bem como o impacto causado em suas vidas com a chegada da aposentadoria. Para isso, partiu-se de uma abordagem empírica e de cunho exploratório e qualitativo.

Foram privilegiados dois conceitos que ajudaram o campo de pesquisa: a narrativa (CLANDININ; CONNELLY, 2011) e a história de vida (BOSI, 1994). O primeiro consiste em “(...) um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18). Em relação à história de vida, buscou-se dar foco às análises das histórias de velhice/trabalho dos entrevistados, o que implicou em um processo de reflexão continuada entre as pesquisadoras e seu objeto de estudo.

A seleção dos sujeitos de pesquisa foi de caráter intencional, isto é, foram convidadas a participar pessoas aposentadas que já haviam trabalhado em serviços rurais e domésticos. Os participantes do estudo se encontravam na faixa etária de 60 a 86 anos, sendo cinco mulheres e quatro homens, todos oriundos de cidades do centro-oeste mineiro. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2017, cabendo ressaltar que para preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa foram utilizados pseudônimos.

Para a sistematização e a exposição dos dados foram selecionadas as narrativas concernentes ao início de suas vidas laborais e as dificuldades encontradas; sua identidade com o trabalho, as relações familiares e de amizade e o impacto da chegada da aposentadoria em suas vidas.

DISCUSSÃO

O envelhecimento é uma experiência plural e vários sentidos podem ser atribuídos a essa nova etapa, pois “cada pessoa vivencia essa fase da vida de uma forma, considerando sua história particular e de todos os aspectos estruturais (classe, gênero e etnia) a eles relacionados, como saúde, educação e condições econômicas” (MINAYO; COIMBRA JR., 2002, p. 14). Portanto, a velhice (ou as velhices) pode ser observada pelas mais variadas lentes, indicando-a como tempo de decadência ou de liberdade, de restrição ou de desfrute da vida. Conforme Gontarski e Rasia (2012), essas ambiguidades se fazem presentes a todo o momento na vida dos sujeitos que se encontram envelhecidos. Logo:

(...) a velhice não pode ser interpretada pelas ciências sociais como uma categoria única, abstrata, desprovida de pressupostos econômicos, sociais e históricos. Nas sociedades contemporâneas convivem lado a lado as diversas velhices: a velhice dos pobres, dos ricos, das camadas médias, dos inválidos, dos que mantêm sua autonomia, do trabalho e do lazer, a rural e a urbana, a excluída e a inserida na luta pelos direitos, de homens e das mulheres, dos asilados e dos chefes de domicílio, e assim por diante. Por isso, o ideal seria não falar a respeito da velhice, mas a respeito *das velhices*. (COUTRIM, 2010, p. 49, grifos da autora)

Com o passar dos anos e com as transformações das sociedades, a velhice é renomeada e classificada de variadas formas, pois a representação social das pessoas envelhecidas passou e vem passando por inúmeras modificações ao longo do tempo (MENDES et al., 2005). Sendo assim, a velhice é uma construção social e temporal feita no cerne de uma sociedade com valores e princípios próprios, que vem sendo atravessada por várias questões políticas que visam uma nova condição moral que, ao mesmo tempo, é contraditória porque a mesma organização social que engendra a longevidade nega aos velhos o seu valor e a importância social que eles ocupam (CALDAS, 1997; SILVA, 2008).

Nesse sentido, alguns dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, quando questionados sobre a velhice, deram seus pareceres diante de suas realidades atuais. Maria, por exemplo, relata seu sentimento quanto ao direito de ser e de se reconhecer como uma pessoa velha: “Me considero velha, me sinto pra baixo, mas não me incomodo com isso. Se me chamam de velha, eu não estou nem aí, porque já estou mesmo”² (Maria, 67 anos). A mesma entrevistada continua sua fala: “Têm pessoas que não gostam de ser chamadas de velho, mas eu não ligo. Existem várias pessoas que não têm nada na vida e vivem de nariz em pé. Pobre igual nós ou pior, e que ainda desfazem da gente e acham que não são velhos” (Maria, 67 anos). Sr. Juca, outro sujeito entrevistado nesta pesquisa, também tem a mesma opinião acerca de sua velhice: “Sim, me considero velho. Ignorância é falar que não é, a gente tem que ser o que é. Tem velho por aí que apela quando é chamado de velho” (Sr. Juca, 80 anos).

2 Esta pesquisa optou por transcrever a fala dos entrevistados da forma como foi expressa por eles, ainda que do ponto de vista gramatical essa possa não ser considerada a forma adequada e correta. Essa opção se deu com o intuito de dar voz aos entrevistados, respeitando-se a variante linguística utilizada por eles.



As narrativas apresentadas pelos velhos entrevistados são construídas com base em vários episódios de um tempo experienciado e marcado tanto na memória quanto em seus corpos.

Em décadas anteriores, não havia nada de estranho ao chamar uma pessoa com mais de 50 anos de velha. Atualmente, o uso da palavra não raro causa estranheza no próprio indivíduo, que se sente ofendido ou diminuído ao ser chamado assim, conforme atesta Barros (2004, p. 48) quando afirma que “(...) as palavras velhice, velho e velha têm culturalmente um peso negativo muito grande”. Dona Zélia (63 anos) não se considera velha e não se preocupa com as marcas físicas do tempo da velhice: “Meus filhos ficam pegando no meu pé, falando que eu tô velha (...). Agora que eu posso sair e me divertir, vou me preocupar com as rugas?”. Na fala de Dona Zélia, quando ela trata dos filhos, pode-se constatar a discriminação da maioria dos jovens sobre a velhice, ou seja, “(...) os preconceitos marcam a velhice na sociedade moderna que abandona os velhos a uma existência sem significado” (DEBERT, 1999, p. 17). Entretanto, ao contrário do que os filhos pensam, Dona Zélia mantém-se ativa, sem se preocupar com os fatores físicos e biológicos que se apresentam dentro do processo de envelhecimento. Segundo Loureiro (2000, p. 27): “As noções estereotipadas da velhice, os carimbos que se colocam, sem mais pensar, (...) vêm contribuindo, como no caso do homem velho, com o pejorativo e com o depreciativo, para o esquecimento das características outras que perfazem o quadro real”.

A visão da velhice como tempo de conquista, bem como a velhice positiva, ativa, está inteiramente ligada à terceira idade, considerada no Brasil como uma nova fase do envelhecimento. O retrato claro dessa nova geração de velhos fica evidenciado na fala de Caju:

Estou com 60 anos. Eu ainda tenho muitos sonhos e muitos desejos, e me sinto aberto a qualquer condição que for colocada a enfrentar, digamos ao enfrentamento e às possibilidades. As possibilidades quando nos é ofertada tem que pegar. Eu com 60 anos faço um curso de educação física, eu leciono em uma academia, eu tenho uma vida ativa de atividade física, não me vejo como velho. (Caju, 60 anos)

A fala de Caju sugere uma identificação com um discurso socialmente veiculado de que após um projeto outros devem ser construídos, é preciso sempre ser produtivo.

As narrativas apresentadas pelos velhos entrevistados são construídas com base em vários episódios de um tempo experienciado e marcado tanto na memória quanto em seus corpos. Assimilar o sentido dessas experiências, para os velhos, significa captar a própria compreensão da trajetória de cada um e o papel da subjetivida-

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

de na construção do envelhecimento (BOSI, 1994). Nesse sentido, ao longo desta pesquisa, as histórias que se fizeram mais presentes estão relacionadas às experiências que perpassavam as relações entre o indivíduo e o trabalho. Essas histórias dizem muito sobre os velhos pesquisados e seu percurso durante suas vidas laborais (GONTARSKI; RASIA, 2012), sendo que para a compreensão dessas histórias faz-se necessário valorizar as narrativas desses sujeitos, uma vez que:

(...) a figura do narrador está cada vez mais distante de nossa sociedade porque a memória não se direciona para o passado, mas para o tempo curto, imediato. Não se cultiva o hábito de lembrar, apenas de memorizar. O processo que se está observando na sociedade contemporânea é o que Benjamin chamaria de *esvaziamento da experiência*. (COUTRIM, 2010, p. 137, grifos da autora)

Portanto, a memória do passado se baseia nas histórias que, ao longo da vida, vão sendo recontadas pelas diversas vozes que soam em meio ao silêncio. Pode-se dizer que a sociedade se constituiu por meio dessas lembranças que foram se tecendo e recriando novas realidades. Assim, os velhos, ao relembrem suas histórias, dão continuidade ao processo de reconstrução do seu eu e da sociedade. Nesse sentido, as histórias relatadas, especificamente aquelas referentes ao trabalho, são fragmentos de memórias culturais fundamentais e estruturantes do desenvolvimento evolutivo (DIAS, 2007). Pode-se pensar que a mais extraordinária forma de transmissão de experiência é a transmissão oral, uma vez que "(...) o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros, e incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes" (BENJAMIM, 1994, p. 201).

As memórias dos velhos trazem um novo olhar diante do trabalho, demonstrando que a sensibilidade e o empenho na realização dessa atividade fazem com que se reflita um pouco mais sobre suas representações, porém, na atualidade, o trabalho parece ser visto predominantemente como fonte de renda e poder. No entanto, para os velhos entrevistados, o trabalho tem outros sentidos, posto que os sujeitos desenvolvem suas potencialidades, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pelo caminho. Pode-se perceber que prevalecem valores de cuidado, zelo, honra e dedicação, o que demonstra a projeção da subjetividade humana (POLTRONIERI, 2014).



Para os velhos entrevistados o trabalho tem outros sentidos, posto que os sujeitos desenvolvem suas potencialidades, mesmo em meio às dificuldades enfrentadas pelo caminho.

As relações de trabalho dos entrevistados se estabeleceram muito cedo, ainda na infância, como deixam claro em suas narrativas:

Eu comecei com sete anos trabalhando na roça, guiando boi, moía cana, roçava, capinava, colhia café e puxava carro de boi. Então foi assim. A minha infância foi muito proveitosa e grandiosa, porque aprendi trabalhando com as pessoas mais velhas. Quando a gente queria acompanhar os mais velhos e queria usar a palavra homem, a gente tinha que provar que era no trabalho. (Sr. José, 81 anos)

Interessante verificar na fala do Sr. José o valor do trabalho na construção da identidade do sujeito, diferentemente da Sra. Rosa (86 anos), que evidencia a percepção da exploração do trabalho infantil:

Eu comecei a trabalhar muito cedo. Meu pai era muito rígido e com sete anos fui para roça trabalhar. No frio não tinha paletó, não tinha sapato, não tinha nada, chegava lá com as canelas vermelhas naquele tempo de frio. A gente trabalhava o dia inteiro na roça. Eu tirava leite, porque a gente fazia de tudo em uma roça: capinava, plantava, tudo, tudo, só não segurei no arado para arar o terreno.

Considera-se que o ser humano usualmente cresce preparando-se para o trabalho, e que necessita dele não só por uma questão de sustentar a si mesmo, mas, também, para o crescimento pessoal e para reconhecimento social (BULLA; KAEFER, 2003). Nas memórias citadas acima acontece o inverso, pois as pessoas crescem trabalhando, dando o que tem para o sustento da família, com o suor e os movimentos de suas próprias mãos (BOSI, 1994). Mãos essas que, hoje, estão cansadas e inúteis para o trabalho produtivo, mas que refletem tempos de glória, como narra o Sr. José (81 anos):

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

Então eu tinha que trabalhar e trabalhar. Às vezes, eu ainda lembro. Olha aqui os registros [ele mostra os dedos tortos e as mãos calejadas] deixados pelo trabalho, olha esse dedo pra você ver. Tá vendo como que é torto? Isso aqui é de machar parede, isso é o resultado que me honra muito, fico muito feliz em ter minhas mãos cheias de calos.

Compreende-se, assim, que as dificuldades encontradas eram algo que não abatia os velhos entrevistados que, em sua juventude, mesmo com as labutas diárias, não se esquivavam do trabalho físico. Trabalho que é motivo de honra, mas também se encontra próximo do sentido da própria origem da palavra *tripalium* que significa, literalmente, tortura.

Dona Rosa (86 anos) narra suas duras labutas, as quais ela nomeia como “tempo de roça”:

Tinha que buscar o gado, apartar as vacas, tirar leite, tratar das criações. Fazia a comida, porque o marido trabalhava de boia-fria, ia pra roça longe, levava um caldeirãozinho e a lida do sítio ficava toda pra mim. Deitava onze horas da noite e levantava três da madrugada. Então a gente tinha que plantar mandioca para fazer o polvilho, a farinha, plantar o milho para fazer o fubá. Eu e meu marido levantávamos [às] três horas, ele tirava o leite e eu fazia o almoço para ele levar para o serviço. Quando ele acabava de tirar o leite, o almoço estava pronto e já saia pra roça. Nossa Senhora, eu não aguento nem pensar no quanto era difícil!

Mesmo passando por grandes dificuldades, os entrevistados se sentem gratificados pelo trabalho: “Sofri muito, mas foi gratificante. Pegava as canas geladas que endurecia as mãos de tanto frio e, graças a Deus, estamos aqui, feliz da vida por ter passado por essas provas” (Sr. José, 81 anos). Durante as narrativas, ficou evidenciada a importância do repasse do aprendizado adquirido durante a vida laboral desses velhos: “Os meus filhos todos trabalharam comigo. Menos um, aliás. Eu ensinei eles a profissão de pintor, para que no dia que eles não tivessem ... eles tinham condições de ganhar a vida. Mas eu sempre olhava o lado da honestidade” (Sr. José, 81 anos).

Na narrativa do Sr. José, o trabalho pode ser compreendido como uma esfera que viabiliza ao homem registrar sua história, seja através dos bens adquiridos durante seu trajeto ou seja do legado repassado aos filhos e netos (GONTARSKI; RASIA, 2012). Dessa forma, é por meio

do trabalho que o homem se constitui e a produção humana é sempre social, construindo e intervindo no modo de ser da sociedade (CARDOSO, 1998). Ficou nítido, nas narrativas, o quanto as relações interpessoais de trabalho ficaram marcadas pelas relações de amizade que, ao longo do tempo, foram se estabelecendo. As interações de amizade entre os trabalhadores trouxeram satisfação e reconhecimento aos membros de uma classe (COUTRIM, 2010). Em grande parte dos relatos, conforme constatado, o trabalho se revela como uma fonte que entrelaça subjetividades, criando um cenário de oportunidades e conquistas. Sr. José (81 anos) sente orgulho das amizades conquistadas e das pessoas influentes que conheceu ao longo de sua vida laboral:

Trabalhei com pessoas influentes como Luciano Resende (Dr. Luciano), o José de Alencar, que foi vice-presidente da República. Vim trabalhar na política com o Itamar Franco, onde nos tornamos amigos. Dele chegar lá em casa, ir na minha cozinha tomar café. Ele mesmo servia ele. Eu conheci a nata belorizontina toda, todas as famílias tradicionais. Convivi durante muito tempo, quando trabalhava como trocador, com a dona Helena Antipoff. Tive o prazer, a honra de conhecer Tancredo Neves.

O trabalho é um componente importante na estruturação da identidade dos sujeitos. Aspectos como sociabilidade, reconhecimento, responsabilidade, independência, dignidade e realização pessoal constituem identidades vinculadas ao trabalho. Dona Zélia (63 anos) é uma trabalhadora, mãe de cinco filhos, que fala de suas labutas com satisfação: “Eu cresci trabalhando. Ajudava minha mãe no córrego, lavando roupa para os outros. Gosto do que eu faço. Hoje eu tenho as casas fixas que eu dou faxina toda semana, vendo produtos de beleza. Enquanto Deus me der saúde, não vou parar”.



Aspectos como sociabilidade, reconhecimento, responsabilidade, independência, dignidade e realização pessoal constituem identidades vinculadas ao trabalho.

Artigo 4Narrativas de velhos:
histórias de vida e trabalho

Coutrim (2010), em seu estudo sobre os velhos trabalhadores das ruas da cidade de Belo Horizonte, constatou que grande parcela da população envelhecida está totalmente ativa, mesmo em jornadas reduzidas, e que suas atividades não vêm a ser mais leves e nem menos desgastantes do que as dos jovens. Diante do exposto, é possível verificar que a continuidade do trabalho na velhice representa um esforço para atestar à sociedade seu lugar de trabalhador buscando afirmar a si mesmo e aos outros que a idade não retirou seu lugar no mundo (GONTARSKI; RASIA, 2012). Rute (65 anos) também relata momentos de sua vida laboral, relembrando a infância dos filhos e suas dificuldades:

Eu já trabalhei demais nessa vida, sempre em casa de família, desde moça que eu dava faxina. Parei de estudar muito cedo, então tive que continuar limpando casa para os outros. Mas graças a Deus, hoje sou quem sou, criei meus filhos, junto com meu marido e tô aí. Só que agora o trabalho é aqui em casa mesmo.

O relato de Rute apresenta o trabalho ligado à virtude, à força e à luta para o sustento da família, demonstrando, no final de sua fala, que, mesmo que o trabalho seja em casa, ele é a condição objetiva para que ela atualize, diariamente, sua identidade de mulher trabalhadora.

A família é estruturante na vida do sujeito, visto que, durante as narrativas, todos ressaltaram a importância dos filhos, das alegrias, tristezas, bem como do trabalho, considerado fundamental para o progresso de suas numerosas famílias:

Eu tenho muito a agradecer a Deus, às pessoas, aos amigos, às pessoas que me ajudaram no momento em que eu precisei com o trabalho, porque dali saía o pão de cada dia dos meus filhos. Tive uma mulher que era valente, trabalhadora, honesta e que valorizou muito o meu casamento e a minha família. (Sr. José, 81 anos)

A aposentadoria, para alguns, apresentou-se como momento de ruptura em que esses sujeitos foram convidados a se retirar do cenário do trabalho assalariado e da produção, vivenciando, assim, um dos principais rituais de passagem para a velhice (PACHECO, 2004). Entende-se a aposentaria como o ato no qual um sujeito deixa de trabalhar profissionalmente, sendo percebida como um momento de descanso e gozo das vantagens que essa possa lhe oferecer. Consiste

em um benefício que, no Brasil, é assegurado pela Previdência Social a todos os trabalhadores que preencheram os requisitos legais (GONTARSKI; RAISA, 2012).

No percurso desta pesquisa, foram encontradas situações em que o processo da aposentadoria não foi algo muito fácil. O Sr. José (81 anos), por exemplo, relata sua dificuldade para conseguir se aposentar após longos anos de trabalho árduo: “Minha aposentadoria foi difícil pelo seguinte: como nunca tive carteira assinada, aliás, eu tive carteira assinada, mas foi questão de meses, porque não tinha como trabalhar ganhando um salário mínimo. Eu toda vida nunca pude ser empregado, por eu não ter escolaridade nenhuma”. As dificuldades encontradas pelos trabalhadores ao se aposentarem são diversas devido aos trâmites burocráticos exigidos pelo poder público, fazendo com que os velhos se submetam a medidas que, algumas vezes, vão além de seus conhecimentos em situações nas quais eles têm que recorrer à ajuda de terceiros. Em alguns casos, isso acontece pela falta de informação ou pelo baixo nível de escolaridade desses sujeitos, o que se reflete na seguinte fala: “Eu fiz até o quarto ano primário” (Sr. José, 81 anos). Para Coutrim (2010), o trabalho informal acaba sendo uma saída para os velhos com baixa escolaridade e que não conseguem preencher os requisitos exigidos pela legislação.

Dona Zélia (63 anos), apesar das dificuldades com a papelada para conseguir o benefício previdenciário, fala do quanto esperou por esse dia:

Como eu esperei por este dia. O que eu mais pedia a Deus, porque ganhando o que eu ganhava, limpando casa para os outros, não sobrava pra nada. Agora, eu pego algumas faxinas, saio quando eu quero, vou pro forró, meus filhos estão criados. Posso dizer que estou bem mais tranquila. Graças a Deus!

Na narrativa de Dona Zélia, a aposentadoria significou um marco de possibilidades, qualidade de vida e independência em relação aos filhos que, segundo ela, estão todos criados, o que permite que ela viva num cenário em que possa administrar sua renda e seu tempo. Nesse caso, pode-se afirmar que “(...) a aposentadoria possibilitou ao idoso uma segurança maior de renda” (COUTRIM, 2010, p. 71).

Assim como Dona Zélia, outros entrevistados ainda continuam trabalhando, como Rita (60 anos): “Tô aposentada e levando essa vida que você está vendo aí, tô pelejando até hoje, e não posso parar por-

que o dinheiro que eu entrei ganhando na Previdência Social, hoje ele não é nem a metade, então ainda tenho que fazer um bico aqui, outro ali, para poder inteirar o dinheiro”. Muitos aposentados continuam trabalhando para complementar os valores recebidos pela aposentadoria, haja vista que esse dinheiro não é suficiente para seu sustento, principalmente quando esses aposentados são pertencentes às classes populares e são os provedores da família. Neste contexto, muitos idosos submetem-se a salários baixos e a trabalhos informais para conseguirem manter certo padrão de vida (BULLA; KAEFER, 2003; COUTRIM, 2010).

No entanto, a aposentadoria não necessariamente significa o rompimento com o trabalho, mas, sim, uma oportunidade para elaboração de novos projetos (SANTOS, 1990). Um de nossos entrevistados, mesmo aposentado, trabalha como professor de natação em uma academia: “Eu decidi duas coisas que eu ainda pretendo fazer. Eu quero ter um curso superior para ter mais segurança de ser coaching. E também o curso superior vai abrir alguma porta, para se fazer alguma coisa, tipo lecionar. Eu também sou terapeuta holístico da técnica Reiki” (Caju, 60 anos).

Dona Rosa (86 anos), mesmo com as condições físicas fragilizadas, relata sua identidade com o trabalho e sua insatisfação em não fazer nada: “Foi puxado! A gente trabalhou demais e hoje não tem nada para fazer. A gente descansa, mas vai indo, a gente fica cansada de ficar descansando. Cansa ficar à toa, sem ter nada para fazer. É ruim, não é tão bom quanto parece”. A aposentadoria pode ser um momento proveitoso de gozo dos instantes livres, contudo também pode se constituir em uma massa enorme de minutos e um peso que produz a perda do status de trabalhador (BOSI, 1994). De acordo com Santos (1990), mesmo os sujeitos que se apresentam em “(...) situação econômica e cultural que favorece o lazer, esses parecem não ter nenhuma outra fonte de interesse e de engajamento fora do trabalho”.

Sr. José (81 anos) diz da vontade que tem de voltar para Belo Horizonte, cidade onde viveu grande parte da sua vida laboral:

A minha vontade era ir para Belo Horizonte trabalhar, porque lá eu tenho condições de trabalhar, lá eu tenho uma freguesia enorme e os meus fregueses estão lá. Já vieram pessoas aqui pra me buscar para trabalhar na casa deles por questão de confiança, porque as pessoas saíam e entregavam a chave pra mim e eu cuidava de tudo. Minha preocupação é com o trabalho, ainda posso ser útil para a sociedade e para mim mesmo dentro do trabalho.

A narrativa do Sr. José apresenta traços daquilo que Santos (1990) chamaria de “aposentadoria-recusa”, isto é, a não aceitação da condição de aposentado ao sentir-se deslocado pela ausência de projetos de vida fora do trabalho. Contudo, o mesmo autor enfatiza que:

A aposentadoria (...) marca o ponto de mudança e um momento crucial na vida do sujeito, na medida em que ele deverá reinventar uma nova vida dispondo dos recursos acumulados e de sua capacidade individual de encontrar uma solução para esta crise. A passagem para a aposentadoria revela (...) as diferenças individuais, sobretudo no que concerne à capacidade de resolver os conflitos e o investimento no papel profissional. A vivência da aposentadoria será a consequência da conjugação de todas essas variáveis. (SANTOS, 1990, p. 30, grifos da autora)

Enfim, a aposentadoria se constitui como um momento que pode ser de novos investimentos e descobertas para os indivíduos, mas que também pode ser um momento de tensão e conflito, resultando em redefinição da identidade social do sujeito e, com isso, de sua própria subjetividade.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar as narrativas laborais dos velhos evidenciando seus laços com o trabalho e os sentidos assumidos pelo mesmo. Além disso, puderam ser acessadas suas concepções sobre como o trabalho era e é visto por eles, bem como o impacto causado em suas vidas com a chegada da aposentadoria. Nesse sentido, pode-se dizer que nesta pesquisa a literatura utilizada não foi a única fonte de dados mas, também, e sobretudo, foram considerados os relatos dos sujeitos investigados, o que possibilitou um entrelace de saberes e vozes. Embora haja o entendimento de que os campos da velhice, do trabalho e da aposentadoria estejam em contínua transformação, esse é um processo que ainda precisa de atenção por parte das políticas públicas e da própria sociedade. Trata-se, portanto, de valorizar as experiências vividas e avançar no sentido de desconstruir representações estereotipadas, caricatas e do senso comum. ☺

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABOIM, S. Narrativas do envelhecimento: ser velho na sociedade contemporânea. In: *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 207-232, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702014000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 de nov. de 2017.
- BARROS, M. Envelhecimento, cultura e transformações sociais. In: PY, Ligia et al. (Org.). *Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 39-60.
- BARROS, M. (Org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.
- BENJAMIM, W. *Maria e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*, v. 1. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velho*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.
- BRASIL. *Lei nº 10.741*, de 1º de outubro de 2003: Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF, outubro de 2003.
- BRASIL. *Lei nº 13.466*, de 12 de julho de 2017: Altera os arts. 3º, 15 e 71 da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, DF. Presidência da República. Casa Civil, 2017.
- BULLA, L. C.; KAEFER, C. O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. In: *Revista Virtual Textos & Contextos*, Porto Alegre, PUC/RS, v. 2, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/957>>. Acesso em: 08 de nov. de 2017.
- CALDAS, C. P. Memória, trabalho e velhice: um estudo das memórias de velhos trabalhadores. In: VERAS, R. (Org.). *Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: UnATI: Uerj, 1997, p. 121-142.
- CARDOSO, M. E. *Trabalho em equipe: uma estratégia em gestão*. Curso de especialização em Gestão Hospitalar. 1998. 130 f. Monografia (curso de especialização em Gestão Hospitalar) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/104500/Trabalho%20em%20equipe%20uma%20estrat%C3%A9gia%20de%20gest%C3%A3o.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 de nov. de 2017.
- CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Uberlândia: Edufu, 2011.
- COUTRIM, R. M. E. *A velhice invisível: o cotidiano de idosos que trabalham nas ruas de Belo Horizonte*. São Paulo: Anablume, 2010.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Edusp: Fapesp, 1999.
- DIAS, M. F. *Memória viva e transmissão oral: perspectiva de vida no âmbito de uma instituição asilar divinopolitana*. Divinópolis: Inesp: Funedi: UEMG, 2007.

- GONTARSKI, G.; RASIA, J. M. Experiência de envelhecimento: trabalho e aposentadoria. In: *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 17, n. 2, p. 141-156, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/14341>>. Acesso em: 26 de nov. de 2017.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões*. 2017. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacao-idosa-cresce-16-o-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes>>. Acesso em: 8 de nov. de 2017.
- LOUREIRO, A. M. L. *A velhice, o tempo e a morte*: subsídios para possíveis avanços do estudo. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- MENDES, M. R. S. et al. Situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. In: *Acta Paulista de Enfermagem*, v. 18, n. 4, p. 422-426, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-21002005000400011&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 8 de nov. de 2017.
- MINAYO, M. C. S.; COIMBRA JR., C. E. A. *Antropologia, saúde e envelhecimento: entre a liberdade e a dependência*: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.
- PACHECO, J. L. Trabalho e aposentadoria. In: GOLDMAN, S. N. et al. (Orgs.). *Tempo de envelhecer: processos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004, p. 201-227.
- POLTRONIERI, C. F. *Rememorando vidas: lembranças de velhos trabalhadores*. 2014. 174 f. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123188>>. Acesso em: 20 de out. de 2017.
- SANTOS, M. F. de S. *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU, 1990.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. In: *História, Ciências, Saúde*, Manguinhos, RJ, v. 15, n. 1, p. 155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702008000100009&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 de out. de 2017.

5

Um olhar sobre o envelhecer numa aldeia indígena

[Artigo 5, páginas de 86 a 97]





Marina Marcela Herrero

Formada em dança e música com pós-graduação em Gestão de Recursos Humanos. Nascida na Argentina, residente no Brasil desde 1983, atua no apoio ao movimento indígena, ativista em direitos humanos, coreógrafa e indigenista. Desenvolveu o Programa Diversidade Cultural e é responsável pelo Programa Povos Indígenas do Sesc São Paulo. É autora dos livros: Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo e Baré, povo do rio. Organizadora dos livros: Brasil indígena, histórias, saberes e ações, Fulkaxó, ser e viver Karirí Xocó. Assistente técnica da Gerência de Estudos e Programas Sociais – GEPROS do Sesc São Paulo.





INTRODUÇÃO

Nos últimos 20 anos, visitei 55 aldeias indígenas no Brasil, mas ando em aldeias por aqui e na Argentina desde 1978 e por todo lado perguntei aos idosos qual foi o momento mais feliz de sua vida e qual o mais triste ou o mais difícil. Continuo me surpreendendo até hoje com as respostas, mas vou deixar isso mais para o fim deste artigo. Irei apresentar brevemente um pouco do contexto em que se encontram, onde estão e como é sua forma de vida.

Trata-se de um levantamento que pode ser considerado consistente, dada a amplitude e a diversidade da amostragem. A metodologia utilizada nesse trabalho foi desenvolvida junto ao indigenista Ulysses Fernandes para uma série de projetos que o Sesc realiza desde 2002 e que denominamos Documento de Identidade Cultural.

O objetivo desses projetos em comunidades indígenas é documentar variadas formas de manifestação cultural, rituais, culinária, jogos, tradições, saberes e costumes para, assim que esses documentos estiverem finalizados em forma de publicações, documentários ou material educativo, possam retornar aos donos desse patrimônio como ferramentas nas suas lutas por direitos coletivos e também para utilização como material educativo. No fim, busca-se promover a ressignificação simbólica e a autoafirmação.

O processo é desenvolvido como construção coletiva e baseado em alguns protocolos de atuação que se aproximam dos métodos da Antropologia da Emergência que, de tão recente, ainda são pouco difundidos. A ação dos pesquisadores acontece no convívio e relacionamento com a comunidade, uma etnologia inevitável que se propõe a observar a expressão cultural e simbólica que se manifesta nos atos da memória, além de analisar o cotidiano do próprio pesquisador inserido nesse contexto.

Essas ações têm como foco etnias indígenas, povos e comunidades tradicionais em situação de vulnerabilidade ou risco. Propomos registrar conhecimentos e práticas desses povos, instrumentalizando-os para se posicionarem como demandantes e fortalecendo sua noção de pertencimento. Constitui-se como uma tecnologia social que está fundamentada no relacionamento, na escuta, no protagonismo da comunidade, no diagnóstico participativo e na definição conjunta da principal demanda local.

Artigo 5Um olhar sobre o envelhecer
numa aldeia indígena

1 Veja os dados do Censo IBGE 2010. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf. Acesso em: 18 fev. 2019.

2 Baseado em dados da Comissão Pró-Índio em São Paulo. Disponível em: <http://cpisp.org.br/indios-em-sao-paulo/>. Acesso em: 9 fev. 2019.

O levantamento pode ajudar a compreender melhor como se dá o envelhecimento na população indígena e também enxergar, de algum modo, as condições que levam esses povos a uma longevidade tão expressiva. Peço atenção para um detalhe importante, estamos tratando de indígenas aldeados, ou seja, aqueles que moram em Terras Indígenas, sobretudo as mais afastadas, e não de indígenas no meio urbano. No estado de São Paulo vivem 41.794 índios, o que representa 5% da população indígena no Brasil (IBGE, 2010)¹. Nesse estado, a maior parte da população indígena (91%) vive em zonas urbanas fora de Terras Indígenas, sendo que muitos são migrantes de comunidades indígenas situadas no Nordeste.

Os cerca de 4.964² índios Guarani Mbya, Tupi-Guarani, Kaingang, Krenak e Terena (Sesai, 2015) que habitam Terras Indígenas estão localizados na faixa litorânea, no Vale do Ribeira, no oeste do estado de São Paulo e também na região metropolitana de São Paulo. Os Guarani Mbya e os Tupi-Guarani são a maior população do estado vivendo em Terras Indígenas.

Para abordar este assunto de modo adequado, devemos também entender que estamos observando uma incrível variedade de povos que têm seu próprio ponto de vista, uma forma de ver o mundo e de estar nele e de se relacionar com a vida e com o ambiente. Também é bom lembrar que são 305 povos que falam 274 línguas. Como diz o ativista e artista gráfico Denilson Baniwa: "Comparar um Baniwa a um Tukanó é como comparar um francês a um japonês. São povos com línguas, hábitos e características físicas bastantes distintas, e isso porque vivem bem próximos. Imagine a diferença entre um Baniwa e um Kaingang, um povo lá do Rio Grande do Sul". Ou seja, são microrrealidades distintas, palco de conflitos e interações diversas.

Uma curiosidade que sempre tive foi o motivo ou os motivos da longevidade entre eles. Já conheci pessoas de até 103 anos inseridas na vida coletiva e na dinâmica que a aldeia propõe, uma vida plena, enfim. Percebemos quatro motivos possíveis: alimentação, meio ambiente, atividade física e relações sociais (vida comunitária). Vamos detalhar cada um a seguir.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação é uma das causas de sua longevidade, no meu modo de ver. Por exemplo, os Xinguanos têm uma alimentação baseada em mandioca, peixe e pequi (carboidrato, proteína animal e vitaminas) com alguns outros gêneros menos constantes, como animais de caça, pimenta, insetos, frutos, batatas, castanhas, milho, raízes e frutas silvestres. Ampliando a observação para outras regiões, nota-se que sempre que o povo não tem acesso a compras em cidades também não consome sal, açúcar, nem óleos. O principal neste quesito é a ausência de alimentos industrializados, conservantes, produtos químicos, corantes, agrotóxicos. Com a influência dos costumes dos “brancos”, eles adaptaram e se apropriaram de outros ingredientes e começaram a praticar a agricultura, mas é digno de observação que mesmo sofrendo influência de outras culturas os povos indígenas preservam até hoje seus costumes, mantendo vivas suas tradições. Aqui está um motivo claro de manutenção da saúde.

Observamos também que o acesso a serviços de saúde fora das aldeias ainda é precário e muitos idosos não confiam na medicina dos não indígenas, só aceitando a medicina tradicional e a intervenção dos pajés ou agentes de saúde indígena.

AMBIENTE

Mais uma causa: um meio ambiente saudável, sem venenos, sem lixo e sem poluição. Mesmo não sendo ambientalistas ou ecologistas, os povos indígenas desenvolveram métodos de manejo dos recursos naturais, utilizando-os sem alterar drasticamente seus princípios de funcionamento e seu equilíbrio, além de garantir seus modos de reprodução. Assim, se protegem das doenças e obtêm seus alimentos de acordo com seus modos particulares de entender o meio ambiente, e, apesar de haver diferentes modos de explicar a natureza entre os diversos povos, é bem generalizada a ideia de o planeta ser como uma



Observamos também que o acesso a serviços de saúde fora das aldeias ainda é precário e muitos idosos não confiam na medicina dos não indígenas, só aceitando a medicina tradicional e a intervenção dos pajés ou agentes de saúde indígena.

Artigo 5Um olhar sobre o envelhecer
numa aldeia indígena

ampla rede de inter-relações. Isso significa uma interação constante entre humanos e não humanos. Essa relação do homem como parte e não como dono já traz em si uma forma saudável de interagir e manter a vitalidade que, além dos vivos, é animada por espíritos diversos que os protegem.

Apesar de sobreviverem basicamente de recursos provenientes do meio que os rodeia, não produzem lixo, não utilizam venenos e têm desenvolvido técnicas de domesticação de plantas para produção. Porém, é claro que há casos de aldeias que foram cercadas pela agricultura extensiva e cidades e que passaram a conviver com essas mazelas.

ATIVIDADE FÍSICA

Uma vez perguntei aos Kalapalo por que os Xinguano construíam suas aldeias a uma distância considerável do rio ou da lagoa – pelo menos a 1 Km de distância –, já que eram eles quem escolhiam o local de construção. A resposta foi que além do problema relacionado à quantidade de mosquitos e piuns nas proximidades da água, existia também o costume e a tradição de as mulheres irem buscar água, sendo um momento de convívio entre elas, além de manter as mais idosas em atividade, o que faz bem. Também há uma considerável distância entre a aldeia e as roças – o que é bem generalizado nos povos que têm seus territórios preservados. Mulheres e homens de todas as idades vão colher lenha para o fogo. Muitas vezes fiquei admirada vendo pessoas em idade muito avançada carregando um feixe de lenha imenso na cabeça. O dia a dia nessas comunidades começa muito cedo e se prolonga até escurecer, numa sequência intensa de atividades relacionadas à obtenção de alimentos com cuidados na roça, ao lazer, à manutenção das casas e ferramentas, aos mutirões, aos rituais, à caça e à pesca.

Houve uma ocasião em que chegamos numa aldeia para produzir um documentário e desde o avião vimos um objeto bem destoante na beira da aldeia, uma caixa de água. A Fundação Nacional de Saúde (Funasa), que então cuidava da saúde indígena, tinha instalado caixas de água nas aldeias com uma pequena rede de distribuição e torneiras em três pontos em volta da praça central. Essa intervenção gerou quedas por escorregões na lama formada em volta das torneiras e motivou a diminuição da atividade física, como as idas e vindas até a lagoa para buscar água. Soubemos depois que isso resultou na morte de alguns idosos por fraturas e consequências da inatividade.



Na dinâmica cultural que uma comunidade indígena propõe a um idoso o fator mais preponderante é o seu papel, que está intimamente ligado à forma que essas sociedades compreendem o mundo à sua volta.

VIDA COMUNITÁRIA

Entre os indígenas das aldeias que eu visitei no Brasil não há classes sociais como na nossa sociedade, ou seja, todos recebem o mesmo tratamento, têm os mesmos direitos, os bens materiais pertencem a todos, exceto os instrumentos de trabalho e vestimentas, que são de propriedade individual. Os alimentos e os remédios são distribuídos entre todos, a terra não é uma posse individual, todos fazem parte da natureza, ou seja, fazem parte da terra, e não o contrário. Na dinâmica cultural que uma comunidade indígena propõe a um idoso o fator mais preponderante é o seu papel, que está intimamente ligado à forma que essas sociedades compreendem o mundo à sua volta. Ser Wayana, ser Kalapalo, ser Guarani, ser Baré é uma forma de estar no mundo que aponta sempre à atualização das tradições por meio das formas de transmissão de saberes, da oralidade, da manutenção dos rituais e das formas de reprodução cultural. E são precisamente os idosos os guardiões e os transmissores desses valores, dessa identidade cultural, dessas tradições. Assim, podemos compreender o envelhecimento desde outra perspectiva. O velho indígena é fundamental para a sobrevivência e a continuidade desses povos.

Visitamos as comunidades Baré, do Alto Rio Negro (AM), e na fase de diagnóstico das suas principais demandas locais soubemos que esse povo, que era considerado extinto pela Fundação Nacional do Índio (Funai) e que já tinha perdido sua língua-mãe, desejava recuperar um ritual de iniciação que só existia na literatura de expedicionários e nos relatos de idosos. Outros povos da região ainda o praticavam, mas os Baré não o realizavam há décadas. Seria uma forma de retomar essa

tradição, fortalecendo sua identidade, já tão enfraquecida. Mas não havia ninguém que soubesse fazer as bênçãos e conhecesse o ritual profundamente para recuperá-lo, liderar e conduzir os cantos e as danças.

Foi nessas conversas que o Capitão (esse é o nome dado aos caciques por lá), da Aldeia São Francisco, disse “tem sim um velho que sabe, seu Leopoldo, da aldeia Iabi”. E lá fomos nós conversar com ele, que se prontificou a conduzir o ritual. Claro que o ritual só aconteceu meses depois. Vieram jovens de várias aldeias e seu Leopoldo conduziu o dabucuri, um ritual que dura seis dias. No fim, ele deu os conselhos aos iniciados e falou como deviam se comportar para “viver bem”. Nós assistimos a trechos do ritual que eram permitidos aos não iniciados e captamos vídeo e áudio, que fazem parte do filme *Baré, povo do rio*. O papel de seu Leopoldo foi marcante e a transmissão de seu conhecimento ultrapassou os participantes do ritual, sendo reconhecido por todas as aldeias Baré da região. Esse exemplo mostra a importância que esses idosos têm nas suas comunidades. O velho é a pessoa mais respeitada, sendo procurada por jovens que buscam conselhos e inspiração para os rumos de suas vidas.

MORTE

Percebo que os velhos indígenas conseguem ser felizes mesmo quando o fim da vida é a única perspectiva para o futuro, até quando inexistem projetos pessoais que sirvam como cortinas que bloqueiem a visão do caminho até a morte. Eles têm outra relação com a morte, é óbvio, e lidam de outra maneira com ela. Centenas de histórias tecem os mitos sobre morte e doenças e são narradas pelos idosos constantemente, de maneira a orientar as relações entre humanos, não humanos e cosmos. É um universo de significados que definitivamente levam a outro lugar.



Eles têm outra relação com a morte, é óbvio, e lidam de outra maneira com ela. Centenas de histórias tecem os mitos sobre morte e doenças e são narradas pelos idosos constantemente, de maneira a orientar as relações entre humanos, não humanos e cosmos. É um universo de significados que definitivamente levam a outro lugar.



Em uma de minhas incursões pela Amazônia conheci dona Makuxi, uma indígena Wayana com 103 anos, da aldeia Itapequi, na Terra Indígena Tumukumaque, no rio Parú de Leste (PA). Um dos seus filhos, que era nosso tradutor e mediador, contou que ela tinha perdido um filho quando ele era muito jovem. O jovem tinha saído para caçar na floresta com alguns amigos, que o perderam de vista. Eles não o encontraram e voltaram para a aldeia. Houve, a seguir, muitas buscas e, finalmente, acharam seu corpo. Ele teria sofrido um ataque de onça.

Logicamente, com minha cabeça de “branca”, me preparei para ouvir esse drama ao perguntar sobre seus momentos difíceis. Mas não foi nada disso, ela relatou como sendo seu momento mais difícil e penoso quando teve de aprender a fazer uma canoa. A canoa, para esses povos ribeirinhos, é fundamental para a sobrevivência e um dos aprendizados mais complexos. Já a morte faz parte da vida.

Artigo 5

Um olhar sobre o envelhecer
numa aldeia indígena

COLETIVO X INDIVIDUAL

Assim, fui perguntando para todos os idosos a quem tive oportunidade durante 40 anos: “Desculpe-me fazer uma pergunta tão pessoal. Qual foi o momento mais feliz de sua vida e qual o mais triste ou o mais difícil?”. As respostas quase invariavelmente tiveram o “para nós” em lugar do “para mim”, ou do “nós” em lugar do “eu”, quer dizer, o coletivo em detrimento do individual. Seguem as respostas a esses questionamentos feitas a dois idosos Xucurú, em setembro de 2018.

José da Paz Xucurú, um agricultor da etnia Xucurú, de Ororubá, Pernambuco, respondeu:

Oh, a gente teve muitos momentos difíceis, o mais difícil foi quando começaram as ameaças, até que enfim começou o derramamento de sangue. Nós tínhamos um cacique que foi assassinado na cidade, a mando dos fazendeiros. (...) A gente teve também momentos de alegria, foi quando a saúde do município passou para o estado (a nossa saúde indígena). Isso foi um momento de alegria, porque o município não via a gente com bons olhos e ali passou para o estado.

Dona Zilda, de 68 anos, liderança Xucurú, de Pesqueira, Pernambuco, respondeu:

Quando perdemos o cacique Xicão Xucuru, meu marido, que com 12 anos de cacicado foi morto. Nós somos fortes e resistentes, mas eu vi o sofrimento do meu povo, ele nos ensinou a caminhar, então foi doloroso, foi muito triste para nós. O momento mais feliz foi quando começamos a ver as indenizações dos posseiros, que eram 281. Quando começamos a receber as nossas terras de volta.

A ênfase no coletivo em lugar do individual foi maioria nas respostas que obtive durante esses anos todos, o que me faz pensar no quanto somos diferentes, o quanto um idoso se sente contido e participante da vida em comum, ao ponto de nem cogitar dar uma resposta focada apenas em si mesmo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os idosos e as idosas representam a sabedoria e suas figuras também são fundamentais na organização social e na sobrevivência da comunidade, já que são o arquivo vivo dos saberes ligados à medicina, às ervas, às músicas, às danças, aos rituais e às festas. Eles nunca representam um fardo a ser carregado pelos mais jovens, eles e elas formam parte indispensável do tecido social de seus povos.



Já conheci pessoas de até 103 anos inseridas na vida coletiva e na dinâmica que a aldeia propõe, uma vida plena enfim.



ENTREVISTA
ANA MAE BARBOSA

"Não sei se a gente
ensina arte. Acho que a
gente contamina com
arte"



Com 82 anos, Ana Mae é uma grande pensadora da educação brasileira. Pioneira da arte-educação no Brasil, a carioca de nascimento, que foi criada em Pernambuco, é graduada em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, mas não seguiu a profissão.

Ana Mae é referência no Brasil para o ensino da arte nas escolas, e a primeira brasileira com doutorado em arte-educação, pela Universidade de Boston. Defende a necessidade de educadores atualizados, a existência da arte nas escolas e o acesso aos trabalhos contemporâneos para todos atingirem o máximo do desenvolvimento integral.

Aluna de Paulo Freire, Ana desenvolveu a abordagem triangular, uma forma de ensinar por meio da arte. Ela atua fortemente na luta para que o direito à arte se concretize e, cada vez mais, todos possam exercer sua criatividade de diferentes maneiras e em espaços variados.



RAIO-X
Ana Mae Barbosa
Educatora brasileira.



MAIS 60 Ana, a gente sempre começa a entrevista pedindo à pessoa para falar um pouco sobre sua história de vida, suas origens, cidade em que nasceu...

ANA Eu nasci no Rio de Janeiro. Eu me apresento como pernambucana porque não me sinto como carioca. Você é de onde sua cultura foi feita, foi construída, e eu saí do Rio de Janeiro com três anos de idade. A minha vida foi extremamente pontuada com duas coisas, mortes e política. Meu pai morreu quando eu tinha três anos, eu nasci e morava no Rio, a minha mãe, que era de Maceió, nunca havia trabalhado fora na vida dela e teve que se confrontar com isso. Ela não quis voltar para a casa dos pais e com toda a razão, porque senão ela ia ficar sendo tutelada. Ela resolveu ir para o Recife, que ficava próximo, mas não conhecia ninguém. Eu fico impressionada com a coragem da minha mãe. Naquela época, 1939. Ela saiu do Rio, foi para o Recife, fez um concurso na Caixa Econômica, ela era musicista, tocava piano, mas se inscreveu na Caixa Econômica, que era a única que aceitava mulheres. Acho que foi a primeira instituição a aceitar mulher, a empregar mulheres. E me levou com ela. Eu não sei como ela fazia, não tenho lembranças disso, mas imagino como era difícil ter uma criança com três anos...

E você não tem irmãos?

ANA Não tenho. Eu com três anos de idade e ela tendo que trabalhar. Aí eu adoeci, o médico que foi atendê-la era solteiro, se apaixonaram e aí eu tenho fotos engraçadas da minha mãe, toda de luto pelo meu pai, comigo, na casa que eles estavam alugando para quando casassem, mas ela não podia casar antes de um ano, para esperar o luto do meu pai. Coisa mais maluca que tinha antigamente. Aí, infelizmente, ela morreu quando eu tinha seis anos e fui criada pela minha avó materna, meus avós maternos. Meu avô já tinha tido um AVC e não compartilhava tanto a minha educação, mais minha avó, que era uma mulher fortíssima. Logo que ela casou, o marido teve um AVC e ela assumiu a família toda. Então, eu fui para Maceió, entre seis anos e 14 anos, eu vivi em Maceió. Por exemplo, primeiro, fui educada em colégio de freiras, depois descobri que tinha coisa melhor. Eu me lembro de que com 12 anos de idade saí para tentar me matricular no Instituto de Educação, que era considerado a melhor escola em Maceió. Precisei convencer minha avó que dizia que as meninas eram muito independentes nesse Instituto de Educação. Enfim, fui para lá e acho que foi a minha salvação. ((risos))

E aí você...

ANA Aí meu avô morreu. Por isso que eu falo que minha vida foi pontilhada. Meu pai morre, vou para Recife, minha mãe morre, vou para Maceió, meu avô morre e vou para o Recife de

volta, porque meu tio, único filho da minha avó, morava no Recife. “Eu não vou deixar vocês duas aqui sozinhas, vamos embora”, e foi, para mim, uma experiência extraordinária, porque a mulher do meu tio, naquele momento, tinha duas sobrinhas da minha idade, e aí minha adolescência foi uma festa, muito reprimida do ponto de vista sexual, namorar não, essas coisas, mas era muito festiva. Eu vivia em festas e sempre os pais delas levando, acompanhando. Era tudo muito reprimido, mas era festivo. Engraçado, porque a gente hoje conversando, nós três, era gozado, era repressão, mas a gente não sentia a repressão. E era muito festivo. ((risos)) Aí, o conflito com minha avó começou quando eu resolvi fazer faculdade.

Faculdade de Direito?

ANA Primeiro eu queria Medicina, e ela era como uma dinossaura, foi para cama, pressão alta, chama o médico, a tal história, “essa menina me mata”, ((risos)) “imagina, fazer Medicina, cheio de homens, vendo cadáveres nus”, era isso que ela não aceitava, e era muito forte. E eu tive que abdicar da Medicina e fui para o Direito. Na minha época, eram três áreas que o bom aluno tinha para escolher: Medicina, Direito ou Engenharia. Eu odiava Matemática, Medicina eu não podia, fui para a vala comum do Direito, que era uma faculdade muito interessante, a do Recife, naquela época, muito política e tudo. Mas foi assim, eu saía de casa escondida para fazer o vestibular, e o vestibular de Direito era um espetáculo lá no Recife na época. Fala-se muito hoje sobre a cultura do espetáculo, na época, virou a educação do espetáculo, que era do estudante de Direito, que tinha que fazer seus discursos inflamados... As provas, na faculdade de Direito, eram em anfiteatros, até hoje são em anfiteatros e ia gente assistir à performance dos candidatos, de outros anos, de outras faculdades.

Em que momento você conheceu Paulo Freire?

ANA Eu entrei na faculdade de Direito e, mais ou menos ao mesmo tempo, conheci Paulo Freire. Eu tinha pânico de me tornar professora, porque minha avó tinha me obrigado a fazer o curso pedagógico na época, que era de terceiro grau. Era, na minha época, mais ou menos como estão querendo, havia três escolhas: o clássico, para quem ia fazer Letras, científico, para quem ia fazer Ciências e o pedagógico, para quem ia parar de estudar e se tornar professora. Era para meninos e meninas, mas a minha escola, por exemplo, que era o Instituto de Educação de Pernambuco, era só de mulheres. Eu sentia que com tudo que eu havia estudado, que era quase tudo voltado para a escola primária, eu não ia passar no vestibular de Direito, que tinha carga pesada de latim. Aí eu quis fazer a preparação do vestibular, e minha avó: “Não, de jeito nenhum, não precisa fazer universidade, eu não vou pagar cursinho para você”, e eu: “Ah, então vou trabalhar” e ela disse: “Tudo bem”. E eu: “Vou pedir emprego para a mãe ou pai de alguma amiga minha”. Ela disse, “Não, a única profissão decente para mulher é ensinar”. É impressionante como eu obedecia. Obedecia reclamando, argumentando, mas fui fazer um preparatório para um concurso de professores primários e quem organizou esse curso: Paulo Freire e Elza Freire, a mulher dele, os dois estavam organizando. Paulo Freire já estava começando a desenvolver a epistemologia dele, no sentido de que você tem que começar a aprender através do seu campo de referência. Ele (Paulo Freire) foi meu professor de português, de teoria da educação e como professor de português, a primeira coisa que ele me mandou escrever foi o seguinte: digam por que vocês querem ser professoras.

E como foi esse primeiro exercício que o Paulo Freire te passou?

ANA Eu estava uma fera, porque não queria ser professora. Era um curso diário, intensivo, no dia seguinte ele deu as redações de todo mundo e não deu a minha. “E a minha?”. “Ah, eu quero conversar com você depois. Vem amanhã mais cedo”. Eu fui mais cedo e ficamos conversando três horas. Ele me mostrou que educação não era o que eu tinha tido, que eu tinha tido uma repressão. Uma repressão carinhosa, porque minha avó era muito carinhosa, mas era repressão. Tinha que seguir as normas da sociedade, por mais absurdas que fossem. Aquelas de “conheça o seu lugar de mulher” ((risos)). E aí a gente teve uma relação extraordinária, porque ele foi meu professor, eu fui professora da filha dele, Madalena. Madalena foi professora da minha filha, Ana Amália. Ana Amália foi professora da Carolina, filha da Madalena. Então, foi uma tessitura educacional de geração para geração. E ficamos muito amigos.

E a partir daí você foi se interessando?

ANA A partir daí, entrei em Direito, mas chegando no meio da faculdade – a faculdade de Direito foi uma das piores experiências educacionais que eu tive, porque era muito machista na época – eu comecei a namorar com meu marido no primeiro dia de aula.

Você sofreu preconceito por ser mulher?

ANA Muito, era muito, muito mais dos professores do que dos colegas. Porque os colegas, não sei bem por que respeitavam. Se era por ser namorada de um colega, não lembro bem o motivo. Mas era assim, a mulher que entrava na faculdade de Direito já era suspeita de se tornar amante de alguém, de um professor, de um juiz, de alguma coisa assim. Nós éramos oito para 200

homens. Eu tive o azar de passar em segundo ou terceiro lugar, não me lembro bem em qual lugar, mas foi um dos três lugares. Eu me lembro do primeiro dia de aula de Introdução à Teoria do Direito, o professor fez uma pergunta e me chamou para responder, e eu não soube. Daí ele falou: “Está vendo, passou na frente de vocês todos e não sabe nada”. E não jogou a pergunta para a turma. Ele sabia que ninguém iria responder. Então, essa foi minha primeira experiência. Até o último dia de Direito, houve esse tipo de preconceito. Poucos professores foram respeitosos. Havia professores respeitosos, mas eram poucos. A maioria deles era brutalmente machista. Era de desqualificar. Eu brincava muito com meu marido, com quem fui casada 47 anos, eu brincava com ele dizendo que eu começara a namorar com ele para me proteger. ((risos)) Casamos no quarto ano.

E você não chegou a atuar?

ANA Nunca. Eu já estava engajada com Arte-Educação. Paulo Freire, àquela altura já era presidente da escola de Artes do Recife, no curso que eu fiz com ele, veja como Recife era pioneiro em muitas áreas de cultura, já havia Arte-Educação como disciplina no curso que o Paulo Freire organizou. Já tinha feito o tal do concurso para professora, tinha passado em segundo ou terceiro lugar, aí o secretário da educação mandou escolher para onde eu queria ir, eu escolhi ir para a escolinha, que não era pública, mas tinha professores da rede pública na escolinha para poderem dar estágios para professores da secretaria, dar cursos para professores da secretaria, então, eu escolhi lá e fiquei lá.

E o que é Arte-Educação, Ana Mae?

ANA Eu não mentiria a você que não é ensino de arte. Não sei se a gente ensina arte. Acho que a



Paulo Freire foi meu professor de português, de teoria da educação e a primeira coisa que ele mandou escrever foi o seguinte: digam por que vocês querem ser professoras.

gente contamina com arte. A ideia é aproximar o ser humano, em qualquer idade, da arte. Fazê-lo buscar arte. Cada um com seu motivo para buscar arte. O meu, por exemplo, como eu não sou muito religiosa, quer dizer, oficialmente eu sou católica, mas eu não sou praticante. Ao longo da vida fui deixando de ser praticante, embora minha raiz cultural seja católica, mas, para mim, a arte é muito consoladora. Eu me lembro de meu marido no hospital, na UTI, passou muito tempo na UTI, eu ia todos os dias vê-lo, saía, sempre para ver alguma coisa de arte para me consolar. Tive surpresas interessantes, por exemplo, eu sou uma fã de arte digital, mas ela não me consolava. Descobri uma coisa curiosa, a arte digital me excita intelectualmente, mas consolo eu tinha, principalmente, nas chamadas clássicas artes, na escultura, desenho, gravuras. Lembro que tinha uma exposição no instituto Tomie Ohtake, que fui várias vezes. Eu tinha a necessidade de voltar à exposição, quando saía da UTI. Ficava lá, diante de uma gravura, e me sentia mais consolada. Então, você vai absorver a arte conforme os teus componentes emocionais, afetivos, intelectuais também.

Você acha que impacta em faixas etárias diferentes, tem impactos diferentes ou é de pessoa para pessoa, como a pessoa sente a arte?

ANA Acho que tem impactos diferentes. A recepção é diferente, mas até a idade adulta. Depois da idade adulta, o que diferencia é a experiência

de cada um. Aí é que diferencia. Durante a fase infantil, você tem, por exemplo, a criança pequena, de quatro, cinco anos, ela está na fase narrativa de contar histórias, o desenho dela, quando ela desenha, o mesmo desenho pode servir para várias histórias. Tem muito professor que pensa que nessa idade é bom mostrar Miró para as crianças, mostrar Kandinsky, porque são abstratos e correspondem ao desenho delas. Não, é interessante mostrar a arte que, através dela, elas possam contar uma história. Inventar uma história e elas vão inventar histórias diferentes, em momentos diferentes, com a mesma obra de arte, com a mesma imagem. Depois vem a fase em que elas já percebem o espaço, mas tem uma linha de base. Então, todo aquele desenho é em relação àquela linha. A primeira percepção de espaço é a terra, onde tudo anda, e o céu, onde tudo voa, onde está o sol. Depois, vem a outra fase em que ele procura desenhar realisticamente, daí vai brigar muito com o problema de proporção, até chegar à uma representação mais realística. Essa fase é muito perigosa para ela largar completamente o desenho. Existe o talento também, que não é igual ao dom. Pensava-se, antigamente, Deus deu o dom, mas não é bem isso. Depende do meio em que você está, depende de DNA, depende de estimulação e desejo de cada um.

Fale mais sobre o talento.

ANA Então, talento depende de várias coisas e há pessoas que não tem esse talento para desenhar. Eu, por exemplo, acho que nunca tive. Como professora de arte, desenei bastante, desenei para anotar e gravar na memória, mas eu sei que não sou uma artista, que não tenho talento para ser artista. Então, em viagem, eu adoro fazer um pequeno rascunho de uma catedral, porque eu vou me lembrar eternamente onde era uma janela e tal, porque vi e desenei e a memória grava com muito mais facilidade. Agora, depois que você atinge o pensamento abstrato e tal, aí, vai depender, primeiro, da experiência de cada um, se você é criado completamente alijado de arte, se você tem preconceito, você não vai se aproximar. Então, existe o preconceito contra arte, que o artista é o boêmio, é a pessoa desorganizada, que vai morrer de fome e tudo isso...

Você acha que o preconceito com o artista continua?

ANA Eu acho que continua. Claro que não é como no meu tempo, porque eu sou uma velha que acha que o mundo melhorou muito de lá para cá. A gente encontra movimentos de retorno, como a gente está vivendo esse agora, que é um movimento de retorno, mas a gente tem que ser forte para dialogar. Para mim não é nem lutar, é dialogar, porque eu sou contra qualquer relação que elimine o diálogo. Relações prepotentes, eu acho que não constroem absolutamente nada. Tem que haver o diálogo, é na família, o diálogo, é na escola, é no emprego... você tem que estabelecer uma maneira de dialogar...



“Relações prepotentes, eu acho que não constroem absolutamente nada. Tem que haver o diálogo na família, na escola, no emprego... você tem que estabelecer uma maneira de dialogar...”

“Na pré-história já se fazia arte. Já havia necessidade de você construir formas que representassem seu pensamento. Então, ela é importante para cada um de nós.”

Eu vejo na universidade, e em muitos estudos, trabalhos com arte para idosos, o que você acha?

ANA Você sabe que na USP começou com o MAC¹, quando eu era diretora do MAC. Quando eu fui diretora do MAC, meu objetivo era fazer entrar, no museu, os códigos da minoria. Quer dizer, o indígena, o código de rua, o Carnaval, fiz uma exposição carnavalesca que foi um escândalo, os artistas, e isso em uma época modernista em que os artistas se recusavam até a pensar suas raízes. Falar em raízes era pornografia, quase. Naquele tempo, a arte tinha que ser completamente descolada do seu meio. Então, foi difícil, acho que até hoje ninguém entendeu o que eu queria no MAC, mas eu queria era isso, trazer diferentes códigos culturais e uma das coisas era servir a diferentes públicos. Como os idosos, por exemplo, eram duas coisas: atender a diferentes públicos e receber diversos códigos culturais. Fiz uma exposição, até hoje sou encantada com a exposição, sobre a estética do candomblé. Porque, no candomblé, se esquece que não é só religião, é cultura também e, como cultura, cada santo tem o seu universo. Foi muito bonita a exposição, mas teve um silêncio absoluto. Foi muito difícil, a época do MAC. Acho que foram os dois momentos mais difíceis de embate de conhecimento para mim, a faculdade de Direi-

to por causa do machismo e o MAC por duas coisas: o elitismo e a ditadura do código hegemônico europeu e norte-americano branco e pelo preconceito de eu ser nordestina. Isso nunca tinha acontecido na USP, é engraçado. Nunca senti em São Paulo, quando eu e meu marido chegamos. Por causa da ditadura, nós havíamos sido expulsos da Universidade de Brasília, demitidos da Universidade de Brasília, chegamos aqui e fomos muito bem recebidos. E na USP também, na ECA, eu sou apaixonada pela ECA. Foi um lugar em que eu fui muito feliz. A ECA² era extremamente receptiva para todas as diferenças.

E essa relação, museu x público. Qual é a sua opinião?

ANA É fascinante, não é um público que você tem, sempre são vários públicos, você tem que pensar neles. Se arte para mim é tão importante, é importante para todo ser humano. Na pré-história já se fazia arte. Já havia necessidade de você construir formas que representassem seu pensamento. Então, ela é importante para cada um de nós.

Mas você acha que tem uma segregação?

ANA O que se diz é que a arte é das elites, mas é das elites porque a gente deixa. ((risos)) Porque a gente não faz um trabalho como deveria ser com a criança da escola pública. De quinta série, eu penso muito em quinta série que é onde você pode ter um professor especialista. Agora é a sexta, não é mais a quinta série. A criança da sexta série de uma escola pública, em que não se compra revista em casa, não se compra jornal, o veículo principal é a televisão, dificilmente tem um computador em casa, onde é que vai ter contato com arte e descobrir para que serve a arte para ela. Porque as pesquisas mostram, a arte desenvolve a inteligência. Essa inteligência

¹ MAC: Museu de Arte Contemporânea - USP

² ECA: Escola de Comunicação e Artes da USP

medida pelo teste de QI, essa inteligência racional. Nós, que fazemos arte, seríamos muito menos inteligentes se não fizessemos arte. Então, onde ela vai descobrir? Na escola. Por isso que defendo ferozmente a arte na educação. Eu defendo escola em tempo integral, você não conhece um sistema de igualdade no mundo que não seja em tempo integral, que não tenha muita arte e muito trabalho de corpo, esporte, dança etc.

O que você acha da arte e educação atualmente?

ANA Eu acho que arte e educação, hoje, é muito melhor que há 25 anos, tem várias razões para isso. Primeira razão: os mestrados e doutorados estão levando as pessoas a pesquisar, comprovar o que dá certo e o que não dá certo, em que idade dá certo, em que idade não dá certo. Depois, uma coisa que eu acho importantíssima no Brasil, aqui em São Paulo, isso eu vejo mais em São Paulo, na periferia. Essa arte da escola já influenciou o jovem da periferia. Quer dizer, essa arte que não é só o fazer, mas é o ver. Decodificar o que você vê, o contextualizar, ver em relação ao contexto, à sociedade em que você vive. A história, ver a sua história pessoal, isso já formou outros jovens com essa relação, contaminados pela arte. E que estão fazendo o quê? Nas periferias, estão tentando abrir as portas das instituições. Se não tem instituição que receba, tem o bar para expor, tem o bar para fazer suas apresentações de poesia, os saraus. Eu acho que isso também foi muito importante. De repente, a periferia, que já foi educada com arte e com bons elementos, bons princípios metodológicos de arte, entendeu? Sem ser a cópia, ser a mera reprodução, mas sendo alguma coisa que você tem

que buscar significado. Se você está buscando significados para uma imagem, você está buscando significados para problemas que aparecem.

Em uma das suas apresentações, de suas aulas, você fala “é preciso que o educador de qualquer área trabalhe com arte para ele próprio se desenvolver”, que vai ao encontro do que você está dizendo.

ANA Sim, eu tenho escrito ultimamente para duas coisas, é curioso, eu escrevi muito, no início da minha vida, sobre a advocacia das artes na educação, advogando porque precisava da arte. Passei quase vinte anos sem escrever sobre isso. O ano passado, passei quase um ano escrevendo sobre isso: por que precisa de arte no ensino médio? Ensino médio é aonde a arte vai, inclusive, trazer maiores benefícios, porque você está em uma crise. Crise não é negação, crise é positivo. Você muitas vezes se reinventa, se refaz em uma crise. Agora, você precisa de respaldo instrumental e a arte, aí, é um instrumento muito significativo. Oras, o adolescente está passando por essa crise. Tem que enfrentar o mundo de maneira diferente. São mudanças, ele era cuidado e agora ele tem que aprender a se cuidar. São todas essas diferenças. E você tira a arte da escola nesse momento, quando ela pode ser tão significativa, a performance é tão importante, porque ela envolve corpo também, essas danças corporais do adolescente em que ele fica sem entender muito bem ou querendo mostrar excessivamente ou esconder, onde é que está o equilíbrio? Então, a arte é fundamental para esse equilíbrio mental e até orgânico.



Eu defendo a escola em tempo integral, você não conhece um sistema de igualdade no mundo que não seja em tempo integral, que não tenha muita arte e muito trabalho de corpo, esporte, dança.



Voltando à arte para os idosos, você sabe que até para a questão cognitiva, tem muitos estudos de idosos trabalhando com arte, com resultados incríveis...

ANA Lá no MAC a gente começou assim, quem começou esse trabalho na Universidade da Terceira Idade, na USP, foi a Ecléa Bosi³, mas em Artes, nós é que começamos. Foi com o Silvio Coutinho, que hoje está aposentado, mas ele abraçou isso, e ele fazia, inclusive, parte do Conselho da Universidade da Terceira Idade, porque o MAC tinha essa abertura. No caso do Silvio,

foi incrível, porque não só essa agudização do cognitivo, mas algumas daquelas mulheres, especialmente mulheres, elas ganharam prêmios de arte. Foi um trabalho lindíssimo do Silvio.

Ana, você desenvolveu a abordagem triangular. Fale sobre isso.

ANA Eu diria que é uma abordagem metodológica.

Que tem os três pilares.

ANA É, e que não são disciplinas. São processos mentais. Primeiro, de fazer, que é um processo mental e material, fazer. Depois, você tem o ler a obra de arte, o ver. Não é só a obra de arte, isso pode ser feito também em relação à imagem do cotidiano. Imagem de publicidade, imagem fotográfica, documental, qualquer imagem. Essa análise do visual. Atribuir significado ao visual. E destrinchar o visual. O que isso está dizen-

3 Ecléa Bosi: Psicóloga, escritora e professora titular do Instituto de Psicologia da USP. Idealiza em 1993 o programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI).

do aí? Entendeu? Pode ser para mim uma coisa e para você outra. Eu já vi uma criança, por exemplo, pegar a *Guernica*, do Picasso, e interpretar como uma guerra nuclear. O problema da leitura é você justificar na imagem. E a criança justificava. “Aquela luz, não é bem no meio, mas um pouquinho deslocada do meio, tem uma luz bem grande, uma lâmpada bem grande, aí é a explosão nuclear”. Então, é esse tipo de análise. Não significa que vai analisar como o professor queira. E a contextualização. O que significa? Com uma criança dessa você vai ter que conversar. O que significa uma explosão nuclear hoje, mas o Picasso, quando pintor, estava no momento de uma guerra e aí vamos ver imagens da Guerra Civil Espanhola, vamos ligar depois com a guerra, à Segunda Guerra Mundial, conversar sobre isso, localizar outras pinturas, outros desenhos, fotografias e filmes daquela época e discutir os problemas de paz e guerra.

E tudo isso faz parte dessa abordagem...

ANA Tudo isso faz parte e o contexto é muito importante. A contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade, para ligar com a história, para ligar com isso e com aquilo outro e para você ler sobre seu meio ambiente, para ler onde você está, porque é importantíssimo você ter consciência do seu meio ambiente, para você ter consciência de si mesmo dentro desse meio ambiente.

Você foi a primeira mulher que fez doutorado em Arte-Educação. Conte como foi.

ANA É, eu não conseguia fazer no Brasil, não foi por escolha fazer no exterior não, é porque não tinha aqui. E o pior, não conseguia bolsa. Nun-

ca consegui bolsa, eu pegava carona nas bolsas do meu marido. Ele era da área de literatura, que é uma área privilegiada, desde os jesuítas, que a consideram a mais importante arte. Eu não conseguia aqui, as pessoas diziam, “eu não entendo nada disso”

Você fez em Boston?

ANA Eu fiz primeiro mestrado, em Connecticut, depois, doutorado, em Boston. Também não tinha muito lá, quando eu fiz. Não tinha muito doutorado lá, tinha mais mestrado. Eu acabei fazendo na faculdade de Educação da Universidade de Boston, que era muito flexível. Era uma faculdade que, já em 1977, era multiculturalista, a Universidade de Boston foi a primeira a receber negros nos Estados Unidos. Martin Luther King estudou lá, os arquivos dele, ele doou para a universidade, tinha sempre uma exposição, logo na entrada, com alguns documentos de Martin Luther King. A gente aprendia esse respeito à diferença logo na entrada da biblioteca.

Eu notei que em um período, me corrija se eu estiver errada, você deu aulas em algumas universidades inglesas e americanas?

ANA Sim.

De cultura brasileira?

ANA Não. De cultura brasileira, só na Universidade de Yale. Era ligando literatura com artes visuais.

Conta um pouquinho desse período pra gente...

ANA Esse período foi muito estranho, era meio esquizofrênico, sabe? Como eu disse a você, eu



sempre peguei carona nas bolsas do meu marido para mestrado e doutorado. E meu marido foi, teve uma bolsa da Fapesp para ir para Yale, para fazer pesquisa para a livre-docência dele. Chegando lá, foi muito curioso, porque eu não consegui bolsa no Brasil. Até hoje tenho a carta da Capes dizendo que a Educação não era área de pesquisa. Eu cheguei lá no vazio. Interessante que no primeiro... nos Estados Unidos, as universidades são bem festivas, cada departamento, todo início de semestre tem sua festinha de departamento para se conhecerem, e eu me encontro com um professor de português, o prof. Malcon, de Yale. Nos engajamos em uma con-

versa, e ele conhecia pouco de artes visuais no Brasil e conhecia bastante literatura. E foi muito curioso, porque ele disse: “Vou contratar você para trabalhar comigo, porque você pode fazer essa ponte das artes visuais, que eu não faço”. Foi uma experiência maravilhosa, eram alunos especiais, que estavam interessados na América Latina. Era no Departamento de Estudos Latino-Americanos, especialmente Brasil, porque ele estava dando curso sobre literatura brasileira, ele sempre dava sobre literatura brasileira, e ele falou que não ia dar nada de romance, “vamos com contos”, porque eu não sou especialista em literatura né, e ele levou vários contos

e eu faria a ligação. Traria obras de arte do mesmo período, até do mesmo grupo, coisas assim. Foi uma maravilha, uma experiência fantástica. Os alunos, estava no “boom” latino-americano, a América Latina, extremamente festejada, os romancistas festejados, a cultura latino-americana festejada. Em pleno período, um período magnífico, em que já se via efeitos da política de dessegregação, já se via os efeitos de integração dos negros e dos brancos nos Estados Unidos. Era uma época de efervescência, 1971, tinha tido 1969 com Woodstock, foi um período florescente de cultura nos Estados Unidos.

Agora vamos focar mais um pouco no trabalho sobre o processo de envelhecimento, porque a pirâmide etária está invertendo, a expectativa de vida aumentando, enfim, qual é a sua opinião sobre esse assunto? Você acha que o país está adequado para toda essa mudança? Como você se sente envelhecendo?

ANA Eu acho que o país está se adequando ao envelhecimento graças a essas iniciativas. A USP criando espaços, o Sesc, eu sou grande fã dos projetos do Sesc. Eu só não entro em um deles porque não tenho tempo, mas eu sou fã desses projetos. Dessa reforma da previdência, uma das coisas que eu acho que os políticos têm razão, é que a gente se aposenta muito cedo no Brasil. Eu estou com 82 anos, não reclamo em nada de continuar trabalhando. Para mim, é uma fonte de energia. Eu tenho uma especial tarefa de criar minha neta, para mim foi especial continuar em contato com a juventude. É uma juventude um pouco mais velha do que ela, mas me ajudou muito a entender as grandes mudanças da juventude de meus filhos e a de hoje. Eu dou aula só no mestrado e no doutorado da Universidade Anhembi-Morumbi. É um grupo de dez pro-

fessores, agora tem 11, tem um professor convidado, que foi ex-aluno, nosso inclusive. É um grupo excelente, flexível, porque eles entendem um pouco a minha situação. Não é pela idade essa situação, é pelo problema familiar. Eu tenho uma filha que teve um AVC cerebral, com 36 anos. Ela ficou completamente tetraplégica, não fala, não come e a mente completamente boa. Não afetou em nada memória, raciocínio, pelo contrário, agudiza a percepção. Ela tem uma percepção agudíssima, que dá até medo. Então, minha prioridade é minha filha. Segunda, são meus alunos e, a terceira, as obrigações burocráticas da universidade. Aluno para mim é coisa prioritária. Então, eu oriento, adoro orientar, mais ainda para doutorado, quando as pessoas já têm uma escolha definitiva.

E sobre a longevidade?

ANA Realmente, a vida está se prolongando, ao se prolongar a vida, estão também se prolongando as capacidades de discernimento, e a pior coisa para os velhos eu acho que é a depressão, para mim é a pior. Estão aí os remédios para dar a vontade de vencer essa dificuldade, então, eu me aproximo um pouco do Foucault, que dizia que a gente devia ir se preparando para a velhice como uma culminância. Para mim foi um baque muito grande, a consciência da velhice veio com a doença da minha filha. Eu tive que mudar completamente a minha vida, mudar todos os planos, eu tinha iniciado um plano de vida de seis meses no Brasil, seis meses no exterior, já estava funcionando isso. Eu não sou muito equilibrada, confesso a você, às vezes eu exagero. Em 2016, eu viajei muito, trabalhei muito, aí eu cheguei no fim do ano doente. Eu cheguei em dezembro sem sair de casa, daí vou para o médico e ele manda tomar vitamina isso,

aquilo e aquilo outro. Eu jurei que em 2018 eu não ia fazer isso. Aliás, em 2017, eu jurei que não ia fazer isso. Cheguei ótima ao fim do ano. Tomei conta de mim mesma, não aceitei todos os convites, porque a minha tendência é essa, é um problema querer aceitar tudo que me chamam. E aí fui cair de novo nessa esparrela em 2018. Esse semestre estou controlando muito.

Quando a gente gosta muito do que faz, acontece isso.

ANA Isso, quando a gente gosta muito do que faz...

E quais são seus projetos atuais?

ANA Olha, atuais, eu estou terminando um livro sobre mulheres na arte-educação, é muita coisa. Nos anos 1960, eu estou procurando, anterior ou da minha geração, e como o campo estava muito amplo, eu resolvi só trabalhar com os lugares em que vivi, quer dizer, Nordeste, São Paulo e Brasília. Eu mapeei só esses lugares. Tem

mulheres que foram muito importantes na arte-educação na época e que hoje você não ouve falar delas. A melhor maneira, o melhor tributo é fazer uma pesquisa sobre essas mulheres. E estou fazendo esse congresso com o Sesc. Acho o Sesc fantástico, de uma competência incrível, e esse congresso tem muito que ver com o fato de a arte-educação ser uma área onde atuam mulheres. É raro homem. Eu sempre implico porque quando entra um homem em arte-educação, ele já entra com 50% de vantagem, porque nós, mulheres, damos essa vantagem para ele. ((risos))

Ana Mae, muito obrigada pela entrevista. É um privilégio para os leitores da revista mais 60, e você é um exemplo para todos nós, por ser uma pessoa de 82 anos e estar na ativa, falar sobre vários assuntos e compartilhar suas opiniões.

ANA Muito obrigada.



ILUSTRAÇÃO

Autocuidado

/por Mariana Waechter

RAIO-X

Mariana Waechter

Mariana Waechter, nascida em 1989, é artista plástica e trabalha com ilustração e quadrinhos. Publicou em 2014 a HQ *Medeia*, sua versão da tragédia grega de Eurípedes. Integrou exposições e coletâneas em meios como *Café Espacial* (2013), *Projeto Bill* (2013), *A Mão Livre - Humor Depois de Charlie Hebdo* (Cia das Letras, 2015), *Bedeteca de Beja*, em Portugal (2015), *Entrelinhas Urbanas* (Sê-lo, 2017).

Seu email é mari.waechter@gmail.com





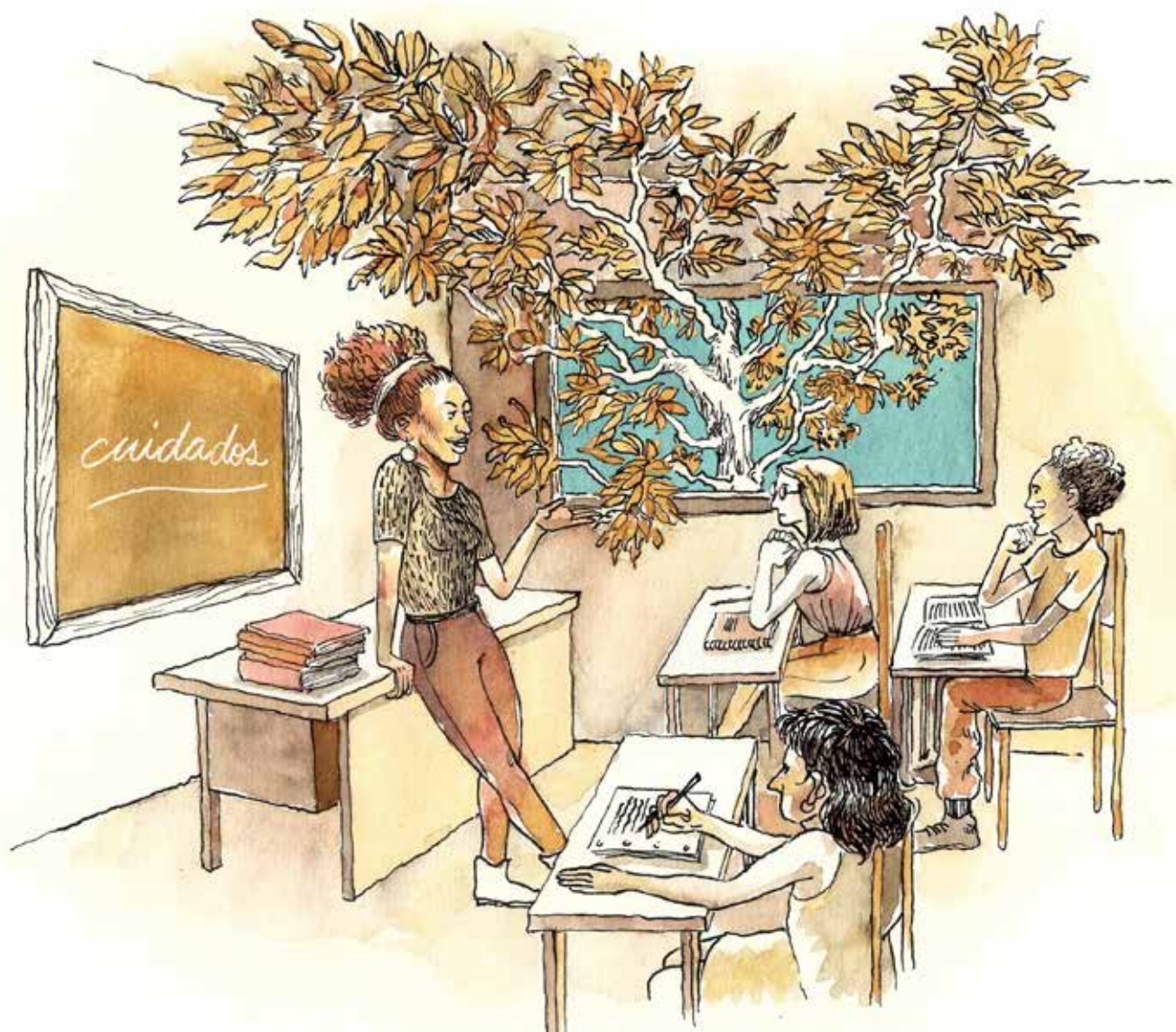


O convite para ilustrar a temática do cuidador idoso e refletir sobre o cuidado como um todo veio em um momento em que eu justamente testemunhava essa situação acontecer em minha família, com mãe, tia, avó, padrinho. Eles se tornaram "objeto de estudo" de certa forma, mas principalmente parceiros na compreensão do significado da empatia, compaixão, paciência e força.

Temos um conceito do cuidado em nosso imaginário que é terno e delicado, já que parece ser algo suave. Mas na realidade é um trabalho árduo, que exige tanto do corpo, pelo auxílio às limitações físicas do outro, quanto emocionalmente, ainda mais quando o cuidado acontece no âmbito familiar e proporciona reflexões sobre o espaço da vida, nossas relações e experiências.

Conversar sobre esse trabalho com quem cuida e com quem é cuidado me fez perceber a importância da nossa presença para aqueles que têm limitações e como precisam de amparo os que cuidam, tanto em nível pessoal como também em políticas públicas. O autocuidado, relacionado à preservação da saúde física e mental em todas as idades, também é um fator essencial, sobretudo para aqueles que dedicam suas vidas a auxiliar o outro – esses são especialmente fortes.

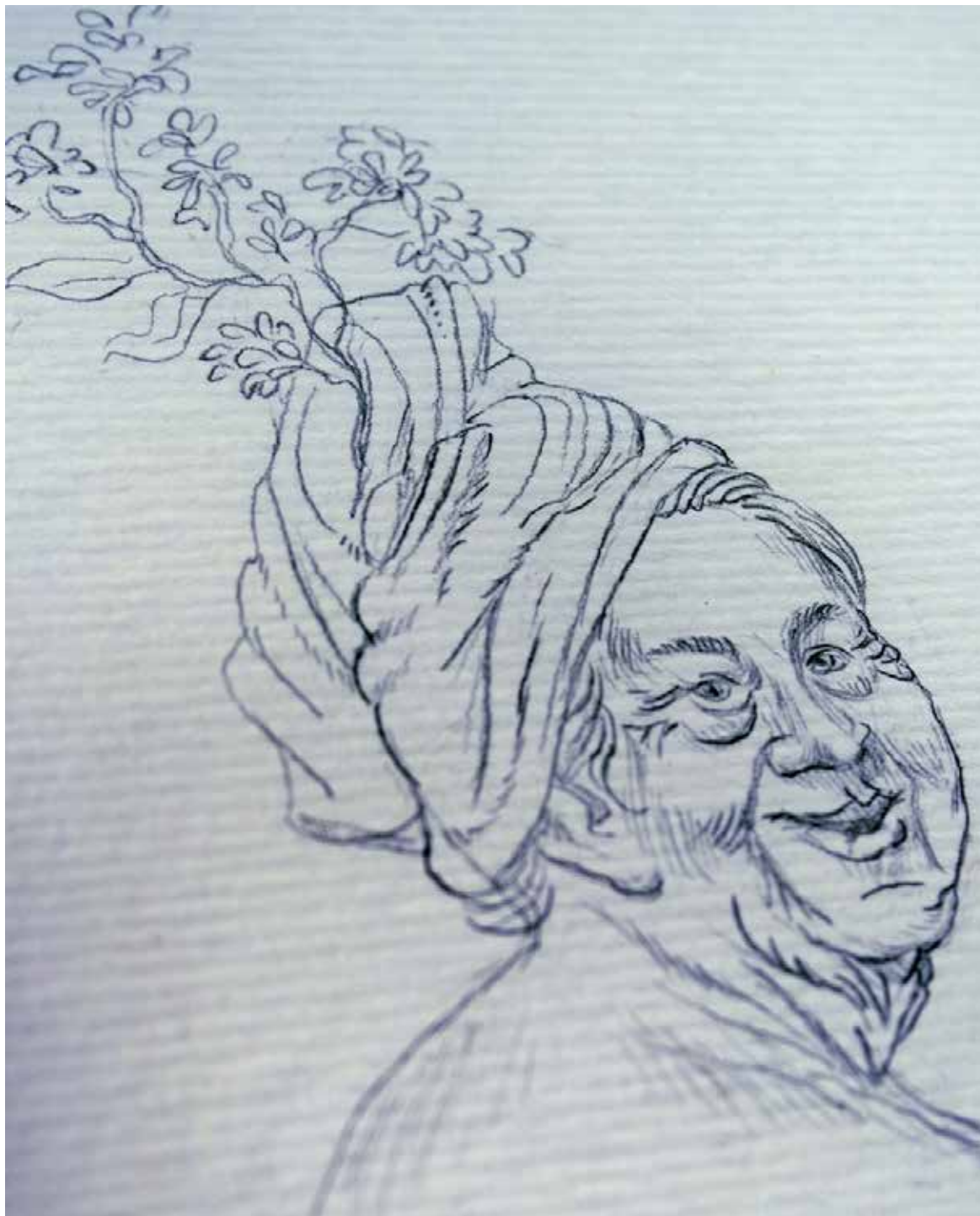
















PAINEL DE EXPERIÊNCIAS

Trajetórias – Uma breve reflexão sobre nossas matrizes culturais

por Adriano Antonio da Costa



VELHO, TEMPO E MEMÓRIA

Tempo: substantivo masculino. Memória: substantivo feminino. Relacionam-se com determinado período e com a faculdade de conservar e lembrar de fatos, ligando referências do passado com o presente tendo o futuro como norte. Essas questões sempre instigaram a equipe do Sesc Piracicaba quando observava e refletia a respeito do envelhecimento e dos processos que impactam a pessoa idosa. A invisibilidade do “velho”, recluso, à sombra das famílias, não tem sido a maior tônica de nossas observações e pesquisas. Ele é, sim, visto como um cidadão cada vez mais ativo, buscando seus direitos nas manifestações populares, em viagens, nas academias de ginástica, trabalhando, caminhando nos parques, estudando em universidades abertas e estando presente nos mais diversos cenários sociais.





RAIO-X

Adriano Antonio da Costa

Assistente técnico no Sesc Piracicaba. Graduado em Educação Física, com especialização em Animação Sociocultural pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo.
adriano@piracicaba.
sescsp.org.br

Esta transição, contexto e postura atual da velhice requerem de nossa instituição, e principalmente do Programa Trabalho Social com Idosos, reflexões, atenção especial, compromisso e também nos desafia a interpretar e dar respostas a proposições que possam valorizá-los, disponibilizando protagonismo, autonomia, acessibilidade e valorização social “com e para” esse público.

Uma Piracicaba cosmopolita devido a sua gente e sotaque, que se tornou um centro irradiador de uma cultura ímpar, possibilitou pensarmos na universalidade e abrangência do tema, lançando um olhar caleidoscópico no debate sobre suas matrizes culturais, já que a cidade é diversa na sua origem e composição étnica, composta de cidadãos do mundo na sua formação: índios, europeus, pretos, árabes e asiáticos.

Um eclético e rico amálgama, com todas as suas ambiguidades, que não são artifícios retóricos, mas algo recorrente na maioria das cidades centenárias, com centros acadêmicos e conhecimentos tecnológicos, enriquecida pela vida estudantil e por profissionais oriundos das mais diferentes partes do planeta, buscando preservar seus valores tradicionais da cultura caipira consolidada no Vale do Médio Tietê, com uma linguagem local peculiar, mas sem fronteiras, e um “olhar” aberto para mundo e o futuro.

A partir desse diagnóstico, buscamos lançar luz sobre personalidades de destaque, cujas obras, produções, contribuições ativas na dinâmica cultural e social refletem na riqueza do material que produziram e ainda produzem ao longo das suas vidas, nas mais diferentes áreas e setores do conhecimento humano: educação, artes visuais, rádio, canto coral, arquitetura, engenharia agrônoma, jornalismo, pesquisa científica, história, religião, música, filosofia,

meio ambiente; de comprovada relevância e identidade com a cidade e o mundo, com olhar para o coletivo, e todas acima de 60 anos. Esta conceituação nos deu uma direção: realizar uma pesquisa qualificada para identificar os possíveis homenageados estabelecendo critérios, formatos, períodos e profissionais com vasta produção em suas respectivas áreas de ação.

A ideia foi prestar homenagens em formato de uma entrevista ao vivo, em encontros dinâmicos, complementados por intervenções, mostras dos trabalhos, fotos, livros, publicações, esquetes teatrais, musicais e leituras dramáticas para que nossos convidados sejam instigados a revisitar suas obras, discorrer sobre pensadores que os influenciaram, caminhos trilhados, referências e também abordar o respeito com que lidam com sua longevidade e seu processo de envelhecimento.

Para iniciar o projeto em 2016, convidamos o jornalista e editor Romualdo Cruz Filho, mestre em educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, para realizar as pesquisas e as mediações dos convidados e juntamente com a equipe da unidade definir os nomes, as dinâmicas e as intervenções de cada encontro.

A relevância do projeto, que propõe homenagear a trajetória de grandes personalidades locais, atraiu um parceiro importante, a TV Comunitária e Educativa USP Piracicaba, da Universidade de São Paulo, vinculada à Escola Superior Luiz de Queiroz, que se propôs a gravar e editar as entrevistas. Sua grade de programação permite que até 15% do conteúdo exibido seja produzida localmente, com autonomia para gerir e inserir programas “comunitários” e apoio cultural da cidade. Os programas gravados nas edições de 2016 e 2017 podem ser encontrados no canal www.youtube.com/TVUsp.

Trajetórias

uma breve reflexão sobre
nossas matrizes culturais

2018

https://www.youtube.com/watch?v=hs-prG6D8M-U&list=PLfXk38BbOilo_UQzwbmenwYVuBWBUaoX

Em 2018, última edição até o momento do Projeto Trajetórias, a parceira institucional foi realizada com a TV Comunitária da Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, que disponibilizou os conteúdos gravados no canal www.youtube.com/TVUnimep.

<https://www.youtube.com/watch?v=rA-pyoqoLevk&list=PL7hnZ9vGRBbJx1gMwTpL-fqAjEaNmfl9Z>

Neste ano, nossa pesquisa levantou cinco novas personalidades com trajetórias distintas, que serão retratadas ao longo de 2019. Assim, nossa intenção é continuar refletindo sobre o processo e a cultura do envelhecimento, além de valorizar um pouco da identidade dos personagens e da cidade, e vice-versa.

“O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.”
Carlos Drummond de Andrade



RESENHA/LIVRO

Cuidar – um documentário sobre a medicina humanizada no Brasil

(André François, 2006)



RAIO-X

**Jair de Souza
Moreira Júnior**

Formado em Odontologia, mestre e doutor em Odontologia Social pela Faculdade de Odontologia da Universidade de São Paulo (F USP). Atualmente integra a equipe de assistentes da Gerência de Saúde e Odontologia no Sesc SP.



Para exercer um trabalho na área de saúde é necessário um aperfeiçoamento técnico contínuo que possibilite ao profissional um desempenho mais adequado e que cause o menor sofrimento possível aos pacientes durante o processo de cuidado. Não fugindo a essa necessidade, como profissional da área de saúde, em toda a minha trajetória procurei me aperfeiçoar tecnicamente com o propósito de desempenhar um trabalho melhor nesta instituição, o Sesc.

Neste rumo, participei de uma disciplina durante o curso de mestrado, em 2003, onde me deparei com uma atividade em que me foi apresentada a Organização Não Governamental (ONG) Imagemágica, uma instituição que utiliza a fotografia como estímulo para transformação social, educacional e cultural, funcionando como instrumento terapêutico por meio de oficinas para crianças hospitalizadas e equipes de saúde.

Essa atividade me marcou bastante porque usava uma nova abordagem para discutir a temática da saúde, utilizando a máquina fotográfica como ferramenta para dialogar com os participantes sobre os diversos panoramas que compõem a sua realidade e, assim, possibilitar uma maior apropriação da questão, dialogando com a proposta de trabalho do Sesc, em que arte e cultura, por meio de diversas linguagens artísticas, ampliam o interesse do público participante.

Em um dos trabalhos da ONG Imagemágica, na carona do projeto Humanizando Relações – que percorreu 14 locais pelo Brasil –, seu fundador e fotógrafo, André François, já mergulhado no tema “cuidar”, documentou a medicina humanizada no país, se deparando com alguns desafios, entre eles se aproximar das pessoas fragilizadas pela doença sem gerar desconforto.

Com o tempo, à medida que o trabalho avançava, o fotógrafo percebeu que a câmera trazia conforto tanto aos doentes quanto aos profissionais de saúde. A fotografia funcionava além do registro, sendo uma mediadora entre dois olhares – o que é captado pela foto e o que se vê. Conforme afirma o autor: “Para mim, ser fotógrafo não é o fim, é o meio”.

O processo se encarregou de determinar um filtro. Segundo François, o cuidar foi se definindo em cada imagem, em cada gesto, agregando dignidade àquelas pessoas tão vulneráveis, sem acesso a outros serviços. O resultado deste surpreendente trabalho pode ser visto no livro *Cuidar – um documentário sobre a medicina humanizada no Brasil*, uma publicação na qual cada imagem pode sintetizar práticas de cuidado humanizado que valorizam o contexto social e a realidade das pessoas envolvidas.

No livro fica claro a importância da humanização nas práticas de cuidado, momento em que o profissional de saúde valoriza as particularidades da população atendida sem deixar de lado a dimensão social do processo de adoecimento.

Quando debatemos o aspecto da humanização para atualização das práticas de saúde e cuidado, não podemos negar a importância da evolução científico-tecnológica, mas precisamos



Quando debatemos o aspecto da humanização para atualização das práticas de saúde e cuidado, não podemos negar a importância da evolução científico-tecnológica, mas precisamos observar atentamente os valores humanistas de atenção à saúde associados à felicidade dos indivíduos.



Nessa perspectiva, quando pensamos no cuidado do idoso, um grupo que tem crescido cada vez mais em todo mundo e que possui uma parcela de indivíduos fragilizada e dependente, compreender qual a percepção que o cuidador tem a respeito de suas vivências e de seu vínculo com o sujeito se torna muito importante.

observar atentamente os valores humanistas de atenção à saúde associados à felicidade dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que experimentam um evidente desenvolvimento científico e tecnológico, as práticas de saúde e consequentemente de cuidado vêm enfrentando uma crise em sua continuidade, o que torna compreensível o surgimento de diversas propostas para sua reconstrução, considerando diversos aspectos, tais como integralidade, promoção da saúde, humanização, entre outros.

Para superar os desafios impostos pela complexidade das questões relacionadas à humanização das práticas de saúde e do cuidado, é preciso continuar a problematizar a natureza sociológica que impossibilita uma comunicação simétrica e transparente entre os sujeitos nesse campo. Ao longo de seu trabalho, ao contrário do que imaginava, o fotógrafo percebeu que a humanização está em pequenas atitudes do cotidiano. “Saber o nome do paciente, perguntar se a mãe está bem ou tentar entender o contexto familiar da pessoa internada são atitudes pequenas, mas poderosas e criativas, que constituem a verdadeira humanização”, afirma.

As práticas do cuidado envolvem ações pragmáticas que buscam respostas efetivas às doenças, porém sob uma ótica ampliada

e compartilhada, que respeita a cultura e a subjetividade de quem é cuidado, contando com a participação de atores formais e não formais, ressaltando uma permanente reflexão sobre a origem da ação que se efetiva com o objetivo de desenvolver uma prática emancipadora, que visa à autonomia do sujeito.

Nessa perspectiva, quando pensamos no cuidado do idoso, um grupo que tem crescido cada vez mais em todo mundo e que possui uma parcela de indivíduos fragilizada e dependente, compreender qual a percepção que o cuidador tem a respeito de suas vivências e de seu vínculo com o idoso se torna muito importante.

O cuidado se dá em uma relação na qual a subjetividade do outro é levada em conta, necessitando para isso que a interação entre os sujeitos seja respeitada e que os cuidadores possam aprender a lidar com seu próprio processo de envelhecimento e com os fatores estressantes ligados à sobrecarga do trabalho.

Além do registro do cuidar em hospitais e outros espaços, o autor percebeu a importância de cuidar dos cuidadores: “As equipes de saúde necessitam de cuidados tanto quanto os pacientes e seus familiares”.

Para grande parte dos cuidadores, cuidar do idoso significa lhes “proporcionar bem-estar”, auxiliando nas atividades que eles não conseguem fazer

sozinhos, proporcionando, assim, uma sensação de conforto e suprimindo as necessidades do idoso. Na montagem do documentário *Cuidar*, cenas fortes, porém escolhidas com delicadeza, tornaram as histórias daquelas pessoas mais vivas, dando sentido ao fotógrafo como um construtor de pontes: “O construtor de pontes tem de pesquisar muito. Tem de ver o solo, o céu, sentir o vento e principalmente conhecer os povos que vão utilizar a ponte”, explica François.

O fotógrafo, para o autor, nunca chega a um local sabendo como vai construir aquela ponte – cada ponte é uma realização única. Por isso, ele acredita que o livro é só o começo de novos pensares a respeito da verdadeira humanização.

Assim, concordando com a afirmação de François, para adentrar no universo do cuidar não é preciso avental nem máscara, basta vestir seus olhos com delicadeza.

Cuidar é servir; é oferecer ao outro, em forma de serviço, o resultado de nossos talentos, preparo e escolhas. Servir é, simultaneamente, ajudar ao outro e manifestar-se pelo que há de melhor em si. É expor-se ao mundo com habilidades as quais, na direção do outro, se transformam em ações que falam de nós. É muito bom falar de nós mesmos quando estamos praticando cuidados, praticando gestos de amor. O vocabulário do amor é sempre simples, todos os verbetes aplicam-se tanto ao masculino quanto ao feminino, às crianças e aos idosos, aos tranquilos, aos que sofrem... Por isso o cuidador precisa amar.

Paes, M. J.



O cuidado se dá em uma relação na qual a subjetividade do outro é levada em conta, necessitando para isso que a interação entre os sujeitos seja respeitada e que os cuidadores possam aprender a lidar com seu próprio processo de envelhecimento e com os fatores estressantes ligados à sobrecarga do trabalho.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DE ARTIGOS REVISTA MAIS 60: ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

A revista *mais 60: estudos sobre envelhecimento* é uma publicação multidisciplinar, editada desde 1988 pelo Sesc São Paulo, de periodicidade quadrimestral, e dirigida aos profissionais que atuam na área do envelhecimento. Tem como objetivo estimular a reflexão e a produção intelectual no campo da Gerontologia, seu propósito é publicar artigos técnicos e científicos nessa área, abordando os diversos aspectos da velhice (físico, psíquico, social, cultural, econômico etc.) e do processo de envelhecimento.

NORMAS GERAIS

Os artigos devem seguir rigorosamente as normas abaixo, caso contrário, não serão encaminhados para a Comissão Editorial.

- Os artigos não precisam ser inéditos, basta que se enquadrem nas normas para publicação, que serão apresentadas a seguir. Quando o artigo já tiver sido publicado deve ser informado em nota à parte sob qual forma e onde foi publicado (revista; palestra; comunicação em congresso etc.).
- Ao(s) autor(es) será(ão) solicitado a Cessão de Direitos Autorais conforme modelo Sesc São Paulo – quando da aceitação de seu artigo. Os direitos de reprodução (copyright) serão de propriedade do Sesc São Paulo, podendo ser reproduzido novamente em outras publicações técnicas assim como no Portal Sesc São Paulo www.sescsp.org.br.
- Os conceitos emitidos no artigo são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, obrigatoriamente, a opinião da Comissão Editorial da Revista.
- Todos os artigos enviados, e **que estiverem de acordo com as normas**, serão analisados pela Comissão Editorial que opinará sobre a pertinência ou não de sua publicação. No caso de aceitação do artigo, o(s) autor(es) será(ão) contatado(s) pelo correio eletrônico e terá(ão) direito a receber 01 (um) exemplar da edição em que seu artigo for publicado.
- Os artigos devem ser enviados para o endereço eletrônico revistamais60@sescsp.org.br.
- Os artigos devem conter enviar uma breve nota biográfica do(s) autor(es) contendo: o(s) nome(s); endereço completo; endereço eletrônico, telefone para

contato; se for o caso, indicação da instituição principal à qual se vincula (ensino e/ou pesquisa) e cargo ou função que nela exerce.

- Os direitos de reprodução (copyright) dos trabalhos aceitos serão de propriedade do Sesc, podendo ser publicados novamente e o autor também autoriza disponibilização no sítio www.sescsp.org.br.
- Os trabalhos aceitos serão submetidos à revisão editorial e apenas modificações substanciais serão submetidas ao(s) autor(es) antes da publicação.

APRESENTAÇÃO DOS ARTIGOS

- a) Os **ARTIGOS** deverão ser apresentados em extensão .doc ou .docx e devem conter entre 20.000 e 32.000 caracteres, sem espaço, no total. Isto é, incluindo resumo, *abstract*, bibliografia.
- b) O **RESUMO** deve apresentar de forma concisa o objetivo do trabalho, os dados fundamentais da metodologia utilizada, os principais resultados e as conclusões obtidas e conter cerca de **200 palavras**. Deve vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as palavras-chave.
- c) O **ABSTRACT** também deve conter cerca de 200 palavras e vir acompanhado por até cinco palavras que identifiquem o conteúdo do trabalho, as *keywords*.
- d) O **ARTIGO** deve conter: Introdução, Desenvolvimento e Conclusão ou Considerações Finais, *não necessariamente com essa denominação*.
- e) As referências bibliográficas, notas de rodapé e citações no texto deverão seguir as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas ou as Normas de Vancouver.
- f) **CATEGORIAS DE ARTIGOS**: Resultados de pesquisa (empírica ou teórica), Relatos de experiência, Revisão de literatura.
- g) **ILUSTRAÇÕES**: As ilustrações (gráficos, fotografias, gravuras etc.) devem ser utilizadas quando forem importantes para o entendimento do texto. Pede-se que fotos (mínimo 300 dpi), mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma que permitam a qualidade da reprodução. As ilustrações deverão ser numeradas no texto e trazer abaixo um título ou legenda, com indicação da fonte/autor.
- h) **FOTOS**: No caso de utilização de fotos (necessariamente em alta resolução, mínimo de 300 dpi) devem vir acompanhadas de autorização de veiculação de imagem do fotografado e com crédito e autorização de publicação do fotógrafo (modelo Sesc São Paulo).



O Sesc – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O Sesc de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o Sesc São Paulo conta com uma rede de 40 unidades, disseminadas pela capital, grande São Paulo, litoral e interior do estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em odontologia e cinema.

CONSELHO REGIONAL DO SESC – 2014-2018

Presidente Abram Szajman
Diretor do Departamento Regional Danilo Santos de Miranda

Membros Efetivos Benedito Toso de Arruda, Cícero Bueno Brandão Júnior, Dan Guinsburg, Eládio Arroyo Martins, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Luiz Carlos Motta, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva, Valterli Martinez

Membros Suplentes Aguinaldo Rodrigues da Silva, Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Ana Maria Mazarin da Silva, Antonio Cozzi Júnior, Célio Simões Cerri, Costábile Matarazzo Junior, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Pedro Abrahão Além Neto, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes, William Pedro Luz

REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL

Membros Efetivos Abram Szajman, Ivo Dall’Acqua Júnior,
Rubens Torres Medrano

Membros Suplentes Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre,
Vicente Amato Sobrino

mais60

ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO

Volume 29 | Número 72 | dezembro de 2018

NESTA EDIÇÃO:

Idosos que cuidam de idosos – essa situação tem se apresentado com frequência nos serviços de atenção à saúde, porém, é pouco discutida. A profissão de cuidadores idosos, suas dificuldades e perspectivas, é tema do artigo da assistente social Naira de Fátima Dutra Lemos. As ilustrações relacionadas ao artigo de capa foram produzidas pela designer gráfica Mariana Waechter.

A temática sobre o cuidado continua, por um outro ponto de vista, na reflexão das psicólogas Rilza Xavier Marigliano e Claudia Aranha Gil no artigo *O cuidador formal domiciliar de idosos: aspectos psicológicos e vivências emocionais*.

As experiências sociais da velhice no cárcere são compartilhadas no artigo das assistentes sociais Nadia Regina Wacheleski e Beatriz Gershenson; já a valorização das histórias de vida e trabalho de idosos podem ser lidas no artigo *Narrativas de velhos*, das psicólogas Eloisa Borges e Marasônia Corrêa da Silva.

Um olhar sobre o envelhecer numa aldeia indígena traz – em forma de relato de experiência da indigenista Marina Marcela Herrero – reflexões sobre momentos felizes, tristes e difíceis na vida de idosos indígenas de 55 aldeias no Brasil.

O cuidado que valoriza o contexto social e a realidade das pessoas envolvidas é assunto da resenha escrita por Jair de Souza Moreira Júnior, sobre o livro: *Cuidar – Um documentário sobre a medicina humanizada no Brasil*.

O Painel de Experiências apresenta o projeto *Trajetórias – Uma breve reflexão sobre nossas matrizes culturais* para lançar luz sobre personalidades de destaque, cujas obras, na dinâmica cultural e social, refletem na riqueza do material que produziram e ainda produzem; e a entrevista da professora doutora Ana Mae Barbosa, e referência em arte-educação no país, completam esta edição.

sescsp.org.br



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em

